UC-NRLF
$B 41 317
YC 27863

Editora Livraria Magalhães
SÃO PAULO
CAIXA, T
Rua Libero Badaró, 68

c.g
m
n

THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF CALIFORNIA

PRESENTED BY
PROF. CHARLES A. KOFOID AND
MRS. PRUDENCE W. KOFOID

TRADUCÇÃO DE A. E. ZALUAR

OS SABIOS ILLUSTRES

POR

LUIZ FIGUIER

CHRISTOVÃO COLOMBO

EDITORES, OLIVEIRA & C.A

RIO DE JANEIRO

1869

-2805-56

Typographia Americana — Rua dos Ourives n. 19.

E111
F5

A Sua Excellencia

O Sr. VISCONDE DE INHAUMA

JOAQUIM JOSÉ IGNACIO

COMMANDANTE EM CHEFE DA ESQUADRA BRASILEIRA EM OPERAÇÕES NO PARAGUAY.

Offerece

O TRADUCTOR.

CHRISTOVÃO COLOMBO

OU

O DESCOBRIMENTO DA AMERICA

Tanto na ordem physica, como na ordem moral, não se produz cousa alguma sem um preparo sufficiente. A natureza não desdobraria na primavera o variado painel das maravilhas da vegetação renascente, se durante o inverno, se não houvesse prevenido no seio da terra por uma serie de mysteriosas operações. Sob o ponto de vista da imaginação e do pensamento, trabalho identico de preparação e elaboração se realisa nas entranhas da humanidade, durante a successão das idades. É d'esse trabalho, ora apressado, ora lento, segundo os tempos e os lugares que resultam as descobertas, as invenções e todos os desenvolvimentos que constituem a marcha ascendente do espirito humano. Quando se lê com attenção a historia das sciencias e das artes, reconhece-se que os mais importantes inventos tiveram sempre por origem idéas primitivas que se achavam

M311708

mescladas em antiquissimas tradições. Acompanhando na historia das sciencias e da industria, a natural filiação dos factos e as successivas transformações das mesmas idéas, percebe-se como as descobertas nascem umas de outras, como cada uma suppõe muitas vezes uma multidão de outras que pertencem a tempos anteriores. Da aproximação de alguns factos conhecidos desde tempo immemorial, e na apparencia isolados nas tradições dos seculos, é que resultam essas grandes conquistas da sciencia, que tão profunda acção tem exercido nos destinos do genero humano.

Poderiamos comprovar com varios exemplos essa verdade. Limitar-nos-hemos a um só que faz parte do assumpto de que vamos tratar.

É antiquissima a opinião que admitte a esphericidade da terra. Alexandre de Humbold e o Dr. Hœfer compendiaram ácerca dos conhecimentos dos antigos relativamente á fórma do globo, distribuição das terras e dos mares, curiosas particularidades.

Presentio-se, na antiguidade, a possibilidade de alcançar as margens da India, navegando ao oéste da Hespanha.

« A terra é redonda, escreve Aristoteles. Não é muito grande, e o mar que banha o litoral, além das columnas de Hercules, banha igualmente as costas visinhas da India. »

Seneca, adoptando o parecer de Aristoteles ácerca da pequenez da terra, o reproduz em termos que a exageram um pouco.

« Então, depois de haver cuidadosamente observado, diz elle, o

espectador encara com desdem a extensão de seu antigo dominio; porquanto desde as extremas margens da Hespanha até ás Indias, que espaço se comprehende? Um espaço que em poucos dias vencerá um navio a todo o panno com vento de feição. »

Em dous trechos, affirma Strabão que na propria zona temperada que habitamos, e sobretudo nas proximidades do parallelo que passa por Thina e atravessa o mar athlantico, podem existir duas terras habitadas e talvez mais de duas. Alexandre de Humbold diz a este respeito, que « esta é uma prophecia da America e das ilhas do mar do sul, mais racional que a vaga prophecia da *Medéa* de Seneca. »

Eis o texto dos versos propheticos da *Medéa* de Seneca, de que falla Humbold:

Vennient annis
Sæcula suis, quibus Oceanus
Vincula rerum laxet, et ingens
Pateat tellus; Tetysque novos
Detegat orbes; nec sit terris
Ultima Thule.

« Em tempos ainda de nós bem remotos, virá um seculo em que o oceano permittirá que as cousas tomem seu livre curso, que uma grande terra appareça, que Thetys deixe aperceber novos mundos, e que Thesle (a Islandia) não seja o extremo limite das terras. »

Este trecho attrahio muito a attenção de Colombo. Duas vezes o copiou de seu proprio punho, no borrão do seu livro *las Profecias*.

Macrobio, no *Commentario do roubo de Scipião*, acredita tambem que um navegador, indo de oeste a éste, deverá encontrar no caminho, um continente onde se acham os nossos antipodas.

Na meia idade, Alberto o Grande e Rogerio Bacon examinaram, discutiram, commentaram as proposições dos antigos a respeito da extensão e distribuição das terras e dos mares, etc.

« Toda a zona torrida é habitavel, diz Alberto o Grande, e só a ignorancia popular acredita que aquelles cujos pés estão contrapostos aos nossos devem necessariamente cahir. No hemispherio inferior reproduzem-se os mesmos climas, do outro lado do equador, etc. »

« O mar, escreve Rogerio Bacon, não cobre, como se pretende, as tres quartas partes do globo. É já evidente que grande extensão d'esta quarta parte se deve achar sobranceira ás nossas regiões habitadas; porque o oriente está proximo do occidente; o mar que os separa é pequeno e não ultrapassa a metade da esphera terrestre. »

Assim pois, no começo do decimo quinto seculo, a esphericidade do globo terraqueo, a mediocridade de sua extensão, a existencia dos antipodas, a probabilidade de que se não conhecessem ainda todas as terras habitaveis, e a possibilidade de alcançar a India navegando sempre a oeste da Europa eram opiniões antigas muito vulgarisadas, especialmente nos paizes que os arabes haviam habitado.

É grande, porém, a distancia da simples presumpção á certeza que resulta da experiencia. Para se chegar a esta preciso era que um homem, dotado em gráo elevadissimo, de uma reunião de qualidades raras e um peculio de sufficientes conhecimentos, apparecesse em um complexo de circumstancias favoraveis.

Este homem appareceu. Foi Christovão Colombo.

I

Quasi todos os homens superiores nasceram da classe do povo. Assim os primeiros tempos de sua vida se envolvem a maior parte das vezes, em profunda obscuridade.

Deu-se a respeito de Colombo o que aconteceu com Homero. Muitas familias e muitas cidades e aldêas disputaram a honra de lhe haver dado o berço. Os eruditos e os commentadores empenharam-se, n'esta materia, em investigações e controversias, cuja analyse não teria aqui utilidade. O que parece assente, é que Colombo vio a luz em Genova, pois que duas vezes o affirma no seu testamento. Talvez nascesse, não precisamente em Genova, mas em Cogoletto, pequeno porto que antigamente era como um bairro de Genova, e que se atravessa, antes de entrar n'aquella cidade, seguindo a estrada de Corniche.

Um de seus contemporaneos, Andrez Bernardez, conhecido, como escriptor, com o nome de *Cura de los Palacios*, diz que Colombo nascera em Genova, e que vendia livros impressos, no que negociava em Andaluzia. Outro escriptor, Las Casas, autor da *Historia das Indias*, accrescenta que Christovão Colombo, pobrissimo em sua juventude, ganhava a vida na cidade de Genova, vendendo cartas maritimas aos pilotos e aos navegantes.

Fernando de Navarrette, escriptor hespanhol, que extrahio dos archivos da monarchia de Hespanha todas as

peças e todos os documentos authenticos relativos a Christovão Colombo, exprime-se deste modo:

« As opiniões sobre a época precisa do nascimento de Colombo e sobre a dos primeiros acontecimentos de sua vida, são ainda mais varias do que as que se prendem ao lugar de seu nascimento. »

Segundo Andrez Bernardez, *Cura de los Palacios*, Christovão Colombo nasceu entre 1435 e 1436. É a data que Fernando de Navarrette, o cavalheiro de Napioni e Alexandre de Humbold assignam como a mais provavel. Outros biographos, porém, designam outras, muito differentes.

Possuimos a *Historia de Christovão Colombo (Historia del Amirante)* escripta e publicada por seu filho, Fernando Colombo, obra traduzida em francez em 1681, e que foi em nossos dias, de novo vertida por M. Ch. Merruau. Parece que um tal livro, uma biographia composta por seu proprio filho, devia tirar toda a duvida, fornecer os mais precisos esclarecimentos ácerca da familia de Christovão Colombo, da época e lugar do seu nascimento, dos primeiros annos de sua vida, circumstancias de sua familia, etc. De tudo isto nada consta, porém, no livro de Fernando Colombo.

Qual seria o motivo porque o filho de Christovão Colombo passou em silencio ou deixou em vaga obscuridade muitos pormenores que tanto se desejaria conhecer, visto que se prendem a uma d'estas soberanas individualidades que formam época na historia da humanidade? Um preconceito deploravel suspendeu aqui a penna do escriptor e do filho. Fernando Colombo envergonhou-se da baixa extracção

de sua familia. Procurou encontrar-lhe uma nova origem; o que tentou desageitadamente.

« Como o nascimento, diz elle, muito contribue para a gloria « dos grandes homens, alguns de meus amigos, sabendo que escrevia « a vida do almirante Christovão Colombo, meu pai, quizeram que « fallasse em seus *illustres avós* e que o fizesse descender d'aquelle « famoso Colon que desafiou Mithridates, etc..... Dizem uns que « nasceu em *Numi* ou em *Cogoletto*, pequeno burgo nas proximi- « dades de Genova: outros em Savone ou Placencia. Encontram-se « ainda n'esta ultima cidade pessoas consideraveis, de sua familia « e se veem tumulos com os nomes e as armas dos Colombos.

« Christovão Colombo, accrescenta o filho, desde os primeiros « annos de sua vida, foi logo iniciado nos principios da sciencia, « e depois havendo-se mais especialmente consagrado ao estudo « da navegação, foi visitar em Lisboa um de seus irmãos, que de- « senhava cartas maritimas, e com elle aprendeu a cosmographia. « Em Lisboa teve muitas occasiões de encontrar-se com pessoas « que ião para Africa, e foi conversando com ellas que presumio, « segundo de seus discursos se deprehende, que tinha a descobrir « terras desconhecidas.

« ...Visto que a mocidade do almirante, continúa Fernando Co- « lombo, se havia dedicado ao estudo das sciencias, particularmente « da *cosmographia*, da astronomia, da geometria e da navegação, « deve concluir-se que não exerceu nunca mister algum baixo e « servil. »

Eis como este filho, bem inspirado, procura explicar as occupações de Christovão Colombo em seus primeiros annos. Não quer que haja exercido « emprego algum servil. »

O pai de Christovão Colombo era cardador. É isto que seu filho não quer dizer-nos, mas que muito bem se sabe. Se Fernando Colombo em lugar de nos informar, ácerca da

infancia e da primeira juventude do grande almirante, de factos que não podia ignorar, se dedicou ao contrario a envolvel-os em espessa nuvem, resulta isto de que queria occultar a verdadeira profissão « o mister servil » de seu avô.

« Se o nosso primeiro pai, Adão, se lembrasse de tomar o titulo de imperador, todos nós seriamos principes », dizia Arlequim. Teria poupado isto bastantes difficuldades á historia.

Christovão Colombo era simplesmente filho de um cardador estabelecido em Genova. Teve dous irmãos, Bartholomeu e Giacomo ou Jacques (em hespanhol, Diogo), e uma irmã de que apenas se sabe haver-se casado com um homem de condição obscura.

Christovão Colombo foi o primogenito. Aprendeu na infancia, a ler e a escrever. Ensinaram-lhe depois a arithmetica, o desenho e a pintura. Segundo Las Casas, tanto se distinguio no estudo d'estes diversos ramos de conhecimentos que, á falta de outros recursos, podia fornecer-lhe meios de subsistencia.

Como mostrára, mui precocemente, gosto para todas as investigações concernentes ás que se casam á navegação, enviaram-o muito moço para a Universidade de Pavia, com o fim de estudar a grammatica, o latim, e os diversos ramos das sciencias applicadas á marinha, taes como a geometria, a astronomia e a geographia.

Colombo não fez longa assistencia na Universidade de Pavia. Quando muito teve tempo de habilitar-se nos primeiros elementos das sciencias, sendo logo chamado á casa paterna.

Um autor contemporaneo, Giustiniani, refere, nos seus *Annaes*, e outros escriptores o confirmaram depois, que Colombo destinado á profissão de seu pai, encetou em Genova o seu aprendizado de cardador. Fernando, seu filho, em sua biographia, repelle vivamente, como era de esperar, semelhante asserção. É provavel que o joven Colombo, no apuro de escolher entre o officio de seu pai e a vida de marinheiro, immediatamente se dicidisse pelo ultimo partido, de todo o ponto conforme a seus gostos e caracter emprehendedor e audaz.

Foi pouco depois de seu regresso da Universidade de Pavia que, pela primeira vez, embarcou em um navio. Não devia ter então mais de dezeseis annos.

Em 1459, o duque da Calabria, João d'Anjou, resolveu recuperar a corôa de Napoles. Seu pai, Renato, conde de Provença, tripolou á sua custa, no porto de Marselha, doze galeras, e lhe prometteu, além d'isto, o patrocinio do rei de França e abundantes subsidios.

Os genovezes esposaram com calor a causa de João d'Anjou, e lhe forneceram navios e dinheiro.

O lado brilhante e cavalheiresco d'esta empresa abalou vivamente os homens d'aquella época, visto que as aventuras perigosas, as mudanças de scena e constante mobilidade eram como uma necessidade do temperamento. Soldados da fortuna, corsarios intrepidos, partidarios assalariados, audaciosos aventureiros, foram em chusma jurar as bandeiras do duque da Calabria.

Colombo, devia então ter pouco mais de vinte annos (n'esta época). Desde seu regresso de Pavia e partida de Genova haviam decorrido nove a dez annos. Que fez

elle durante esse periodo? Sem duvida, viajou muito, e consagrou ao estudo o tempo que lhe ficava disponivel. Tomou parte na expedição de João d'Anjou. Mas, como e a que titulo, é o que se ignora.

Dous marinheiros já celebres com o nome de Colombo, tio e sobrinho, que Fernando, filho de Christovão, apresenta como dous membros de sua familia, formaram parte da expedição do duque da Calabria. Pretendem historiadores que Christovão servisse em uma esquadra commandada por um dos dous Colombos, seus parentes. Um facto que confirma esta opinião, é que em certa época, houve um commando separado, ao serviço do rei de Napoles, como prova uma carta que mais tarde dirigio ao rei de Castella. Ora, este commando, suppõe alguns serviços anteriores.

Depois de se haver mantido durante quatro annos com alternativas de fortunas e revezes, a empresa de João d'Anjou mallogrou-se. Foi sem duvida mais tarde que Colombo obteve o commando separado de que se trata na carta de 1495, em que acabamos de fallar. Mas logo se perde de vista, e mal apenas no intervallo de muitos annos se encontra d'elle alguns vestigios na historia. Crê-se que emprehendeu varias viagens ao Mediterraneo e ao Levante, ora entregue ao commercio, ora empenhado nas lutas que frequentemente se travavam entre as republicas italianas. É certo que visitou a ilha de Chio, onde vio de que modo ahi se preparava o bitume; pois é elle proprio quem o diz.

Confundio-se muita vez Christovão Colombo com um

velho almirante genovez, chamado Colombo, ou com seu sobrinho, terrivel corsario, do mesmo nome.

« Meu pai, diz Fernando Colombo, navegou, durante vinte e trez annos no levante e no poente, sem abandonar o mar, e em parte alguma encontrou portos tão bons e tão bellos como os das Indias. »

«... O encontro que teve com um homem de sua familia chamado *Colombo o moço* foi o que mais o determinou a dirigir-se á Hespanha e consagrar-se com duplo empenho á navegação. Este homem, muito conhecido por haver commandado uma esquadra contra os infieis é precisamente o mesmo Colombo, que se apoderou das quatro geleras venezianas. »

Fernando narra este feito nos seguintes termos:

« Christovão e Colombo o moço, diz elle, embarcaram largo tempo juntos. Tiveram noticia um dia que quatro galeras venezianas voltavam de Flandres; deram-lhe caça e encontrando-as entre Lisboa e o cabo São Vicente de Portugal, abordaram-as. De manhã até á tarde combateu-se de parte a parte com igual furor. Á entrada da noute, incendiou-se uma galera veneziana e communicou o fogo á em que se achava Christovão Colombo; porque, emquanto durou o combate, as duas galeras se haviam agarrado uma á outra e tornou-se impossivel extinguir as chammas. O unico partido que desde logo se apresentou com algumas probabilidades de bom exito, era atirarem-se ao mar, e foi o que aconteceu. Colombo, achando na agua um remo ao alcance da mão, apoderou-se d'elle, e aproveitou-o com acerto para escapar ao perigo. Nadou duas legoas auxiliado pelo remo. Afinal abordou e dirigio-se para Lisboa, onde estava certo de encontrar muitos genovezes de seu conhecimento. »

O filho não diz que idade tinha então Colombo.

Atirado assim em Lisboa por um acontecimento imprevisto, Christovão Colombo, perfeitamente acolhido por seus

compatriotas, angariou amigos, e dando-se bem na capital de Portugal, resolveu ali domiciliar-se; fel-o e casou-se.

Tomára por costume todos os dias ouvir missa na igreja de um convento da cidade. Ora, n'este convento estava uma moça de boa familia, D. Filippa. Ella distinguio Colombo e quiz conhecel-o.

D. Filippa era filha de um navegador de grande nomeada, Bartholomeu Perestrello, o qual, no tempo do principe Henrique de Portugal, fôra governador de Porto-Santo. Perestrello havia ha pouco morrido sem fortuna; mas a menina tinha ainda mãi.

Colombo desposou D. Filippa. Depois do casamento, foi morar com sua mulher em casa da sogra.

Talvez caiba agora tentar a largos traços, um esboço da physionomia do celebre navegador. Seu proprio filho nos fornece os dados em que nos fundamos.

Christovão Colombo tinha o resto comprido e cheio, o nariz aquilino, os olhos vivos e brilhantes. Teve cabellos louros durante a primeira mocidade; mas, apoz os trinta annos, começaram a tornar-se grisalhos. Comia e bebia moderadamente. Tinha tão desenvolvido o sentimento religioso, que talvez a elle se devesse aquella firmeza d'alma e intrepidez de caracter que o tornava sempre senhor de si e lhe permittia conservar inteira liberdade de espirito, deliberar com calma e sangue frio, até no meio dos maiores perigos. Simples no trajar e nas maneiras, era amavel e polido para com os estranhos, bom e equitativo para com os subalternos.

Um dia, sua sogra contou-lhe que seu amigo Perestrello, se havia associado outr'ora com dous capitães, seus amigos,

para descobrirem novas terras, e que convencionaram, associando-se, que cada um teria em partilha o terço da descoberta. Accrescenta que a primeira terra assim encontrada foi a da Madeira e do Porto-Santo.

Teria cerca de trinta e cinco annos quando, em virtude do casamento com D. Filippa, se estabeleceu e ficou em Lisboa. Não possuia fortuna, e sua mulher, com quem casára por amor, não lhe trouxera dote. Mas provavel é que sua sogra desfrutasse uma limitada pensão. Além d'isto, Colombo, genro de um homem que prestára serviços a seu paiz e deixára nome celebre, não podia ser olhado em Lisboa como um estranho abandonado. Achava-se de posse dos papeis, cartas e jornaes de seu sogro. Estudou os roteiros seguidos até então pelos navegadores. Toda a vez que se lhe proporcionava occasião, interrogava os marinheiros reputados mais habeis. Consignava cuidadosamente por escripto todas as informações que podia obter. Vendo-se pelo casamento e residencia, naturalisado portuguez, foi admittido varias vezes a formar parte das expedições enviadas á costa de Guiné. D'este modo, em curto tempo, estava iniciado completamente nos planos e concepções da marinha portugueza.

Nos intervallos d'estas viagens, que Colombo não emprehendia seguramente á sua custa, dedicava-se a fazer cartas e globos, que vendia aos navegantes, e cujo producto era applicado quer á subsistencia de sua familia, quer em soccorrer seu velho pai que residia sempre em Genova, quer a educar seus jovens irmãos. Tendo um rendimento muito parco, via-se obrigado a viver com extrema economia. Em uma época em que todas as imaginações se volviam para

as descobertas maritimas, as cartas exactas eram mui raras e procuradas, e só podia compol-as quem houvesse adquirido, em cosmographia e geographia, uma instrucção que excedesse então o limite ordinario dos estudos. Colombo deu prova, n'este genero, de uma superioridade que attrahio a attenção dos sabios e lhe conseguio uma certa notoriedade.

Foi durante a sua residencia em Lisboa, e sem duvida com auxilio dos documentos que achára entre os papeis de seu sogro, que Colombo principiou a preoccupar-se com a idéa de um novo caminho para chegar á India.

Dirigio-se a navegadores provectos; informou-se da derrota que seguiam n'este tempo os portuguezes para irem ao sul. Depois, raciocinando com os diversos dados que lhe haviam sido fornecidos, inquirio a si mesmo, se não sería possivel, navegando para oeste, adiantar-se para essa costa, tanto quanto já a haviam devassado para o meio-dia, e n'essas regiões descobrir algumas novas terras. Voltou, pois, a seus livros de cosmographia, astronomia e geographia. Foi então, de certo, que obteve os diversos escriptos latinos e arabes, onde se achavam compendiadas, em geographia, as opiniões da antiguidade e da idade média, ácerca da fórma e extensão do globo, a situação relativa das terras e dos mares, etc. Leu o *Imago mundi*, livro que, conforme M. Hæfer, foi de algum modo o manual geographico, o *vade mecum* de Christovão Colombo.

N'este tempo vivia em Lisboa um conego chamado Fernando Martinez, que estava muito relacionado com um sabio astronomo italiano, Toscanelli.

No tempo de D. Affonso, rei de Portugal, o conego Mar-

tinez sustentára com Toscanelli uma correspondencia sobre as viagens maritimas ás costas da Nova Guiné e possibilidade de navegar para o occidente. Colombo escreveu a Toscanelli, por intermedio de um florentino, que se achava em Lisboa. O sabio respondeu-lhe:

« Conheço, por vossa carta, o nobre desejo de que vos achais possuido de fazer descobertas. Mando-vos copia de uma carta que escrevi por estes dias a um de meus amigos, o conego Martinez. O rei de Portugal pedio-me que lhe escrevesse a respeito de cousas semelhantes ás que me solicitais. Remetto-vos uma copia da resposta que lhe dei, com uma carta maritima (roteiro) que lhe servirá de esclarecimento. »

A carta de Toscanelli ao conego Martinez é comprida. Fernando Colombo a transcreve em sua integra. Encontra-se tambem na *Historia de Christovão Colombo* de Rossi.

Era datada a referida carta de Junho de 1474. Os commentadores acreditaram que o sabio florentino bebêra a maior parte d'estas noções nas *Viagens* de Marco Polo. Humbold não partilha esta opinião.

As cartas de Toscanelli exerceram no espirito de Christovão Colombo profunda impressão. No diario da navegação de sua primeira viagem, reproduz quasi textualmente os termos de que se servíra o astronomo de Florença. Toscanelli, em cosmographia, foi uma das grandes autoridades do seculo, e Colombo, apreciando achar-se de accordo com elle, relêra muitas vezes as cartas que recebeu, apropriando-se-lhes dos termos e expressões.

N'esta época, as novas descobertas geographicas; as glorias e riquezas que proporcionaram aos navegadores que

as emprehenderam; as viagens, de dia para dia mais frequentes, ás costas d'Africa e da Guiné; a opinião, geralmente divulgada, que novas terras ainda havia para descobrir, excitavam em todos os espiritos um ardor febril. Os trabalhos scientificos, que sempre com fidelidade acompanham o impulso e as aspirações de cada época, inclinavam-se principalmente á geographia. Colombo, em relação com os sabios e os navegantes, occupava-se constantemente em compulsar as cartas, estudando os progressos da navegação. Por parte da familia de sua mulher achava-se elle collocado em um centro, onde as conversas quasi exclusivamente versavam ácerca da marinha. Tudo concorria pois para attrahir a seu espirito este assumpto.

Foi residir, por algum tempo, na ilha de Porto-Santo. Ali lhe nasceu um filho, a quem chamou Diogo.

Sua mulher herdára alguns bens n'esta ilha; e tendo-se augmentado a abastança domestica, Colombo pôde consagrar algum tempo mais ao estudo.

A cunhada de Colombo casou com um navegante já celebre, Pedro Corrêa, que fôra governador de Porto-Santo. Todos estes maritimos se reuniam muitas vezes, e nas conversas da intimidade, frequentemente se tratava de viagens de reconhecimento na visinhança ao longo das costas d'Africa, da passagem tantas vezes procurada para ir de Portugal ás Indias, e da possibilidade que para o occidente existissem terras desconhecidas.

Na mente de Colombo regorgitavam estes pensamentos; porque, traçando e comparando cartas, admirava-se de vêr que uma grande parte do globo era ainda desconhecida. Em sua residencia na ilha de Porto-Santo, pra-

ticava muitas vezes com os navegantes que partiam para a costa de Guiné ou que de lá voltavam.

N'essa época, fecunda em homens notáveis e grandes acontecimentos, havia, mesmo nas mós populares, uma singular actividade de espirito, uma verdadeira exuberancia de imaginação. Sob a influencia d'este enthusiasmo, uma tèa de fabulosas narrativas era repetida entre os habitantes das ilhas e das paragens visinhas d'Africa.

Um indigena da ilha da Madeira, Antonio Leone, contou a Colombo que navegando um dia para oeste, descobrira tres ilhas, cuja existencia era ignorada na costa. Os habitantes das Canarias acreditavam divisar, de vez em quando, ao oeste, uma grande ilha que lhes apparecia coroada de altas montanhas. Só por intervallos se deixava aperceber; mas sempre sob a mesma fórma e no mesmo lugar, quer o tempo estivesse calmo ou sombrio. Os habitantes das Canarias tanto acreditavam n'esta ilha, que pediram ao rei de Portugal lhes permittisse tomar posse d'ella.

Muitas expedições foram dirigidas para as regiões onde se suppunha lobrigar aquella ilha phantastica. Era pura illusão d'optica, illusão que não deixava de se reproduzir de quando em quando, e que servio para engendrar as mais singulares explicações. Segundo uns, era a famosa Atlantida, de que tanto fallaram os antigos. Segundo outros, era a ilha das *Sete Cidades*, denominação que lhe viera de uma antiga lenda, a qual rezava que, depois da conquista da Hespanha pelos mouros, sete bispos partiram após uma multidão de fieis, e guiados pelo céo,

foram dar a uma ilha desconhecida do oceano, e ahi fundaram sete cidades magnificas. Para alguns era a ilha São Brandran, nome que lhe vinha de um padre escossez, o qual, no sexto seculo, desembarcára n'aquella ilha com tres mil religiosos.

Estes contos e lendas preoccupavam então seriamente os portuguezes; mas Christovão Colombo não dava credito a cousa alguma d'estas. Suppunha, com razão, que estas ilhas nebulosas eram apparencias produzidas pelos rochedos levantados no oceano, e que, apercebidas em um horisonte cáliginoso, quando o estado atmospherico e os movimentos da luz concorriam para as produzir, se lhe apresentavam aos olhos, e sobretudo á imaginação, como ilhas reaes.

Colombo tomou nota cuidadosamente de todos os boatos que circulavam entre os marinheiros de Porto-Santo. Mas concentrava-se sempre em suas meditações e estudos. Lia, examinava, comparava o que os antigos, os arabes e os sabios da idade média haviam escripto de mais notavel ácerca da physica do globo.

Considerando que a terra é espherica, concluia que se podia rodear de éste a oeste. Como partilhava o erro dos antigos sobre a pequenez do globo terrestre, ao qual não concediam mais de mil e seiscentas legoas de diametro, ou cerca de cinco mil legoas de circumferencia, emquanto esta na realidade é de dez mil legoas de quatro kilometros, esperava, depois de navegar oitocentas legoas, deparar com os antipodas e encontrar d'este modo as Indias.

O raciocinio era justo, salvo a longitude da viagem,

que era mal estimada, e salvo o encontro do continente da America, com que se não contava e se deparou no caminho dos navios.

Além d'isso tomava cuidadosamente nota das narrativas que encontrava nos escriptos e nas confidencias dos navegantes.

O piloto portuguez Martim Vicente lhe disse que, navegando a quatrocentas e cincoenta legoas para oeste do lado do cabo São Vicente, tirou da agua um pedaço de madeira perfeitamentte trabalhado, que o vento de oeste devia ter impellido por espaço de muitos dias. Concluio d'isto que nas regiões occidentaes existia uma ou muitas ilhas desconhecidas.

Pedro Corrêa, seu cunhado, lhe disse que nas proximidades de Porto-Santo, encontrára um madeiro semelhante ao que havia achado o piloto Martim Vicente, e que tambem vinha das regiões de oeste.

Os habitantes das ilhas dos Açores lhe communicaram que nos dias em que sopravam os ventos de oeste, o mar atirava ás ribas grandes pinheiros de uma especie desconhecida nas ilhas. Accrescentavam que os habitantes da ilha das Flôres acharam, nas praias, cadaveres de homens mui differentes de todos os que haviam até então visto.

Não reproduziremos todos os factos analogos relatados por Fernando Colombo, que os havia sem duvida encontrado nos papeis de seu pai. Basta-nos assignalar os factos principaes de que partio o grande navegador, para conceber o seu vasto projecto e adquirir a confiança em suas idéas e a profunda convicção sem as quaes se não póde realisar cousa alguma de vulto.

Foi durante a sua residencia em Lisboa que Christovão Colombo aprofundára a historia d'esta magna questão e amadurecêra o seu designio. A um tempo homem de acção e de negocio, tanto o preoccupava o cuidado de fundar a sua gloria futura como o de garantir seus interesses pecuniarios. O plano que havia combinado abrangia esta dupla condição.

Foi ao rei de Portugal, D. João II, que Christovão Colombo resolveu revelar o seu projecto; pois sabia que a côrte de Lisboa havia recompensado com extraordinaria liberalidade as descobertas e empresas maritimas. Obteve, a instancias suas, uma audiencia do rei.

« O principe, depois de o ter ouvido, diz Fernando, não penetrou primeiro em seu sentir; porém Colombo, insistindo, accrescentou tão boas razões ás primeiras emittidas, que a final o rei pareceu convencido. Tratou-se depois do que Colombo pedia para si e para estabelecimento de sua fortuna, caso a empresa tivesse bom resultado. »

Vê-se que Colombo era previdente, e que queria assegurar os lucros de sua expedição futura, antes mesmo de haver sido aceito o projecto d'essa expedição.

Mas el-rei D. João II não andava com tanta pressa. Antes de conceder, pedio tempo para reflectir.

N'este entretanto, consultou o Dr. Calzadiglia. O doutor era de certo algum casuista. Com effeito, aconselhou o rei que mandasse um habil piloto em procura da terra desconhecida, cuja existencia era quasi segura no dizer de Colombo.

« Se a encontrar, ponderou o doutor, a descoberta está feita, e Vossa Magestade não terá de conceder grande recompensa a Colombo. »

A reflexão era acertada. Apenas se temeria offender um simples particular suggerindo-lhe este alvitre, em caso analogo. Como o poderia aceitar um rei?

Não só D. João II, aceitou o conselho, como não se demorou em realisal-o. Fingindo remetter viveres e soccorros ás ilhas de Cabo-Verde, mandou sahir secretamente uma caravella. O piloto seguio exactamente a indicação que Colombo havia traçado em presença do rei. Mas, pouco versado nos conhecimentos de geographia, mudou de rumo sem o aperceber. Errou muitos dias ao acaso na immensidade dos mares, e regressou sem haver descoberto cousa alguma.

Á sua volta, escarneceu em alta voz do que elle chamava a *visão do aventureiro genovez*. Assegurou a todos que nos mares onde Colombo tencionava ir, era impossivel descobrir a mais diminuta terra.

Colombo tinha um nobre coração e elevado espirito. A acção desleal de D. João II irritou-o extremamente. Sahio de Portugal, e partio para Castella, acompanhado de seu filho Diogo.

É o que menciona Fernando Colombo.

Os escriptores portuguezes, para cohonestar as censuras que a este respeito foram dirigidas ao governo d'el-rei D. João II, narraram mais tarde, ao contrario de Fernando, o que se passára entre Colombo e o rei.

Conforme Barrei, fôra apenas apparente o consentimento de D. João II, e Colombo só o obtivera á força de importu-

nações. O rei, accrescenta este escriptor, considerava Colombo como um homem vão e ostentoso de gloria que se enleava em idéas phantasticas. Póde tambem dar-se que os cortesãos, vendo um homem pobre e obscuro pretender honras supremas, se encarregassem de o denegrir no espirito do rei.

Um outro escriptor portuguez, Vasconcellos, diz que, á proposta de Colombo, o rei convocou um conselho, composto das pessoas mais instruidas do reino, e que ahi estabeleceu este ponto, que submetteu á discussão: « É conveniente abrir um novo roteiro, ou continuar a seguir o já conhecido? » O projecto de Colombo, affirma o mencionado escriptor, não foi aceito pelo conselho.

Washington Irving deu uma analyse summaria da discussão travada no conselho do rei de Portugal para o exame do projecto de Colombo.

O bispo de Ceuta combateu a empresa, como falta de razão. Chegou até a pedir que se contentassem, mesmo ácerca das descobertas d'Africa, com as que já estavam realisadas. Este genero de empresas, accrescentava, tende a distrahir a attenção, a esgotar os recursos, e a dividir as forças do paiz, já tão enfraquecidas pelos recentes estragos da guerra e da peste.

D. Pedro de Menezes, conde de Villa-Real, respondeu ao bispo de Ceuta. Admirou-se que um prelado tão religioso se oppuzesse a um projecto que devia dar em resultado estender a religião catholica de um pólo a outro, e encher de gloria a nação portugueza. Exprimio-se em termos honrosos ao projecto submettido a seu exame.

Colombo não tinha evidentemente mais que esperar da

côrte de Portugal. Pelos fins de 1484 deixou Lisboa, levando consigo seu filho Diogo.

Washington Irving pretende que realisou a partida com alguma precipitação, com receio de ser preso por dividas.

Desde muito, de feito, occupado exclusivamente com seu vasto disignio, Colombo negligenciava o genero de trabalho que, nos primeiros tempos de seu casamento, lhe proporcionára a abastança. Gradualmente a desordem se introduzira em seus negocios, e elle chegára a um estado visinho da pobreza.

Difficil é saber para aonde se dirigio Colombo sahindo de Portugal, e o que foi feito d'ellé durante o intervallo de perto de um anno. Em uma obra hespanhola, que parece resultado de profundas investigações, affirma-se que Colombo achava-se em Genova em 1485, e que ali renovára as propostas que apresentára anteriormente; o que lhe valeu da parte dos magistrados de Genova uma desdenhosa recusa. Muitos affirmam que elle tinha ido áquella cidade no proposito de visitar seu velho pai e tomar as necessarias providencias para que lhe não faltasse cousa alguma. Outros, finalmente, dizem que de Genova partio para Veneza, em vista de propôr o seu projecto e solicitar os meios de execução. Segundo Fernando Colombo, seguio immediatamente para Hespanha; o que não parece exacto.

É conveniente, em todas estas asserções, que não repousam em testemunho algum authentico, não enxergar senão simples conjecturas que servem a explicar um periodo obscuro da vida de Colombo. O que parece fóra de duvida é que durante este intervallo lutou contra a pobreza.

Não obstante, a datar d'este momento, a historia do navegador genovez desprende-se da incerteza, e não precisamos invocar controversia alguma historica no novo periodo da vida de Colombo, no qual penetramos agora.

II

A meia legoa do porto de Palos de Moguer, na Andaluzia, existia um antigo convento de franciscanos, da invocação de *Santa Maria da Rabida*. Um dia, um caminheiro dando a mão a um menino, entrou na portaria do convento e pedio um pedaço de pão e agua para seu filho. No momento em que recebia este mingoado auxilio, acertou de passar o prior do mosteiro, Juan Perez de Marchena. Impressionou-o o aspecto do desconhecido, e comprehendendo por seu modo e expressão, que era um forasteiro, entabolou conversação com elle. Por sua parte o estrangeiro não levou tempo em observar no olhar, no som da voz e na physionomia do prior, expressão d'essa complacente curiosidade, que convida a expandir os tristes pensamentos que angustiam a alma. Algumas particularidades de sua vida, que o estrangeiro succintamente narrou, foram de sobra para dar a conhecer ao monge que se não achava em presença de um homem vulgar.

Com effeito, era Christovão Colombo acompanhado por seu filho Diogo. D'onde vinha, assim andando a pé, e em trajos que denunciavam verdadeira penuria, é o que

se não sabe exactamente. Apenas se conhece que havendo perdido sua mulher em Portugal, levava para casa do cunhado, em Huerta, pequena cidade proxima de Palos, seu filho Diogo, ainda muito tenro para supportar fadigas e privações.

O prior era dado ao estudo e instruido. Habitando na visinhança de um porto de mar, interessava-se pela marinha. Os ramos da sciencia que mais directamente entendem com a navegação eram aquelles a que mais se consagrára e melhor conhecia. Foi para elle, pois, uma boa fortuna a chegada de Colombo a seu convento solitario. Por outra parte, na situação em que se achava, o pobre marinheiro não podia ter mais afortunado encontro.

O bom do prior exigio que o viandante, que á portaria solicitava pão e agua, consentisse em ser seu hospede, e o recebeu no seu convento.

Depois de repousar, Colombo conversou livremente. Entrou em diversos pormenores de seu projecto. Assim pela grandeza das idéas como pela erudição, produzio no espirito do monge, habituado ao silencio e monotonia do claustro, profunda impressão.

Perez de Marchena, ainda que muito instruido, não se fiava em suas proprias luzes, e não ousava aventurar, ácerca das idéas e saber de Colombo, um juizo definitivo, antes de haver consultado um sabio de sua amizade, que morava nas cercanias. Mandou-o chamar.

O sabio amigo era Garcia Fernandez, medico de Palos, de quem se obtiveram as informações que precedem.

O Dr. Garcia Fernandez não ficou menos sorpreso que o prior com o caracter e as praticas do estrangeiro. Muitas

conferencias se deram entre estes tres homens, no placido convento da Rabida. O projecto de Colombo foi pesado e discutido com uma attenção e interesse que o autor não havia até então obtido dos sabios e philosophos da côrte de Portugal, talvez mesmo com mais saber e raciocinio que mostraram os ministros e conselheiros do rei.

O prior Juan Perez e o medico Garcia Fernandez, persuadidos que a empresa de Colombo podia vingar, e trazer á sua patria tanta gloria quantas vantagens, empenharam de sua parte todas as suas forças para auxilial-o.

Perez não era um d'esses homens cuja amizade frouxa e esteril admiração se contenta com simples promessas ou demonstrações apparentes. Estimava e admirava Colombo. Empenhou-se em obter-lhe um favoravel acolhimento na côrte de Hespanha e lhe aconselhou de ali se dirigir o mais breve possivel, afim de submetter o seu projecto de exploração do oceano, ao rei e á rainha.

Estava, com effeito, intimamente ligado com Fernando de Talavera, prior do mosteiro do Prado e confessor da rainha.

O prior era homem de merito e gozava de grandes creditos. Tinha a confiança real, e seu patrocinio devia ser de elevada importancia em uma côrte dirigida pela igreja.

Perez recommendou vivamente Colombo e seu projecto a Talavera, em uma carta que lhe entregou para este alto personagem. Esmerou-se em fornecer-lhe uma equipagem conveniente para se apresentar na côrte, uma bolsa sufficientemente supprida, um guia e uma cavalgadura. Encarregou-se por fim de guardar em sua companhia o joven Diogo, durante a ausencia de seu pai.

Chegado o momento de se pôr a caminho, os dous amigos se abraçaram com effusão sob a portaria, e Colombo partio.

Dirigio-se a Cordova, onde se achavão então Fernando e Isabel. Não duvidando que Talavera lhe obtivesse uma prompta audiencia do rei, entregava-se ás mais risonhas esperanças. Illusões que em breve se deviam dissipar.

Colombo entrou em Cordova nos principios de 1486. Acreditava encontrar em Talavera um homem benevolo, generoso, dedicado, como era seu amigo o prior do convento. A decepção foi completa. Talavera encarou o projecto como chimerico, e não se mostrou de modo algum disposto a obter a audiencia.

Não obstante todos os esforços empregados por seus amigos para se apresentar vantajosamente, Colombo tinha na simplicidade de seu aspecto e em sua attitude o que quer que fosse de commum, que, á primeira vista, não prevenia em seu favor. Não ha quem facilmente obtenha de palacianos favoravel acolhimento, ou consiga ser ouvido sem apresentar-se com os trajos da opulencia. Póde tambem ser que a recommendação do frade franciscano pouco valor tivesse aos olhos do confessor da rainha. Uma outra consideração, que se não deve desprezar, é que o alto clero, n'aquella época, não era de nenhum modo favoravel ás empresas maritimas que tinham por alvo tentar descobrimentos.

Colombo em vão solicitou uma audiencia. Não houve porta que se lhe abrisse.

No estio e outono de 1486, Colombo demorou-se em Cordova, esperando a chegada da rainha de Castella e do rei de Aragão, isto é de *Isabel* e de *Fernando o Catho-*

lico. Vivia do producto da venda de globos terrestres e cartas geographicas, que desenhava, ou dos soccorros, que de vez em quando recebia de seu amigo, o prior da *Rabida.*

A indifferença com que foi acolhido em Cordova, n'essa côrte frivola, consagrada á devoção e aos prazeres, teriam desanimado um homem de tempera menos forte que a do marinheiro genovez. Mas havia em sua alma uma fé apaixonada, que se remontava por momentos até ao enthusiasmo, e lhe dava animo para affrontar as provanças, muitas vezes crueis, que lhe faziam experimentar. Esperou com paciencia, e sem nunca esmorecer, que o tempo e a constancia de seus esforços lhes assegurassem amigos e protectores. Como os homens verdadeiramente fortes, sabia esperar.

Infelizmente para elle, chegava em um momento em que a situação de Hespanha era pouco fãvoravel á realisação das grandes empresas maritimas. Todas as suas forças estavam empenhadas na guerra decisiva que tinha por alvo a expulsão dos mouros. Pelo consorcio, os dous soberanos de Castella e de Aragão uniram os dous estados, mas reservando os seus direitos respectivos de soberania. Haviam formado, não uma communidade de bens, mas uma simples associação. Imagine-se, sob o ponto de vista da politica e do governo, dous reis alliados, entre os quaes existe perfeito accordo de vistas e interesses, de modo que nunca a dupla administração dos dous estados possa pear a marcha dos negocios, nem alterar a unidade de acção, e formar-se-ha idéa da associação que se estabelecera nos dous reinos de Castella e Aragão, sob o sceptro de Isabel e Fernando·

Todos os arestos de justiça eram promulgados em nome de Fernando e Isabel; os actos publicos erão revestidos de uma dupla assignatura; a moeda, cunhada com a effigie do rei e da rainha; e o sello real continha as armas unidas de Castella e Aragão.

Os autores contemporaneos traçaram de Isabel um retrato, no qual transpira o enthusiasmo. Era bem proporcionada e de estatura mediana. Seu andar era a um tempo grave e nobre. Casava em suas maneiras a graça com a franqueza. Tinha a cutis alvissima, cabellos castanho-claros e olhos azues, que exprimiam a bondade. Sob um ar de modestia, encobria um espirito firme e decidido. Sobrepujava Fernando, tanto em nobreza, como em magnitude d'alma e penetração politica. Se bem que muito ligada a seu marido, soube manter sempre distinctos os seus direitos, como soberana alliada.

Quanto a Fernando, chamavam-lhe, diz Voltaire, o *Sabio* e o *Prudente*, em Hespanha; o *Piedoso*, na Italia; em França e na Inglaterra, o *Ambicioso* e o *Perfido*. Sua politica era fria, egoistica, artificiosa. Sua mulher modificava, pela nobreza e elevação de suas idéas, o que tinham de incompativel com a equidade os designios e os calculos de seu marido.

Fernando tinha a concepção prompta e a allocução facil. Era simples em seu modo de viver, habituado ao trabalho, infatigavel nos negocios, e quasi sem emulo nos calculos politicos. Mas havia em suas vistas mais ambição que grandeza, e em seu coração, mais carolice que religião.

Em 1480, o rei partira para estabelecer o assedio á cidade de Lexa. A rainha, verdade é, não sahira de Cordova,

mas estava muito atarefada com a remessa de reforços e viveres para o exercito, e os multiplices cuidados da administração civil, cujo peso então supportava só. Não tinha tempo para se entreter com o projecto de uma expedição maritima a regiões longinquas. Antes de procurar estender o dominio de seu reino além dos mares, era mister conquistar a Hespanha.

As peripecias da guerra tiveram, pois, Fernando e Isabel por muito tempo afastados de Cordova.

Mas Colombo não residio grande parte do anno n'aquella cidade sem estreitar relações com alguns amigos. Seu ar profundamente convencido, a eloquencia que patenteava quando desenvolvia o seu projecto em presença das pessoas dispostas a conceder-lhe attenção, lhe angariaram dedicados partidarios. Relacionou-se, não se sabe como nem em que occasião, com o nuncio do papa, Antonio Geraldini, e seu irmão, Alexandre Geraldini, perceptor dos filhos mais novos de Fernando e Isabel. Um e outro entraram em seus calculos.

Sob os auspicios d'estes dous preceptores, foi apresentado a uma alta personagem, Pedro Gonçalez de Mendonza, arcebispo de Toledo e grão cardeal.

O cardeal Mendonza achava-se constantemente ao lado do rei e da rainha. Acompanhava-os á guerra, em suas expedições. Chamavam-lhe muitas vezes o *terceiro rei de Hespanha*. Era homem instruido, dotado de juizo recto, concepção prompta e grande capacidade nos negocios; mas era pouco versado na cosmographia, que não faz parte das cousas da igreja. Quando se lhe fallou, pela primeira vez, no projecto de Colombo, temeu pri-

meiro que o projecto tivesse por principio idéas inconciliaveis com as palavras da Santa Escriptura, e ficou abalado. Foi bastante para o tranquillisar algumas explicações claras e francas. Tinha o espirito bastante esclarecido para deixar de comprehender que se póde, sem offensa a Deos, estudar as maravilhas da creação afim de alargar os limites ás provincias do saber humano. Recebeu, pois, affectuosamente o navegante genovez, e prestou-lhe profunda attenção.

Colombo conhecia toda a influencia do grão cardeal, e se havia perfeitamente preparado para essa audiencia. Fez valer com eloquencia todos os argumentos proprios a convencer o seu poderoso auditor. Seu aspecto, expressão, attitude, eram os de um homem profundamente convencido, e que conhece que se dignam escutal-o com attenção e notavel interesse.

O cardeal, impressionado com a força da argumentação, seduzido pelas razões e factos bebidos em vasta erudição, talvez tambem um pouco arrastado pela presença nobre e franca de Colombo, pareceu compenetrar-se de seu projecto. Comprehendeu-lhe ao menos a importancia. Resolveu fallar a Fernando e Isabel, os quaes, a pedido seu, concederam uma audiencia a Colombo.

Assim a paciencia, a constancia de seus esforços, haviam obtido o primeiro resultado que ambicionava.

Colombo apresentou-se sem temor e com modesta confiança, na presença da rainha e do rei.

Os descobrimentos maritimos alcançados pelos navegadores portuguezes, tinham attrahido muita fama a esta

nação. Fernando, levado por legitimo impulso, desejava que mais brilhantes descobertas se tentassem ainda, para honra da Hespanha. Mal teve conhecimento do projecto de Colombo, concebeu esta penosa esperança. Mas, frio e circumspecto, e vendo que o projecto repousava sobre base scientifica, quiz, antes de resolver-se, consultar os sabios de seu reino.

Depois de haver acolhido Colombo com algumas palavras de vaga approvação, que o não obrigava a cousa alguma, ordenou que se reunissem os mais habeis cosmographos, e conferenciassem com o autor do projecto a proposito, de franquear-se ao oeste da Hespanha um caminho para a India.

Talavera, o confessor da rainha, foi o encarregado de nomear a commissão scientifica. Designou professores de astronomia, cosmographia, mathematicas e geographia, reunidos a muitos dignatarios da igreja.

A conferencia reunio-se em Salamanca, no convento dominicano de Santo Estevão.

Imaginava Colombo que uma vez admittido a explicar-se diante de um auditorio de homens consagrados a estudos tão serios, conseguiria fazer-lhes partilhar as convicções de que estava possuido. Ignorava ainda quanto havia de cegas pretenções, espirito de rotina e não raramente ignorancia entre os magnates da Hespanha. Aos olhos de uma parte do conselho, o pobre e obscuro navegante, que não pertencia a corporações sabias, nem dirigira empresa alguma maritima, não podia passar de um aventureiro, ou de um visionario. Outros inquietavam-se com a idéa das innovações que podiam resultar do projecto, caso elle vingasse.

Colombo esperava que se lhe dirigissem objecções scientificas; não se lhe oppoz senão citações extrahidas da Biblia, dos psalmos de David, dos prophetas e dos Evangelhos. Trechos do padre Lactancio e de Santo Agostinho serviram para combater a existencia dos antipodas. Diversos textos das Escripturas Santas, commentados pelos padres da igreja, foram quasi exclusivamente os unicos argumentos que se oppuzeram aos factos, aos raciocinios, ás inducções bebidas nas noções precisas da cosmographia e da physica do globo.

Não póde conceber-se cousa mais absurda e ridicula que as discussões empenhadas, durante muitos dias, entre a grave assembléa reunida no convento de Santo Estevão. Eis um dos argumentos que fizeram valer alguns membros do conselho:

« A fórma do mundo, affirmavam elles, havia sido já estudada por crescido numero de profundos philosophos e sabios; a terra havia sido percorrida em todos os sentidos, e no espaço de milhares de annos, por tantos navegadores habeis, que, da parte de um homem inteiramente desconhecido, era singular pretenção querer levar a bom recado a empresa tentada por tantos outros, muito mais esclarecidos do que elle. »

O mesmo argumento tem sido applicado em nossos dias a muitos innovadores, sem que haja perdido a sua procedencia.

Colombo intimidou-se quando pela vez primeira compareceu em presença d'aquella assembléa. Mas pouco tardou a recuperar a sua firmeza e ficar senhor de si, isto é, o homem de aspecto sobranceiro, nobre ademan, olhar fulgurante e expressão persuasiva. As objecções que lhe

dirigiram, e que quasi todas eram tiradas das Santas Escripturas e dos dogmas da igreja, deixaram-o perplexo um momento, tão pouco esperava por ellas. Mas quando se convenceu que era este o ponto da discussão, entrou n'elle resoluto, e obteve um triumpho inesperado de todos e de si proprio. Produzio no auditorio profunda impressão quando, afastando de si as cartas e os globos, e renunciando, momentaneamente, á vantagem que seus conhecimentos scientificos lhe forneciam, se preparou para responder ás objecções puramente theologicas.

« Os escriptores sacros, disse elle, exprimiram-se não em termos technicos, como nós, navegantes e cosmographos, mas em termos symbolicos e figurados, afim de os dirigir a todas as intelligencias. Propunham-se ensinar aos homens, não as sciencias physicas, mas os fundamentos da moral e os deveres religiosos. Recebendo com o mais profundo respeito os commentarios dos padres da igreja, é mister consideral-os, não como proposições scientificas, porém como exhortações moraes ou piedosas homelias. »

Collocado d'este modo nos arraiaes de seus adversarios, cita e desenvolve uma grande quantidade de textos da Escriptura. Penetra depois nas mysteriosas predicções dos prophetas, e por uma habil transição, velada em um arrojo de enthusiasmo, interpreta as sagradas prophecias sob um ponto de vista favoravel a seus designios. Acredita descobrir-lhes os symbolos occultos das empresas que medita. Passa depois ás objecções dos antigos philosophos. Aqui, achando-se no seu terreno, prova do modo mais peremptorio, que os sabios mais illustres da antiguidade criam que os dous hemispherios são habitaveis;

enganavam-se apenas suppondo que a zona torrida impede qualquer relação entre aquellas e nossas regiões.

« É uma difficuldade esta a que posso concludentemente responder, accrescentou elle; pois que naveguei até S. Jorge de Mina, na Guiné, quasi sob a linha equinoxial, e reconheci, não sómente que se póde transpôr aquella região, mas além d'isto que é habitada e abunda em fructos e pastagens. »

Todas estas razões impressionaram talvez o auditorio; porém o partido estava tomado, a resolução firmada de antemão, e o ouviram distrahidamente.

Os unicos auditores que pareciam acompanhar com intelligencia os desenvolvimentos oratorios de Colombo, eram os monges do convento, onde se dava a conferencia. Eram os religiosos da ordem de São Domingos, como por mais de uma vez o temos repetido n'este livro, os que se consagravam com mais solicitude, na idade media, aos estudos scientificos. Um dos dominicanos, que, como simples espectadores, assistiam ás conferencias, era Diogo de Desa, professor de theologia no convento, homem sabio e digno, de superior merito, que apreciava as verdades scientificas de ordem elevada, mesmo quando partiam dos labios de um profano. Sentio-se convencido pelos raciocinios de Colombo e arrebatado por sua eloquencia. Esposando com vivo interesse a sua causa, pedio que fosse ouvido, senão sem prevenção, ao menos com apparente sisudez.

Deu que fazer na douta assembléa para conciliar-se o plano de Colombo com a cosmographia de Ptolomeo. Mal se pensava, que n'aquella mesma hora, Copernico, medi-

ando no verdadeiro systema do mundo, se preparava para derrocar a antiga concepção de Ptolomeo.

A parte rotineira, ignorante, supersticiosa da assembléa compunha maioria preponderante, á qual demonstração alguma ou raciocinio lograva modificar, porque ha na cosmographia cousas que percebia mal, e grande numero de outras que absolutamente não comprehendia. Separaram-se, portanto, sem tomar resolução definitiva.

Ao despontar a primavera de 1487, as tropas de Aragão e Castella iam principiar a campanha de Malaga. A côrte partio para Cordova. O confessor da rainha, Talavera, então bispo de Avila, acompanhou a côrte; motivo porque foram suspensas as conferenças de Salamanca, ás quaes presidia.

A datar d'este momento, Colombo, em cruel incerteza, transportava-se a todos os pontos onde se achava a côrte, na esperança que sua proposta podia ser tomada em consideração. Mas difficil era que se occupassem d'ella durante uma guerra, cujos acontecimentos diversos, se succediam com rapidez. Colombo fôra no entanto convidado para seguir a côrte. Tentaram por vezes reatar as conferencias, e, em honra de Fernando e Isabel, deve mencionar-se que foram dadas ordens formaes para que o tratassem com todas as attenções. Encontrava domicilio preparado sempre nas cidades onde chegava a comitiva real, e recebia um subsidio proporcional a suas necessidades.

Apezar da delicadeza e consideração que o rei e a rainha lhe dispensavam, muito soffreu Colombo. Sarcasmos e pungentes epithetos lhe eram atirados pela criadagem, titular

ou não titular. Não punham duvida em qualifical-o de visionario e aventureiro.

A historia do descobrimento de Colombo, é a historia de todas as grandes invenções, nas letras, nas sciencias e nas artes. Principia duvidando-se da possibilidade da descoberta. Nega-se depois esta, ou a procedencia da concepção. Mais tarde contesta-se a sua importancia. Afinal, quando a descoberta se realisa, contraria-se ao inventor a prioridade da idéa.

« Quando Colombo prometteu um novo hemispherio, diz Voltaire, opinaram que semelhante hemispherio não podia existir; e quando o descobrio, allegaram que já era de ha muito conhecido. »

Tomou-se Malaga a 18 d'Agosto de 1487. O rei e a rainha foram então passar o inverno em Saragoça, occupados sempre de importantes negocios que lhes não deixavam tempo para se occupar de Colombo. Continuava no entanto a receber, de quando em quando, animações que lhe fortaleciam a esperança.

A 20 de Março recebera de el-rei D. João II, rei de Portugal, a carta de que demos noticia, e o convidava a ir a Lisboa, promettendo-lhe protegel-o contra quaesquer perseguições civís ou criminaes. Era, sem duvida, a resposta a uma nova proposta de Colombo, o qual, em um accesso de desanimo, volvera os olhos para Portugal.

Escreveu igualmente ao rei de Inglaterra, Henrique VII, o que é provavel, em vista de uma carta que tambem d'elle recebeu n'esta época.

Felizmente Colombo persistio em continuar as suas solicitações junto á côrte d'Hespanha.

Em Maio de 1489, havendo Fernando e Isabel regressado a Cordova, tratou-se seriamente de continuar as conferencias, tantas vezes adiadas. Fernando e Isabel ordenaram que se preparasse em Cordova um domicilio a Christovão Colombo, o qual foi convidado a comparecer na côrte afim de assistir a uma nova conferencia.

Foi interrompida esta conferencia por uma campanha, na qual, segundo um historiador hespanhol, Diogo Zuniga, « Colombo tomou gloriosa parte por seu valor e altas concepções ». A campanha, na qual o historiador sevilhano assignala a Colombo tão honroso papel, foi uma das mais brilhantes da guerra contra os mouros.

Após o tumultuar das armas vieram os folguedos; depois o consorcio da filha mais velha de Fernando e Isabel; depois ainda os saráos, os torneios e todos os festejos em que tão prodiga era a côrte de Hespanha.

Durante os preparativos da nova campanha que se ia encetar na primavera de 1491, Colombo resolveu tentar um novo esforço para ser attendido, e obter finalmente uma resposta decisiva. A famosa commissão scientifica terminára suas sessões, e Talavera, que a presidira, apresentou a Fernando o relatorio da douta assembléa.

Dizia-se, nas conclusões do relatorio, que o projecto de Colombo para ir ás Indias por mar, contornando metade do globo, só tinha por base motivos sem consistencia; que era vão, impossivel, e que tão grandes principes como eram Fernando e Isabel, não se deviam abalançar a esta empresa aventureira.

Esta conclusão estava conforme com o alvitre da maioria da assembléa, que era pouco sabida para comprehender

os raciocinios do navegante genovez, ou que se havia escandalisado por ver um leigo obscuro, uma especie de aventureiro, com a pretenção de interpretar melhor do que ella a Santa Escriptura, os prophetas e os padres da igreja. A minoria, composta de varões mais serios, era de outro aviso.

O illustrado dominicano Diogo Desa, o qual, pela extensão de seus conhecimentos e por seu caracter, gozava de certa preponderancia na côrte, juntou-se a alguns outros personagens de elevada gerarchia para se interpôr em favor de Colombo.

Por outro lado, o cardeal Gonzalez de Mendonza, fallára repetidas vezes com eloquencia ao rei e á rainha relativamente á magnitude das idéas de Colombo. De modo que Fernando e Isabel sentiam alguma contrariedade em abandonar de todo um projecto. que podia ter resultados de prodigiosa importancia.

Encarregaram, pois, Talavera de informar a Colombo que o relatorio da commissão não condemnava a seus olhos o projecto; — que preoccupações de continuo renascentes, e os immensos gastos da guerra, não lhe permittiam n'este momento, empenharem-se em uma empresa de descobertas maritimas; mas que terminada a pugna, tomariam em consideração a sua offerta e se entenderiam com elle. Concediam-lhe, ao mesmo tempo, uma audiencia, em curto prazo.

Colombo partio, pois, para Sevilha, e, em uma audiencia particular, recebeu da rainha uma resposta, que na essencia era a mesma, mas que provavelmente foi dada sob uma fórma mais graciosa que a de Talavera.

No entanto muitos annos decorreram sem que se realizassem estas promessas. Colombo persuadio-se que a resposta de Fernando e Isabel não havia passado de um meio de se livrarem de suas importunações. Fatigado de tantas tentativas e solicitações mallogradas, perdendo a esperança, retirou-se com o coração trasbordando de angustia.

O illustre descobridor, desanimado, certamente abandonaria a Hespanha, se ahi o não retivesse uma affeição amorosa.

Cedo perdera sua esposa D. Felippa, e o vacuo que deixára em sua existencia não fôra substituido. Durante a sua primeira residencia em Cordova, tomou-se de amores por uma dama chamada Beatriz Enriquez. Não estava já na joventude; mas, estrangeiro, desventurado no isolamento, necessitava de um coração que palpitasse com o seu, de uma companheira, que, a todos os instantes partilhasse de seus jubilos e pezares e que lhe podesse prestar esses cuidados attenciosos e meigos, que o homem sómente póde esperar da mulher que ama.

Beatriz Enriquez, nobre de origem, constituio-se sua companheira, mas não sua mulher, visto que a união de ambos não chegou a receber a sancção do casamento. Teve d'ella um filho, Fernando, a quem estimou sempre como a Diogo, seu filho legitimo. Fernando foi depois o biographo de seu pai.

Havia então *grandes d'Hespanha* que possuiam dominios immensos, quasi semelhantes a principados. Taes eram o duque de Medina-Sidonia e o duque de Medina-Cœli. Nas paragens de seus dominios, situados nas costas, achavam-se portos de mar, onde estes ricos proprietarios sempre

tinham navios ás suas ordens. Desesperando de entender-se com o rei e a rainha, Christovão Colombo resolveu dirigir-se a estes altos personagens que na Hespanha eram pequenos soberanos, e antes alliados, que subditos da corôa.

O duque de Medina-Sidonia foi o primeiro que o recebeu. Teve com elle muitas entrevistas, que, infelizmente, não produziram resultado. Medina-Sidonia encarou o projecto de Colombo como o sonho de um visionario, e depois de um momento pensar n'elle, repellio-o.

Colombo pedio que o apresentassem depois ao duque de Medina-Cœli. Aqui as cousas tomaram curso mais favoravel. Houve diversas negociações. Tudo deixava antever um exito provavel, e o duque achava-se prestes a entregar á disposição de Colombo tres ou quatro caravelas que se achavam no porto, promptas a desfraldar as velas, quando o suspendeu um escrupulo politico. Temeu, talvez com acerto, que uma expedição d'este genero, emprehendida por um subdito, causasse a Fernando e Isabel vivo descontentamento. Mudou, pois, subitamente de parecer. Declarou que a empresa era superior á sua posição no estado, e que ella só convinha a um soberano. Aconselhou Colombo para que insistisse em suas solicitações para com Isabel, offerecendo-se para patrocinal-o com sua influencia.

No entanto Colombo adiantava-se em idade. Apezar da altissima idéa que fermentava ha tanto tempo em sua alma e estava prestes a realisar-se, sua vida passava-se inutilmente. Resolveu dirigir-se á França, submetter ao rei o seu projecto, e, caso não conseguisse obter resposta

satisfactoria, partir para a Inglaterra, a fim de procurar seu irmão Bartholomeu, que para ahi enviára ao sahir de Portugal, e de quem depois não havia recebido noticia alguma.

Decidido a não mais acompanhar a côrte de Hespanha em suas continuas peregrinações, partio para abraçar, no convento da Rabida, seu filho Diogo e o bom prior Juan Perez. Era seu proposito conduzir Diogo a Cordova, deixal-o ahi com seu outro filho, e em seguida transpôr os Alpes, para ir á França.

O bom prior vio, pois, o seu amigo Colombo regressar, após seis annos de solicitações, em uma equipagem que não annunciava os favores da fortuna, nem os da côrte. Sentio-se vivamente commovido ao seu aspecto. Quando soube que Colombo, totalmente descorçoado, e não esperando cousa alguma do rei Fernando, se dispunha a abandonar a Hespanha, seu primeiro movimento foi oppôr-se com toda a vivacidade de uma alma ardente, á execução d'aquelle designio. Obteve de Colombo a promessa de não tomar resolução definitiva antes de haverem maduramente examinado juntos se não restava outro meio a tentar além de ir regatear o seu projecto nas outras côrtes da Europa. Ao mesmo tempo mandou prevenir o licenciado Garcia Fernandes da chegada de Colombo, pedindo-lhe que fosse o mais breve possivel ao convento.

Os tres amigos, depois de conferenciarem, decidiram que era conveniente consultar Martim Alonzo Pinzon.

Alonzo Pinzon era chefe de uma familia de abastados e celebres navegadores, conhecidos na marinha por sua grande experiencia e reconhecida habilidade. Com grande

jubilo dos tres amigos, Pinzon concedeu todo o seu apoio ao projecto de Colombo. Ir ás Indias dando a volta ao globo, depois de oitocentas legoas, não parecia ao audaz marinheiro empresa sobrehumana. Prometteu auxiliar todas as medidas a emprehender, e até prover a todas as despezas que fossem necessarias para determinar a côrte a apressar a execução da viagem.

O prior Juan Perez não cabia em si de contente ao ver-se plenamente confirmado em sua opinião, por um tão celebre maritimo, como era Pinzon. Propoz escrever immediatamente á rainha de quem fôra confessor.

Colombo comprometteu-se, por seu lado, a deferir a sua partida até que Juan Perez tivesse resposta da carta.

O prior conhecia perfeitamente Isabel. Estava certo que responderia, sendo-lhe a carta directamente entregue.

Procurou-se, portanto, uma pessoa capaz de bem desempenhar essa missão, e escolheram unanimente, Sebastião Rodriguez, piloto de Palos, homem de espirito prompto e atilado.

Assim, uma madrugada, Sebastião Rodriguez, montado em uma possante mula, partio para Santa Fé, praça forte novamente construida no plaino de Granada, onde então se achava Isabel. Conseguio, por sua esperteza, accesso junto da soberana, e lhe entregou a carta do prior.

Na carta, o seu antigo confessor lembrava á rainha a firme resolução, da parte de Colombo, de partir dentro em poucos dias, para offerecer á França, ou á Inglaterra, o projecto que a Hespanha abandonava.

Isabel, já o dissemos, mostrou-se sempre bem disposta a favor de Colombo, e o duque de Medina-Cœli, exacto no

cumprimento de sua promessa, o havia recommendado com instancia. Ella respondeu, portanto, ao prior da Rabida. Agradeceu-lhe sua attenção, convidava-o a ir visital-a e o encarregou de inteirar a Colombo que esperasse até receber outras novas.

A mensagem real foi levada a toda a pressa ao convento e entregue a Perez. Gastaram-se quatorze dias para desempenhar esta commissão.

Era meia noute quando o prior recebeu a epistola real, das mãos do dedicado piloto. No mesmo instante, apezar da escuridão e dos perigos do caminho, no centro de um paiz recentemente conquistado aos mouros, mandou sellar uma mula, e partio sósinho, através as montanhas, para ir a Santa Fé, onde Fernando e Isabel se haviam estabelecido no intuito de apressar o cerco de Granada.

O habito de religioso abrio-lhe facilmente accesso junto da rainha, e sua qualidade de antigo confessor lhe permittio exprimir-se para com sua soberana com inteira liberdade. Muito instruido, perfeitamente ao facto das bases scientificas em que repousava um projecto que estudára em todos os seus pormenores, convencido a final que a realisação d'este projecto podia obter á Hespanha incalculaveis vantagens, o prior da Rabida advogou a causa de Colombo com tão persuasiva eloquencia, que vivamente impressionou a rainha.

Foi tambem fortemente apoiado pelo marquez de Maja, favorito da rainha.

A rainha cedeu a final, e declarou tomar sob sua tutela a projectada expedição. Encarregou Perez de dizer a Colombo que a procurasse. Lembrando-se então da

penuria do marinheiro genovez, mandou-lhe entregar vinte mil maravedis, que lhe eram precisos para comprar uma mula, acudir ás despezas da viagem e apresentar-se com um vestuario digno de comparecer na côrte.

Sem perder um instante, Perez remetteu a carta e o dinheiro a Colombo.

Em 1492, Colombo achava-se na côrte, onde o esperava o mais favoravel acolhimento. A época da sua chegada coincidio justamente com a da rendição de Granada, e com a entrada das tropas hespanholas na magnifica cidade conquistada aos mouros. Vio o ultimo rei arabe, Boabdil, sahir de Alhambra, e apresentar solemnemente as chaves a Fernando e Isabel, que se adiantaram com magestade, no meio de uma pompa real. A côrte e o exercito estavam como enebriados. Resoavam por toda a parte manifestações de jubilo, acções de graça e cantos de triumpho. Era impossivel escolher mais satisfactorio momento para a nação e para o rei.

Terminára-se a guerra contra os mouros. Cousa alguma d'ahi em diante podia obstar aos soberanos de Hespanha de cansagrarem sua attenção ás empresas longinquas.

A promessa feita a Christovão Colombo foi exactamente cumprida. Commissarios, em cujo numero se contava Talavera, então arcebispo de Granada, foram encarregados de entabolar negociações com elle.

Colombo tão convencido estava do bom resultado de sua viagem, que estipulou antes de tudo que seria investido da dignidade de almirante, que teria o titulo de vice-rei de todos os paizes que descobrisse, e que receberia o dizimo de todos os lucros.

Pareceram taes pretenções exorbitantes. Magoavam o orgulho dos commissarios. Os palacianos não podiam admittir que um homem sem titulo algum, sem jerarchia, sem emprego ousasse pretender as honras da vice-realeza. Um dos commissarios lhe observou, com justeza talvez, mas com perfidia, que, com semelhante concessão, Colombo fruiria, fosse qual fosse o resultado, a honra de um commando, e que não se expunha a perder cousa alguma, caso fosse mal succedido.

As condições apresentadas por Colombo foram, pois, declaradas inadmissiveis pelos negociadores. Talavera, que partilhava este pensar, representou á rainha que se não podia, sem menospreso da corôa de Hespanha, conferir honras supremas a um homem de baixa extracção. A rainha converteu-se ao acceno de seu conselheiro espiritual. Entendeu que Colombo estimava em alto preço as vantagens que promettia.

Offereceram a Colombo mais moderadas condições e não se pôde chegar a um accordo.

Os historiadores apreciaram diversamente o procedimento de Colombo n'esta conjunctura. Para julgal-o com equidade, é força compenetrar-se de sua situação, n'esta época critica de sua carreira. Contava então cincoenta e sete annos de idade. Dezoito annos haviam decorrido depois de sua correspondencia com Toscanelli, a qual lhe havia rasgado o horisonte do seu projecto de descobrimentos. Passára este longo intervallo a estudar, a meditar e sobretudo a solicitar. Tinha o sentimento de sua superioridade; e no entanto fôra sempre maltratado, repellido por homens sem valor algum pessoal, e cujo credito, autoridade, poder, só haviam depen-

dido da fortuna e do acaso. Humilhado por tanto tempo, quiz tambem tornar-se igual aos outros homens pelas riquezas e pelos titulos; queria poder-lhes retribuir despreso com despreso. O que em suas pretenções o animava era antes uma especie de reacção moral ou de espirito de vingança, que um sentimento sordido. Por outra parte, julgando-se inteiramente seguro de descobrir novas terras, com o auxilio do soccorro que pedia, revoltava-o a idéa de expôr-se a morrer para abrir á Hespanha um accesso facil ás grandes Indias, em regiões até então desconhecidas, e que lhe regateassem as vantagens que reclamava em troca d'aquellas regiões.

Todos estes pensamentos de tal modo senhoreavam seu espirito, sentio-se tão offendido com estas mesquinhas contestações, que tomou o partido, d'esta vez inabalavel, de quebrar as negociações e abandonar a Hespanha.

De feito, despede-se de seus amigos, e parte de Santa Fé no principio de fevereiro de 1492. Sua intenção era dirigir-se a Cordova e tomar ali as suas providencias para se encaminhar á França.

Seus amigos viram-o partir com pungente saudade. Um d'elles, Luiz de Santo Angelo, recebedor das rendas ecclesiasticas de Aragão, encarando sua partida como uma immensa perda para sua patria, determinou-se a tentar um derradeiro esforço para o reter. Pedio immediatamente uma audiencia á rainha. Ia acompanhado de Alonzo Quintanilha, outro amigo de Colombo.

Tornou-os eloquentes o enthusiasmo de que estavão animados pelo caracter e genio de Colombo. Deram força a um ultimo argumento que não podia deixar de inflammar

a imaginação da rainha: era a *propagação da fé* entre as immensas populações que nunca tinham ouvido fallar no christianismo.

Isabel ficou subjugada. Era muito, mas ainda não era tudo; era mister tambem persuadir Fernando. Este principe, sentia mais a situação das finanças, esgotadas por demorada guerra, que os interesses da fé. Houve, pois, de sua parte, alguns momentos de hesitação. Recusava absolutamente que os gastos da expedição fossem feitos á custa do erario.

« Pois bem, exclamou Isabel com expressão enthusiastica, eu sou rainha de Castella; obrigo-me á empresa por minha corôa. E quando se necessitar os fundos precisos, empenharei, se fôr mister, todas as minhas joias! »

Bello movimento de um elevado caracter! Nobre impulso que a historia registrará com honra para gloria da egregia soberana! Certo é que, sem a dedicação de Isabel, muitos annos teriam de decorrer ainda antes da descoberta do novo mundo.

Colombo estava já a caminho. Montado em sua mula, dirigia-se a Cordova. Por ordem da rainha, um correio partio a toda a pressa para o chamar. O correio encontrou-o a duas legoas de Cordova.

Colombo, recebendo a mensagem, hesitou um instante. Temia expôr-se ás tergiversações da côrte. Mas quando soube da promessa feita pela rainha, de adiantar os primeiros recursos, não vacillou em voltar.

Foi recebido pela rainha, ao chegar a Santa Fé. O franco e bondoso recebimento com que foi por ella acolhido dissipou-lhe todas as duvidas.

O rei deu seu consentimento. Quanto á rainha, a partir d'este dia, tornou-se a alma da empresa.

A *propagação da fé* foi um motivo de que o grande navegador tirou habilmente partido; mas este motivo, se bem que muito poderoso para Isabel, não era seguramente, nem para Colombo, nem para o rei, o verdadeiro mobil de suas acções. Colombo excitava transportes de enthusiasmo quando descrevia, segundo os livros do viajante Marco Paolo, as vastas e opulentas regiões da Asia oriental, ainda semi-barbaras. Olhava-se como destinado a franquear o caminho aos que fossem encarregados de submetter este immenso imperio á bandeira de Hespanha. A India, aberta ao commercio por uma estrada maritima directa, devia grangear avultados thesouros ás potencias da Europa.

Colombo estava muito longe de acreditar que ia descobrir um mundo novo. Propunha-se simplesmente alcançar as Indias asiaticas, navegando ao oeste de Hespanha. Quando aproou ás regiões da America, quando desembarcou nas ilhas Lucayas, nas Antilhas e na costa do Mexico, acreditava-se na Asia. Esta illusão o não abandonou nunca, e morreu sem saber que havia descoberto um vasto continente inteiramente separado do antigo mundo. Eis a historia real de Colombo; esta é a verdade, despojada de todas as lentejoulas com que a revestiram uma multidão de amplificadores, reitores e idealistas de França e de Navarra.

Aplanadas todas as difficuldades, estipulou-se por um tratado:

1° Que Colombo, e após elle seus herdeiros e successores, possuiriam perpetuamente o officio de almirante em

todas as terras, ilhas e continentes que podessem descobrir ou adquirir no oceano.

2° Que sería vice-rei e governador geral das mencionadas terras e continentes, com o privilegio de designar, para o governo de cada ilha ou continente, tres candidatos, um dos quaes sería escolhido por Fernando e Isabel.

3° Que teria direito ao dizimo de todos os generos, e quaesquer mercadorias, perolas, pedras preciosas, ouro, prata, especiarias, etc., compradas ou trocadas.

4° Que elle, ou seu immediato, sería o unico arbitro de todas as differenças ou contendas que se suscitassem em materias de commercio entre os paizes descobertos e a Hespanha.

5° Que lhe sería permittido adiantar uma oitava parte das despezas do armamento, e que em razão d'este adiantamento, retiraria uma oitava parte dos lucros.

Os irmãos Pinzon, audazes navegantes de quem já tratámos e que habitavam no porto de Palos, lhe facultaram os meios de satisfazer este ultimo compromisso e accrescentar um terceiro navio ao armamento subsidiado por Isabel. Era um meio de responder aos commissarios que haviam lançado em rosto a Colombo pedir um commando e titulos, sem elle se expôr, nem arriscar cousa alguma, caso a empresa tivesse resultado desastroso.

O tratado foi assignado por Fernando e Isabel, em Santa Fé, no palacio de Granada, a 17 d'Abril de 1492.

A 30 do referido mez, uma carta de privilegio, redigida com todas as formalidades do estylo, foi expedida pelos soberanos de Hespanha. A carta continha, conforme as clausulas do tratado, que as funcções e os privilegios do

vice-rei e do governador seriam hereditarios na familia de Colombo, e que elle e seus herdeiros ficariam autorisados a tomar o titulo de *Dom*, que só era concedido então ás pessoas de alta linhagem.

Bem que a corôa de Castella fizesse só as despezas do armamento, todas as peças officiaes relativas á expedição foram referendadas com as assignaturas de Fernando e de Isabel.

Dicidio-se que a flotilha sería equipada no porto de Palos, na Andaluzia. Mandou-se ordens, a 30 de Abril, ás autoridades de Palos, para se armar e equipar immediatamente duas caravelas, devendo ficar promptas para seguir viagem nos dez dias que se seguissem á mensagem real, e entregal-as á disposição de Colombo.

As tres equipagens deviam receber soldo igual ás dos navios de guerra, sendo-lhes pagos tres mezes adiantados.

Em virtude de uma carta patente assignada a 8 de Maio pela rainha, Diogo, primogenito de Colombo, foi nomeado pagem do principe João, herdeiro presumptivo da corôa, e fixado um honorario para sua manutenção, honra que só era concedida aos filhos das grandes familias titulares.

Colombo apressou-se em dirigir-se a Palos. O seu primeiro cuidado ali, não foi encaminhar-se ao porto para escolher as duas caravelas que lhe haviam sido destinadas á viagem. O seu primeiro empenho foi procurar o prior da Rabida, seu amigo Juan Perez, e pagar-lhe a visita que lhe devia seu coração reconhecido e impressionado.

Apresentou-se no convento, não já, d'esta vez, como indigente, ou solicitador que, após mil crueis decepções,

procura consolo e apoio junto a um homem compadecido e benevolo, que se tornou seu amigo, mas como um personagem que obteve a final um sorriso da fortuna, e que um favor da Providencia elevou a uma posição inesperada.

Juan Perez estreitou-o ao peito. Abraçou-ó com tanta mais effusão, quanto o novo Colombo, o Colombo revestido com o titulo de almirante, e que acabava de assignar um tratado com Fernando e Isabel, era em grande parte obra sua.

Durante a sua estada em Palos, Colombo, ainda hospede de Juan Perez, residio no convento da Rabida. Juan Perez gozava, em Palos, de grande consideração, da qual a todos os respeitos era digno; e seu caracter, que precedentemente se póde apreciar, lhe dava muito ascendente nos espiritos. Ver-se-ha em breve, que sua amizade, sempre efficaz, ainda mais de uma vez foi necessaria a Colombo.

A 23 de Maio de 1491, Juan Perez e Colombo, dirigiram-se juntos á igreja de São Jorge, em Palos. Ali, em presença das autoridades e de parte da população, o notario publico, Francisco Hernandez, leu a real ordem na qual se determinava que as autoridades de Palos entregassem á disposição do novo almirante, duas caravelas armadas e equipadas.

Em consequencia de alguns disturbios, os habitantes d'este porto haviam sido condemnados pelo conselho do rei, a fornecer á corôa duas caravelas armadas. Foram estas as destinadas a Colombo pelo governo hespanhol.

Os magistrados mantiveram a promessa, em nome dos

habitantes, de obedecer com submissão ás ordens do rei; o notario publico lavrou d'isto o competente auto.

Mas quando exatamente se conheceu em Palos o fim da projectada expedição; quando se soube que se tratava de ir navegar para oeste, no *mar tenebroso*, o espanto e o terror subiram ao cumulo em todos os espiritos. Os navios e equipagem foram considerados como condemnados a uma perda certa. As fabulas, que desde os mais remotos tempos circulavam ácerca do *mar tenebroso*, gelaram de horror todas as imaginações. Imaginavam-se abysmos sem fundo e sem limites, envolvidos em trevas eternas, e cheios de monstros aterradores. Esta impressão claramente demonstra o caracter audaz e determinado que a expedição apresentava.

Não obstante a ordenança real, que era terminante, e o solemne compromisso de a pôr em execução, a que se haviam compromettido os magistrados, pessoa alguma se apresentou para tomar parte na viagem. Os marinheiros consideravam a empresa como insensata. Os proprietarios dos navios recusavam confial-os para semelhante serviço. A fim de escaparem á requisição que os ameaçava, abandonavam o ancoradouro e iam esconder as caravelas, quer nos portos, quer nas enseadas longinquas. Tanto assim que o porto de Palos ficou deserto.

O rei e a rainha, informados de todos estes obstaculos, promulgaram, a 20 de Junho, uma nova ordenança, na qual era determinado a todos os magistrados da costa de Andaluzia, que se apoderassem dos navios convenientes, pertencentes a subditos hespanhóes, e obrigassem as tripolações a partir com Colombo. Mandaram ao mesmo tempo,

para tornar effectiva a execução da ordem, um official da casa real, Juan Penazolo, a fim de punir com uma multa a todos os recalcitrantes.

Colombo procurou debalde prevalecer-se d'esta ordem, tanto em Palos, como na cidade visinha. O unico resultado que obteve foram desregramentos, altercações, confusões e rixas.

Para concluir, Juan de Penazola, mandou lançar mão á viva força de uma caravela, a *Pinta*, que pertencia a dous habitantes de Palos. Estes ultimos, á noticia d'esta decisão, proclamaram-se arruinados e roubados pelo rei.

Os carpinteiros e calafates davam-se por doentes, ou escondiam-se, para não serem forçados a trabalhar na reparação da caravela requisitada. N'aquelle porto de mar, e com a melhor boa vontade possivel, não se podia conseguir madeiras, estôpas, alcatrão, ou cabos. Tudo se escondia, homens e cousas.

Assim, apezar das ordens reaes e do commissario especial investido de poder discricionario, não se havia ainda conseguido, ao cabo de um mez, mais que obter uma só caravela, segura á viva força, e que não podia partir para viagem de longo curso antes de ser concertada. Eram precisas tres caravelas; não havia mais do que uma, e já verdadeira desesperação se manifestava nos habitantes do porto.

Era de temer que esta situação equivoca e difficil se prolongasse por mais tempo, quando a final, Martim Alonzo Pinzon, intrepido e abastado navegador de que já tratámos, lhe poz termo, offerecendo-se para participar, de modo activo e pessoal, dos riscos da expedição.

Entre Martim Pinzon e Colombo estipularam-se convenções particulares, que nunca foram bem conhecidas. Tratou-se d'isto, mais tarde, no processo que se deu entre Diogo, filho de Colombo, e a corôa de Hespanha. Mas a este respeito, os depoimentos foram contraditorios. Não se produzio contrato algum contendo assignaturas de Pinzon e de Colombo. Apenas as numerosas testemunhas assignadas no processo accordaram em declarar que, sem a cooperação de Martim Pinzon, a expedição se não haveria nunca realisado.

Martim Pinzon e seu irmão Vicente, outro maritimo tão habil quanto intrepido, eram ambos proprietarios de navios, e tinham ás suas ordens um pessoal de marinheiros. Sua immensa fortuna, reputação, serviços prestados ao paiz, lhes davam muita influencia na população. Forneceram as caravelas. Ainda mais, resolveram tomar um commando na esquadrilha.

A resolução dos irmãos Pinzon, a que o prior da Rabida não foi estranho, produzio nas imaginações extraordinario effeito. Parentes e amigos de Pinzon consentiram em embarcar com elles. Tudo caminhou tão bem, graças a seus esforços, que um mez depois do dia em que foi sabida a sua cooperação, a flotilha estava prestes a desfraldar.

Fica-se tomado de sorpreza, quando se conhece as dimensões dos navios em que embarcaram os tres navegadores, para se confiar ao *mar tenebroso*. Toda a esquadra se compunha de duas frageis barcas e *um só navio com coberta*, arcando cem toneladas.

As *caravelas* d'aquelle tempo não eram outra cousa

mais que as barcas das dimensões das que navegam, em nossos dias, nos rios e ao longo das costas do mar. Existem antigas estampas representando-as. São barcas sem coberta no meio, mas muito levantadas á pôpa e á prôa, com castellos de ovante, onde se vêem pequenos beliches, destinados á equipagem. Colombo olhava a pequenez dos navios como vantagem que promettia aproximarem-se das costas quanto se quizesse, e facilmente entrar nos rios, bem como nas bahias pouco profundas dos continentes. Não contava com uma viagem tão longa como a que emprehendia. Foi a favor da constante tranquillidade do mar, que alcançou, são e salvo com sua equipagem, o termo de sua aventurosa carreira. Ser-lhe-ia impossivel com frageis navios sem cobertas lutar contra a violencia de um temporal.

III

A 3 de Agosto de 1492, as duas caravelas e o navio de Colombo sahiram do porto de Palos. Colombo arvorára o seu pavilhão na *Santa Maria*, a maior e a mais segura, das tres embarcações. A *Pinta* era commandada por Martim Alonzo Pinzon, a *Niña* por Vicente Pinzon.

Antes de sua partida de Palos, retirára Colombo seu filho Diogo do convento da Rabida, collocando-o sob a tutella de Juan Rodriguez Cabesudo e de Martim Sanchez, ecclesiastico, ambos da cidade de Moguer. Confessou-se a Juan

Perez e commungou. O seu exemplo foi seguido por todos os officiaes e marinheiros.

No momento de dar á vela, espalhou-se pela cidade uma sombria tristeza.

Dirigiram-se ás Canarias. A 10, estavam apenas á vista da ilha de Teneriffe, e reparou-se a *Pinta*, que um vagalhão desmontára. De 6 a 8 de Setembro, a flotilha ficou demorada pela calmaria em face do pico de Teneriffe. O volcão da ilha estava em plena erupção; o que, no primeiro momento, causou algum terror aos marinheiros.

A 8 de Setembro, levantando-se o nordéste, o almirante dirigio o rumo em direcção, a oéste. Domingo 9 de Setembro, reconheceram a ilha de Ferro, ultima das Canarias.

Colombo sentio por ventura o coração palpitar, penetrando essas paragens desconhecidas, que eram o theatro seguro de descobertas geographicas.

Todavia, aos marinheiros já se lhes afrouxava a coragem. Quando as ultimas terras, se lhe desvaneceram á vista, se perderam nos reconditos nevoeiros do oceano, começavam de lamentar-se como se não houvessem mais de ver seus parentes e sua patria; como se fossem condemnados a perecer engolidos nos abysmos do pégo, ou devorados por monstros horrendos, derramados na tenebrosa atmosphera que em breve os devia envolver. Colombo, para tranquillisal-os, procurou embeber-lhes nos corações as suas illusões brilhantes. Descrevia-lhes as opulentas regiões da India para onde os transportava. Promettia tornal-os possuidores de terras onde o ouro, e as pedras preciosas se encontravam em abundancia.

Não era no emtanto com o intuito de illudir sua tripo-

lação que fazia rebrilhar a seus olhos semelhantes perspectivas. Elle proprio acreditava na realidade dos magnificos paineis que se representavam á sua imaginação. Despertando a cupidez, reanimou os corações desfallecidos.

No emtanto, como se podia dar que o continente indico demandado estivesse mais afastado que suppunha, e como temia, com razão, dos terrores que se haviam manifestado no seio da equipagem, terrores que naturalmente deviam augmentar á medida que mais se adiantassem, Colombo resolveu enganar os marinheiros. Todos os dias marcava no livro de bordo uma distancia de convenção para a equipagem. A verdadeira só a consignava em seu roteiro, e esse não era visto por pessoa alguma.

Em 11 de Setembro, a derrota da noute foi de vinte legoas: Colombo marcou apenas dez.

Na tarde de 13 de Setembro, Colombo observou pela primeira vez a variação da agulha magnetica, phenomeno que não tinha sido conhecido por nenhum physico. Achavam-se a duzentas legoas da ilha de Ferro. Á entrada da noute, a agulha magnetica, em lugar de se dirigir exactamente para o pólo norte da terra, oscillava entre 5 e 6 gráos ao nordéste. No dia seguinte a differença era ainda mais sensivel.

Colombo realisava, sem o saber, uma das maiores descobertas da physica do globo: a variação da agulha magnetica!

Absteve-se, comtudo, de communicar isto á tripolação, com receio de acordar inuteis sobresaltos. Á medida que avançavam, a variação da agulha augmentava. Os pilotos do navio foram os unicos que o perceberam. Foi pre-

ciso explicar este insolito accidente aos pilotos, que principiavam a aterrar-se e que imaginavam entrar em um mundo novo, cuja natureza physica, diversa da do mundo que abandonavam, era regida por outras leis. Os homens do mar receiavam, e suas apprehensões eram legitimidadas pelo imprevisto do phenomeno, que a bussola perdesse a virtude n'estas regiões mysteriosas, e que, em um oceano sem limites, onde não havia caminho traçado, deixasse de ser um meio infallivel da direcção.

Colombo inventou, para acalmal-os, uma explicação scientifica que os contentou, tanta era a alta confiança que suas luzes lhes inspirava.

Terça feira 18 de Setembro, andaram cincoenta e cinco legoas, navegando dia e noute; o almirante só marcou quarenta e oito. O mar estava tão placido e tranquillo como as aguas de um rio. Alonzo Pinzon, a bordo da *Pinta*, que era boa veleira, tomou por davante, dizendo ao almirante que via passaros que voavam para oeste, e esperava descobrir terra n'aquella mesma noute.

Divisava-se para o norte uma sombra escura. Os marinheiros, acreditando ver uma ilha, pediam que se navegasse para aquelle ponto. Mas Colombo não quiz desviar-se para aquelle lado: « O tempo está bom, disse elle, e, se aprouver a Deos, tudo se examinará na volta. Devemos ir agora direitos á India ». Estavam então a quatrocentas legoas das ilhas Canarias.

Apezar da precaução que tomára Colombo para lhes occultar parte da derrota feita, os marinheiros principiavam a demonstrar inquietação. Signaes enganadores haviam algumas vezes annunciado a proximidade de terra, e des-

pertado esperanças que as observações do seguinte dia não confirmavam. Ás esperanças mallogradas succedia o desanimo.

No espirito dos marinheiros, turbado pelo medo, tudo dava azo ao sobresalto. Assim o vento oéste, cujas brisas continuas e acariciadoras os impelliam para um novo continente, lhes causavam duplicado terror. « Se o vento oéste reina sempre n'estas paragens, interrogavam elles, como nos será possivel regressar á Hespanha? »

A 20 de Setembro, o vento mudou, depois de uma calmaria. Os marinheiros concluiram d'isto, satisfeitissimos, que o vento não permanecia invariavelmente fixado a oéste.

Indicios de outro genero, reanimavam de vez em quando as suas esperanças. Os passaros, que de ordinario se aninham nos vergeis e nos bosques, visitavam, de manhã as caravelas, e partiam de noute. Os maiores d'estes passaros tinham grandes azas, que lhes permittia aventurarem-se no mar até muito longe. Mas a maior parte eram muito pequenos para voar por muito tempo, e não se mostravam fatigados. Este signal parecia precursor da vizinhança de terra.

No seguinte dia, entraram na curiosa região do oceano que tem hoje o nome de mar de *Sargasso*, que consiste em uma immensa agglomeração de hervas marinhas, que alastram as aguas em grande extensão. Dir-se-ia uma campina inundada e sem limites.

Á vista d'esta prodigiosa quantidade de vegetação os marinheiros acreditaram que em breve descobririam terra, e entregaram-se a transportes de jubilo.

Sahiram, emfim, da singular região onde as ramagens

pareciam crescer á superficie do mar; porém cousa alguma indicava a proximidade de terra habitavel. Então a equipagem não mais occultou o seu descontentamento e susto.

« A final, diz Fernando Colombo, os marinheiros temiam perecer n'esses mares desconhecidos, e queixavam-se ainda mais do que tinham feito até ali. Diziam entre si que o almirante resolvera engrandecer-se á custa de suas vidas, e não estavam já obrigados a acompanhal-o, e que depois de tão longa derrota, podiam voltar ao seu paiz. Accrescentavam que os viveres principiavam a escacear, que os navios, com muitos rombos em diversos lugares, não se achavam em estado de continuar a viagem, que ninguem os exprobaria por lhe haverem renunciado, que todos lhes admirariam o animo de terem tentado fortuna empenhando-se em tão grande distancia; mas que o almirante, tendo-se aventurado a empresa condemnada por tão habeis cosmographos, passaria por um insensato; que não prestariam confiança alguma ao que elle pudesse dizer, quer para justificar-se a si proprio, quer para os tornar culpados, a elles, aos olhos do rei e da rainha. *Alguns chegaram mesmo a propôr que o atirassem ao mar, caso se negasse a voltar por sua vontade.* Diriam que fôra elle proprio que se affogára, observando as estrellas, e ninguem seria levado a suppôr o contrario. »

Os marinheiros passaram assim muitos dias, chorando, gemendo, e esforçando-se para tomar uma resulução. Seu ar sombrio, seus murmurios, seus modos suspeitos inquietavam o almirante. Tudo de seu lado indicava intenções sinistras. Colombo dirigia-lhes a palavra, ora com doçura, ora com a firmeza de um homem resoluto, que, ha largo tempo se habituára a arcar com as difficuldades e os perigos.

« Não me atemorisa a morte, lhes dizia elle. Sempre estive preparado para ella. Mas por vossa parte, lembrai-vos do supplicio que vos aguarda ao regressar á Hespanha, se attentais contra a minha vida, ou se pondes obstaculo a continuar a minha viagem? »

Depois, mudando de tom, recordava-lhes, explicando-lhes, todos os signaes que annunciavam o desembarque para um dia proximo.

É d'este modo que conseguia apazigual-os, ora intimidando-os, ora animando-lhes as esperanças.

A 25 de Setembro, depois de esconder-se o sol, estando Colombo absorvido no estudo de seus mappas, Alonzo Pinzon, á pôpa de sua caravela, o chamou, bradando-lhe: *Bôa nova! vejo terra!*

Colombo ajoelhou, para agradecer a Deos. Nos tres navios, as tripolações entoaram o psalmo *Gloria in excelsis Deo!* Todos subiram aos mastros da gavea e ás cordagens. Todos julgavam descobrir uma terra, que segundo a estimação do almirante, não devia estar mais longe de cerca de vinte legoas.

Tinham até então seguido o rumo de oéste. O almirante deu ordem para seguir a direcção de sudoéste, por que para este lado se tinha visto a terra. N'este dia, foi de quatro legoas e meia a derrota, a oeste, e durante a noute, vinte e uma e meia.

Mas no seguinte dia, cruel decepção! reconheceram que se haviam enganado. A pretendida terra não passava de uma agglomeração de nuvens no horisonte. Tornaram, pois, a seguir o rumo de oéste.

Nos seguintes dias, pouco se adiantou, por causa da calmaria. O ar estava brando e agradavel, o mar chão.

Mas progredia-se lentamente. As queixas e as murmurações começavam entre os marinheiros.

Tornando-se o vento favoravel a 3 de Outubro, andaram, contando a noute e o dia, quarenta e sete legoas; a 4, sessenta e tres legoas; a 5, cincoenta e sete; a 6, quarenta legoas, etc. Segundo o costume, Colombo não marcou senão parte da derrota feita. Receiava sempre que os marinheiros, conhecendo a enorme distancia que haviam já percorrido, não recusassem absolutamente penetrar mais n'esses desertos em que se não divisava senão o céo e a agua.

A 7 de Outubro os tres navios navegaram rapidamente, esforçando-se cada qual para se adiantar aos outros na esperança de obter a recompensa que o rei e a rainha promettera á tripolação que primeiro descobrisse terra. Ao romper do sol, a *Niña* arvorou o pavilhão no tope do mastro da gavea, e annunciou, com uma descarga de artilharia, segundo a ordem dada pelo almirante, que a final se descobrira terra.

No emtanto, desdobrando-se a noute, a equipagem da *Niña* ainda não via a terra tão ardentemente almejada.

O almirante resolveu abandonar o rumo de oéste, e navegar ao éste-sudoéste.

A 10 de Outubro ainda nada haviam descoberto. Os homens da tripolação recomeçaram então a lastimar-se e a queixar-se energicamente. O almirante procurou chamal-os a outros sentimentos, com a esperança das grandes recompensas que os esperava no termo da viagem. Mas reclamara contra a obstinação de sempre querer proseguir em um oceano sem limites, e terminaram rompendo em gritos tumultuarios.

Colombo assumio então um tom mais firme.

« A nova expedição, lhes disse elle, foi mandada pelo rei e pela rainha, á descoberta de um novo caminho das Indias. A minha determinação formal, inabalavel, é persistir na realisação d'esta empresa aconteça o que o acontecer. »

Muitos historiadores accrescentaram, conforme Oviedo, que Colombo capitulou com a tripolação revoltada e prometteu, se não se descobrisse terra em tres dias, renunciar á continuação da viagem. Esta asserção não está autorisada. Nem na *Historia do Amiral*, por Fernando, seu filho; nem na de Las Casas, ambos os quaes tinham ávista os papeis de Colombo; nem nos extractos dos diarios d'este, feitos por Las Casas; nem em Pedro Martyr; nem na obra do *Cura de los Palacios*, todos tres contemporaneos e amigos de Colombo se falla n'esta circumstancia. Se o facto fosse verdadeiro, não deixariam de o mencionar. Oviedo foi n'isto induzido em erro por um piloto inimigo de Colombo. Sem duvida, em presença do descontentamento da tripolação, o almirante achou-se em critica situação; mas preferiria cem vezes a morte á deshonra de retroceder. Falsa é a idéa que d'elle se fórma acreditando que se curvou em face do desgosto e mesmo de uma revolta completa dos marinheiros.

A final, a 11 de Outubro, prenuncios não equivocos d'esta vez, de proximidade de terra, confirmaram as esperanças alimentadas pelo almirante. Divisava-se, fluctuantes na agua, grande quantidade de hervas frescas, semelhantes ás que crescem á margem dos ribeiros. Viram peixes da especie dos que vivem perto dos alcantis; de-

pois um ramo de espinheiro em flôr, que fluctuava e parecia ter sido cortado de fresco. Os marinheiros da *Pinta* tiraram da agua o arbusto, depois uma haste artisticamente trabalhada, e por fim uma plancha pequena e um ramo de rosal bravio.

Estes signaes e ainda outros fizeram succeder de prompto o jubilo á tristeza. Os symptomas de esmorecimento desvaneceram-se a bordo do navio de Colombo, e os marinheiros subiram aos mastros. Todos tinham a peito descobrir, antes de seus companheiros, a terra que se esperava, de um para outro momento, ver despontar no horisonte.

De tarde o almirante ordenou que se tornasse a seguir o rumo directo de oeste. Adiantavam-se com rapidez; porquanto desde o cahir da noute até ás duas horas da madrugada, andaram vinte e duas legoas. A *Pinta*, que era a mais veleira, precedia, como sempre, o navio de Colombo.

Um dos marinheiros da *Pinta*, Rodrigo Triana, foi o primeiro que descobrio terra, e que deu signal do alto do mastro em que se achava.

Colombo reunio em torno de si toda a equipagem, e pronunciou uma sentida allocução. Empenhou-se em fazer comprehender aos marinheiros quanto era incommensuravel a bondade de Deos, que os havia conduzido, com brandos e favoraveis ventos, atravez um oceano, que nenhuma tempestade, desde as ribas de Hespanha, havia alterado a tranquillidade.

« Foi Deos, lhes disse, que, por novos indicios, cada vez

mais promettedores, ao passo que mais viva se tornára a inquietação de que estaveis agitados, constantemente vos retemperou o animo, e vos conduzio, como pela dextra, a esta especie de terra da promissão que em breve ides ver com vossos proprios olhos. »

A final, duas horas depois da meia noute, a terra se mostrou inteiramente descoberta. Distavam d'ella apenas duas legoas. Caçaram todas as velas, ferraram os pannos e esperaram o alvorecer. Tinham chegado ás novas terras.

Christovão Colombo, não nos esqueçamos, cuidava ter transposto, em seu navio, quasi metade do globo, e chegado ás Indias. A terra sobre a qual iam aproar tomava-a elle por uma dependencia d'aquellas regiões. Foi por isso que o novo mundo recebeu então o nome de *Indias Occidentaes*, e que os seus habitantes foram por tanto tempo designados com o nome de *indios*.

O ponto em que Colombo aproou era uma ilha. Faz parte do archipelago que tem hoje o nome de Lucayas, ou Bahama. Chamavam-lhe, no paiz, Guanahi. Colombo appellidou-a São Salvador. Foi sexta feira 12 de Outubro de 1492, que ahi desembarcou, acompanhado de Martim Alonzo Pinzon e Vicente Yanez, seu irmão. Empunhava o estandarte real. Cada um dos dous capitães a bandeira da *Cruz Verde da Hespanha*.

Colombo, os dous irmãos Pinzon, Rodrigo de Escovedo, escrivão da armada, Rodrigo Sanchez de Segovia, e alguns marinheiros desembarcaram. Então o almirante os chamou em fé e testemunho de que « tomava posse d'aquella ilha, diante d'elles todos, em nome do rei e da rainha. »

Um escriptor, que ha poucos annos deu á luz a *Vida de Christovão Colombo*, completamente desnaturou esta scena. Lendo, pela primeira vez, a obra de M. Roselly de Lorgues, pensámos se propunha escrever um romance historico. Relendo-a com mais attenção, conhecemos que o seu intuito fôra publicar a obra como uma verdadeira historia de Christovão Colombo. Que um romancista nos narre tudo quanto fez, ou disse seu heróe, quando se achava absolutamente só, e o que pensou e cogitou comsigo mesmo em uma circumstancia, cujos pormenores nunca revelou a pessoa alguma, é um direito que não lhe contesta pessoa alguma. Mas que, para que prevaleça uma doutrina, boa ou má, o historiador desnature os factos historicos; que por baixo de um nome historico dos mais illustres, tente desenhar a attitude grutesca e a physionomia idiota de um sacristão, é um processo censuravel. Colombo era muito religioso, ninguem o põe em duvida; mas era-o como o foram os maiores homens, os Copernico, Kepler, Galileo, Newton, Descartes, etc. Póde dar-se que as relações com uma côrte, inteiramente governada pela igreja, o tenha algumas vezes collocado na necessidade de levar um pouco longe as fórmas exteriores da religião; mas d'ahi aos sentimentos que lhe presta M. Roselly de Lorgues, vai muita distancia. De um lado, a conducta de Colombo, e do outro, como se verá depois, seus proprios escriptos, provam *sufficientemente que a propagação da fé catholica* não era o motivo que o determinava a procurar com tanto ardor descobrir novas terras. Vimol-o não hesitar em romper com a commissão encarregada por Fernando e Isabel de com elle tratar, quando vio que seus titulos, dignida-

des e vantagens materiaes que pedia como recompensa lhe eram recusados. Não é seguramente este o modo de proceder de um homem que acima de tudo estabelece os interesses da fé.

Se M. Roselly de Lorgues narrasse exactamente os factos, e se depois de os haver narrado, se limitasse a apreciar-os de seu ponto de vista, nada havia que dizer. Mas não se contenta com isto, e pensa muitas vezes que ninguem mais escreveu a este respeito. Vamos citar um exemplo que se refere ao momento em que Colombo, depois de pela primeira vez haver desembarcado em uma ilha do novo mundo, toma posse d'ella em nome da Hespanha.

« Logo que os carpinteiros, diz M. Rossely de Lorgues, terminaram a tarefa, Colombo, commovido ainda de reconhecimento, com o coração abrasado em amor evangelico, mandou alargar o buraco rasgado para a haste do estandarte plantado nas plagas conquistadas a Jesus Christo. *Ahi levantaram a cruz*, que com suas proprias mãos segurou, entoando o hymno *Vescilla regis prodeunt*. Depois, quando o emblema sagrado ficou solidamente fixado no solo, cantou o canto da victoria, *Te-Deum laudamus*.

« Colombo não mandou simplesmente levantar a cruz para ahi deixar um signal do primeiro occupante, mas *a fim de consagrar com este signal o termo de sua descoberta* e indicar já, n'esta fronteira avançada do mundo, *que tomava posse em nome do Redemptor dos homens, Nosso Senhor Jesus Christo.*

O autor accrescenta em fórma de nota, embaixo da pagina :

« A exemplo de Washington Irving, a escola protestante não diz uma palavra da creação d'esta cruz. »

De certo, acreditamol-o sem difficuldade, Washington,

Irving, escrevendo *A vida de Colombo*, firmou-se nos livros e testemunhos de homens que foram contemporaneos do illustre navegador, e que o haviam conhecido. Ora, Colombo não refere uma palavra d'esta pretendida erecção de cruz, na parte do seu diario, que se acha reproduzida no segundo volume da obra de Navarrete. Agora, eis o que se lê na *Historia do Amiral*, de Fernando Colombo.

« O almirante desembarcou com a espada na dextra e a bandeira desfraldada. Todos o imitaram. Viam-se *pintados*, *de um lado dos estandartes*, *uma cruz verde* e um F, e do outro lado muitos FF, coroados em honra de Fernando. A nossa gente, tendo descido, ajoelhou e agradeceu a Deos. O almirante deu á ilha o nome de *São Salvador*. »

Onde foi buscar, pois, M. Roselly de Lorgues, relativamente a este facto, os pormenores que nos narra e adulteram a historia de Colombo? Não se cita autoridade alguma. Não deve, portanto, dar-se á sua obra outro valor, que não seja o de um romance mais ou menos historico, para uso das educandas.

Voltemos a Colombo e ao seu desembarque em São Salvador.

A 13 de Outubro, apenas nasceu o dia, vio-se approximar uma chusma de homens, todos moços e de elevada estatura. Estes homens tinham a cabeça e as frontes largas, os olhos grandes e bellos. Cabellos quasi tão grossos como as crinas de cavallo, cahiam-lhe sobre a testa, terminando no occiput em uma longa madeixa. Os habitantes da ilha não eram brancos nem pretos; a sua côr natural

era igual ás dos incolas das ilhas Canarias. Tinham o uso de pintar os corpos, uns de côr escura, outros de branco, e outros de encarnado. Andavam completamente nús.

Os mencionados *indios*, nome que se lhes deu por um singular equivoco geographico de longa duração, — não tinham armas. Ignoravam que as espadas dos hespanhóes cortassem, e a primeira vez que se lhes permittio empregal-as, pegaram-lhe pelo córte e se feriram. Não tinham idéa da existencia do ferro. Suas armas eram simples páos terminados em ponta, por um dente de peixe.

Colombo deu a alguns barretes de côr, contas de vidro e muitas outras cousas de pouco valor. Elles, pela sua parte, dirigiram-se a nado, á procura dos hespanhóes em suas embarcações, e lhes levavam papagaios e pacotes de algodão que trocavam por outros objectos. Recebiam tudo que se lhes dava, e retribuiam de boa vontade com o que tinham. *Mas*, accrescenta Colombo, *pareceu-me que era gente muito pobre em todos os sentidos.*

O que os hespanhóes queriam, e tinham ido procurar, era ouro, prata e pedras preciosas.

Felizmente para os habitantes de São Salvador, não possuiam nada d'isto, e pouco cuidado lhes dava. Se fossem ricos como os mexicanos, os peruanos, teriam o mesmo destino que elles tiveram, que, como todos sabem, foi terrivel. Nas ilhas e continente do novo mundo, os povos que não possuiam o fatal privilegio de fazer uso do ouro e da prata, gozaram mais tempo que os outros de sua independencia e simplicidade primitivas, n'essas deliciosas paragens, onde espontaneamente produzia a natureza quanto

era indispensavel á vida. Foram os ultimos que os europeus se lembraram de *converter* ou *civilisar*, o que deve traduzir-se por perverter ou trucidar.

« Procurei informar-me, diz Colombo, *se tinham ouro*. Vi que alguns traziam um pedacinho suspenso a um buraco aberto no nariz, consegui, por signaes, obter d'elles que costeando a ilha e navegando ao sul, encontraria um paiz cujo rei possuia grandes vasos de ouro e muita quantidade d'este metal. »

Os indigenas de São Salvador deram aos hespanhóes grande copia de objectos insignificantes, recebendo em troca algumas bagatellas.

Colombo quiz persuadir alguns a acompanhal-o áquelle paiz; elles, porém, recusaram. Deram-lhe a entender no emtanto que ao sul existiam outras terras, e que seus habitantes, que muitas vezes os vinham guerrear, iam ahi buscar ouro e pedras preciosas.

Colombo, persuadido sempre que desembarcára na Asia, escreveu no seu diario, composto para o rei de Hespanha, que sem mais demora se dirigia ao Japão!

No seguinte dia, 14 de Outubro, foi, no barco de seu navio, e nas barcas das caravelas, visitar, ao longo da ilha, os diversos povos que habitam as ribas do mar. Estes, bondosos e meigos, corriam ao encontro dos hespanhóes e lhe offereciam de comer e beber. Se as barcas passavam sem parar, deitavam-se a nado, e atracavam-as. Alguns chamavam em altos gritos os habitantes da ilha, dizendo-lhes: « Vinde ver estes homens descidos do céo; trazei-lhe de comer e de beber! » E todos corriam, offerecendo aos visitantes estrangeiros, alguns regalos.

Taes eram estes povos antes de serem *convertidos e civilisados*. Mais tarde, calumniaram-os, para justificarem-se de os haver exterminado.

Para corresponder á instancia cordial dos primeiros habitantes do novo mundo que se offereciam á sua vista, Colombo concebeu um projecto que nada tinha de evangelico.

« N'esta manhã, diz elle, puz-me em campo para ver em que lugar *poderia construir uma fortaleza*. Não me parece, que seja isto indispensavel, porque a gente é muito simples a respeito da guerra. Vossas Altezas o podem avaliar *pelos sete que mandei apanhar para lhe serem enviados*. E quando mesmo Vossas Altezas ordenassem que os *agarrasse todos e os transportasse a Castella ou os conservasse captivos na propria ilha*, nada seria mais facil. »

Assim, construir uma fortaleza, apanhar e transportar escravos, taes são as preoccupações do europeu que primeiro aporta ás plagas do novo mundo! A cubiça, o abuso da força e a guerra! Foram estas as disposições do coração e do espirito em que se achavam os hespanhóes, desembarcando em terras incognitas.

Nas proximidades de São Salvador achava-se grande numero de outras ilhas. Colombo empenhou-se em conhecer a maior. As ilhas eram muito ferteis e bem povoadas. O almirante não quiz passar por nenhuma sem tomar posse, se bem que, no seu modo de pensar, tomar posse de uma era tomar posse de todas.

Segunda e terça feira 15 e 16 de Outubro, Colombo visitou muitas ilhas, que lhe pareceram uberrimas; mas pouco se demorava n'ellas, sendo o seu designio «*percorrer muitas ilhas para encontrar ouro*. Era isto o que mais o preoccupava.

Por toda a parte onde aproava, os indios corriam em multidão, acolhendo-o benevolamente e offerecendo-lhe tudo que tinham.

Aproou, terça feira, a uma ilha que lhe pareceu muito vasta, e á qual deu o nome de *Fernandina*. Resolveu, diz elle, dar-lhe a volta, visto presumir *que ahi havia alguma mina de ouro*.

Os habitantes da ilha *Fernandina* eram semelhantes aos de São Salvador. Tinham quasi os mesmos usos, os mesmos costumes, e mesmo dialecto. Encontrou n'esta ilha pedaços de panno de algodão talhados como mantilhas. A arte de tecer era praticada entre estes indigenas. Não ignoravam tambem a arte de obter pela cultura as plantas e fructos necesssarios á manutenção da vida. Colombo notou na ilha solo fertil e vegetação vigorosa, muito diversa, porém, em suas producções, da Europa. Vio plantas que se não assemelhavam em cousa alguma com as que observára na Italia « e peixes, accrescenta, tão differentes dos nossos, que era uma maravilha! »

A 17 de Outubro, dando volta na ilha *Fernandina*, Colombo entrou em uma bella região, habitada por um povo. Os indigenas eram em tudo semelhantes aos que havia encontrado nas outras ilhas. Não penetrou nas casas; mas os da tripolação que tiveram occasião de as visitar, disseram que interiormente eram aceiadas e boas. Pela banda de fóra tinham redes para dormir e descançar.

As casas, construidas todas em fórma de barraca, tinham chaminés sem tubos; o fumo sahia por um buraco praticado no tecto.

Colombo sahio de *Fernandina* para ir em procura de outras ilhas.

Aproou a 19 de Outubro, n'uma ilha que os indios de São Salvador chamavam *Saometo*, e a que deu o nome de *Isabel*. Era a mais bella das que havia até então visitado. Colombo descreve com enthusiasmo, no seu diario, a magnificencia da vegetação e seus primores naturaes.

Os indios que comsigo levava informaram-o que, no interior da ilha havia « um rei que trajava uma vestimenta e *trazia comsigo muito ouro* ». Colombo quiz ver o rei, relacionar-se com elle, e determinal-o a ceder-lhe o ouro. Mas, apezar de todos os esforços, não conseguio desembarcar na ilha onde o rei fazia sua residencia.

Perdendo a esperança de encontral-a e presumindo além d'isso, segundo muitos indicios, que não havia mina de ouro em *Saometo*, resolveu a 23 de Outubro, partir para a ilha de *Cipango*, que tomava por uma das do Japão.

A pertendida ilha do Japão em que ia aproar, era a ilha de Cuba, rainha das modernas Antilhas.

« Convém, escrevia elle, que me dirija onde se possa realisar uma grande operação e commercio em larga escala. Devo proseguir minha derrota e visitar muitas paragens, até que encontre uma muito fecunda em producções e de que se possa colher muitas vantagens. «

D'aqui se infere, por mais que desagrade a M. Roselly de Lorgues, a que ponto Colombo se preoccupava com os interesses da fé, e qual era o verdadeiro alvo que o guiava ao descobrimento dos paizes desconhecidos.

A 24 de Outubro partio, pois, para Cuba. Depois de

haver encontrado muitas ilhas, de que não fez caso, chegou, ao cabo de quatro dias, a essa magnifica região.

Entrou em um rio soberbo, de profundas e limpidas aguas.

Cousa mais imponente não se lhe havia apresentado ainda aos olhos. Em toda a extenção, o rio ostentava em ambas as margens arvores gigantescas e copadas, cuja folhagem opulenta indicava vegetação vigorosa. As plantas e os arbustos estavam vergando ao peso de flôres e de fructos. As palmeiras, sobretudo, mostravam-se abundantes e prodigiosamente diversas na estructura. Por cima d'estas e dos coqueiros, e dos arbustos que vestiam a terra, multidões de passaros de scintillantes e variegadas côres, entoavam harmoniosos concertos. Flôres, fructos, aves, eram differentes dos da Europa. As folhas das palmeiras tinham tal largura, que os habitantes se serviam d'ellas para cobrir os tectos de suas choupanas

O almirante saltou na chalupa e desembarcou. Os indigenas fugiram á sua approximação. Encontrou duas choupanas, onde se estavam seccando redes de fio de casca de palmeira, cordas da mesma materia, um anzol, harpões de osso e outros instrumentos de pesca.

Entrou o rio, para remontar a corrente. Os tufos de verdura e o trinar dos passarinhos o encantavam, diz elle, a ponto que não podia avançar, sem ter desejos de retroceder.

Os indios de São Salvador, que comsigo levava, fizeram-lhe comprehender, por signaes, que Cuba, cortada por dez grandes rios, era extremamente productiva, e que tão grande era a sua extenção que necessitava mais de vinte dias para costeal-a em pirogas. Accrescentavam que a ilha encerrava minas de ouro e de perolas.

Colombo, que se acreditava sempre na Asia, imaginou que era para ali que aproavam os navios do grão Kan, e que para se dirigir á terra firme da Asia não era preciso mais de dez dias de navegação.

A 29 de Outubro levantou ancora e entrou em um rio, para alcançar a ilha que, segundo Las Casas, era o porto de *Baracoa*.

Tornou a embarcar para seguir os contornos da ilha, e chegou, no 1° de Novembro, a uma outra ilha.

Quando os habitantes d'esta tiveram certeza que se lhes não fazia mal, embarcaram nas pirogas, e foram visitar a flotilha de Colombo. Levaram algodão e grande numero de pequenos objectos. O almirante ordenou que se lhes não aceitasse cousa alguma, e dar-lhes a entender que só se queria ouro.

Os indios que visitaram a frota, manifestaram, por acenos, a Colombo que haviam mandado a todos os pontos da ilha annunciar a chegada dos estrangeiros; que dentro de tres dias, muitos mercadores do interior se apresentariam na esquadra para comprar os objectos que traziam os europeus, e que os mercadores lhe dariam novas do rei d'aquelle paiz.

Colombo acreditava-se cada vez mais na extremidade do continente da India, a cem legoas quando muito da cidade descripta por Marco Polo, com o nome de Guinsay. Resolveu enviar á terra dous hespanhóes, um dos quaes, Luiz de Torres, era judeu e sabia o hebreu, o chaldaico e um pouco de arabe. Deu-lhe por companheiro de viagem um indio de São Salvador, acompanhado por outro da povoação que acabavam de descobrir, e *fixou-lhes tres dias para regressarem*.

Os enviados voltaram a 6 de Novembro. Encontraram, a doze legoas de distancia, um lugarejo composto de cincoenta casas, cujos habitantes os acolheram com a maior cordialidade. Todos quizeram vel-os. Olhavam-os como entes descidos do céo. Os mais distinctos da tribu os conduziram nos braços, levando-os para a principal casa, e os habitantes sentaram-se no chão ao redor d'elles. Na volta para a esquadra, encontraram outras povoações menos importantes, onde foram recebidos com especial agazalho. Os indigenas offereceram-lhe com boa vontade quanto tinham. Por toda a parte o solo lhes pareceu fertil e bem cultivado. Viram muito algodão em ser, fiado e trabalhado.

Um uso, porém, inteiramente novo para elles, e que muito os admirou, foi o de fumar. Os homens e mulheres fumavam folhas de tabaco enroladas dentro de um tubo de palha. Em uma nota de sua obra, Fernando Navarrete explica semelhante uso, que Colombo em seu diario menciona obscuramente.

Eis como os europeus, pela primeira vez, conheceram o tabaco. Aqui está como esta planta fetida, aspirada em fumo por alguns selvagens do novo mundo, foi revelada aos europeus, a quem um dia devia curvar ao seu deploravel e embrutecedor imperio.

A 12 de Novembro, o almirante partio de Cuba, para aproar a uma ilha, á qual os indios que o acompanhavam chamavam *Babéque*. Fizeram-lhes comprehender, por signaes, que os habitantes da ilha, apanhavam, nas praias, ouro de que faziam barras.

Em mais de uma circumstancia, o procedimento de Colombo merece severa censura. Certas injustiças parecem

ainda mais graves nos homens superiores que nos homens vulgares. Tal é a seguinte:

« Hontem, 12 de Novembro, diz Colombo no seu *Diario*, uma piroga atracou a bordo conduzindo seis indios moços, cinco dos quaes entraram no meu navio. *Fil-os agarrar e levo-os.* Depois, *mandei a uma casa*, ao oéste do rio (de Cuba); *trouxeram-me sete mulheres de estatura regular, e tres crianças; levo-as tambem comigo* ».

Com que direito apoderar-se de homens, sem consentimento d'elles, para os transportar a mil legoas de sua patria? Onde encontrou Colombo no evangelho, unico verdadeiro fundamento do christianismo, maxima que pudesse justificar a seus olhos tão culpavel violencia? Colombo era muito instruido para deixar de comprehender que todos os homens receberam de Deos direitos imprescriptiveis de que se não podem esbulhar sem crime.

Sahindo á procura da ilha *Babéque*, encontrou ilhas em tão grande numero que as não pôde contar. N'estas ilhas, tapetadas de bella e variada vegetação, erguiam-se montanhas de tal modo arrojadas que os pincaros se perdiam nas nuvens. Não podia existir no mundo cousa mais bella e mais pittoresca.

Colombo quiz visitar, nos botes dos navios, as costas das ilhas, ou pelo menos algumas de que diz maravilhas. Encontrou palmeiras (lantesques), grande quantidade de aloés, etc. Todos os habitantes fugiam á approximação dos hespanhóes.

A 21 de Novembro, Alonzo Pinzon, commandante da *Pinta*, separou-se, de animo deliberado, e contra vontade

do almirante, dos dous outros navios. Queria desembarcar primeiro na ilha Babéque, onde esperava achar ouro e perolas. Este exemplo de insubordinação muito angustiou o almirante.

Colombo mandou arvorar, na passagem, cruzes em muitas das ilhas. Estas cruzes, levantadas sem solemnidade alguma, eram antes marcos destinados a assignalar a presença de Colombo e a posse de todas as terras tomadas sem nome do rei de Hespanha, que symbolos de religião.

A 27 de Novembro, ao sol poente, o almirante avistou um cabo a que chamou *Campana* e ahi se conservou toda a noute. Quando rompeu o dia, vio aos pés do cabo um admiravel porto e dous rios caudalosos. Seguindo a costa, deparou com uma abundante população. Grande numero de indigenas, inteiramente nús, appareceram na praia. Soltavam gritos e pareciam querer obstar a que aproassem as chalupas. Mas quando se convenceram que os hespanhóes pouco se lhes importava d'isso, afastaram-se das ribas do mar.

Depois de haverem percorrido, na bahia, cerca de meia legoa, o almirante avistou « *terras maravilhosamente bellas* ». Em uma vasta planicie rodeada de montanhas, descobrio grandes povoações, e terrenos perfeitamente cultivados. O almirante acreditou não poder mais arrancar-se d'esses sitios arrebatadores. Desejava communicar com os habitantes; mas estes, ao approximaram-se os hespanhóes, fugiam.

A 30 de Novembro, enviou á terra oito homens bem armados, e com elles, dous indios, que tinha a bordo. Viram muitas tribus e encontraram muitas casas sem ha-

bitantes. Observaram junto a um rio uma canôa feita de uma só peça, na qual se podiam accommodar cento e cincoenta pessoas.

O almirante subio a uma montanha, de cujo cimo se descobria uma grande tribu reunida. Proseguindo, achou-se de repente no meio dos incolas, que, aterrados pela subita apparição, deram de fugir. Os indios que acompanhavam o almirante conseguiram acalmal-os um pouco. Deu-se-lhes guizos, anneis de latão e cantaros de barro. Mas como não possuiam prata nem ouro, entendeu-se que o melhor era deixal-os socegados e retirarem-se.

Voltaram para o lugar onde tinham ficado as chalupas. Tinha-se ali reunido, em sua ausencia, grande numero de indios. Um d'estes adiantou-se e proferio um longo discurso do qual o almirante não entendeu palavra. Colombo imaginou que lhe fallavam do prazer que lhes causava a sua chegada. Foi inteiramente o contrario. Intimava-se-lhe, com ameaça, ordem de retirar-se.

« No mesmo instante, diz Colombo, mostrou-se *aos indios uma espada que matava ao perto, e um arcabuz que matava ao longe, e todos desataram a fugir.* »

O almirante regressou ao porto, desfraldou as velas, e partio. Para que, com effeito, demorar mais tempo em um paiz que não guardava ouro?

Na tarde de 6 de Dezembro, o almirante entrou n'um porto, a que deu o nome de *São Nicoláo*, que ainda conserva. Achou-o espaçoso, fundo e rodeado de grandes arvores, cuja maior parte estava vergando ao peso de frutos.

No extremo desdobrava-se uma bella planicie, cortada por uma limpida corrente d'agua.

No dia seguinte, Colombo deixou o porto de São Nicoláo. Navegou a costa ao nordéste da ilha. Era elevada e pedregosa, se bem que offerecesse verdejantes savannas, e longos prados a perder de vista. Os hespanhóes entreviram tambem um valle risonho e fertil, que, no interior da ilha, se prolongava por entre duas montanhas, e apresentava evidentes signaes de cultura.

Era ainda muito cedo, e o vento soprava benefico, quando o céo principiou a encobrir-se com pesadas nuvens, presagiando copiosa chuva. Em todas as ilhas em que Colombo aproára, sem duvida devido á estação, as chuvas lhe pareceram frequentes. Como é perigoso viajar com tempo escuro, em paragens que se não conhecem, o almirante resolveu aproar no visinho porto, a que deu o nome de *Concepcion*.

Corriam ahi as aguas de um grande rio, após percorrer planicies e campos de admiravel belleza.

Colombo reconheceu que a ilha era vasta, e em todos os pontos cultivada. Deu-lhe o nome de *Hespaniola*, porque, a pouca distancia do porto onde havia desembarcado, via bellas campinas que lhe recordavam os plainos de Castella. É a ilha que hoje tem o nome de *São Domingos*.

Divisava-se ao longe uma outra ilha, a da *Tartaruga*, cuja costa meridional se prolonga quasi na mesma direcção que a Hespaniola. Mediavam d'ella quinze legoas de distancia. O almirante quiz ir a terra, visto que, conforme diziam dos indios que levavam a bordo, era este o caminho para ir a Babéque (paiz do ouro e pedras pre-

ciosas), paragem maior do que Cuba e que não estava circumdada de agua.

A 12 de Dezembro, tres marinheiros se embrenharam na floresta. Encontraram muitos indios inteiramente nús, que fugiram, ao dar com elles. Não puderam apanhar nenhum; mas agarraram uma rapariga. Levaram-a ao almirante, que a mandou vestir e lhe deu contas de vidro, guizos e anneis de latão. Depois mandou-a reconduzir por algumas pessoas de seu navio, em companhia de tres indios de Cuba. A rapariga, encantada com o agradavel acolhimento e os presentes que lhe offertaram, ficou de boa mente com as outras indianas, no navio de Colombo.

Os tres hespanhóes que trouxeram a rapariga aperceberam ao longe a sua povoação; mas não se resolveram a dirigir-se até lá, quer tivessem medo, quer lhes parecesse o caminho demasiado longe. Notaram, os do navio, que a india trazia um pedaço de ouro atravessado no nariz.

No seguinte dia, o almirante mandou nove homens, bem armados, acompanhados de um indigena, em procura da aldêa. Encontraram-a cerca de quatro legoas e meia, em um valle delicioso, á margem de um bello ribeiro. Compunha-se de umas mil casas, n'este momento todas desertas; por que, ao aproximarem-se os hespanhóes, todos fugiram. Mandou-se um indio interprete entender-se com elles, o qual difficilmente conseguio moderar-lhes o susto. A final, aventuraram-se, em numero de perto de dous mil, a aproximar-se dos hespanhóes. A cada passo, levavam as mãos á cabeça, em signal de respeito e submissão. Eram homens bem proporcionados, mais alvos e de physionomia mais agradavel que os das outras ilhas.

Os hespanhóes conversavam com elles por meio de seus interpretes, quando viram aproximar-se uma segunda turma de indios, tão numerosa como a primeira. Pareciam escoltar a rapariga da vespera, que os amigos do marido levavam nos hombros. O marido, chegando perto dos hespanhóes, confundia-se em demonstrações de reconhecimento, pelos presentes e bom acolhimento que haviam prodigalisado a sua mulher.

Menos aterrados e em mais familiaridade com os hespanhóes, os indios os levavam para suas casas, e lhes offereciam bolo de mandioca, peixe, raizes e frutos de diversas especies. Offereciam com a melhor vontade tudo quanto possuiam. Desde que souberam pelos interpretes que os hespanhóes apreciavam os papagaios, offertaram-lhes em grande numero, os que haviam domesticado. Tal era a franca e cordial hospitalidade que reinava nas ilhas antes que os europeus ahi introduzissem a avareza e a cubiça!

Esperando que se tornasse favoravel o tempo, Colombo visitou a ilha que está em face do porto de la Concepcion, e que chamára ilha da Tartaruga, por causa do grande numero d'estes cetaceos que ahi encontrára.

Virando o vento de feição, o almirante deixou a 15 de Dezembro o porto de la Concepcion. Retomou a direcção da ilha da Tartaruga, e entrou em um rio, que não pudéra ver na vespera. O rio era pouco fundo, porém mui rapido. Vio algumas casas e um immenso valle onde se notavam algumas aldêas.

O valle, segundo as expressões do almirante, era o que se podia imaginar de mais formoso. Chamou-lhe *Valle do*

Paraiso e deu ao rio que o fecundava o nome hespanhol de *Guadalquivir*.

A 16 de Dezembro fundeou em uma enseada proxima da aldêa. Em breve mais de quinhentos indios, seguidos, alguns momentos depois, de seu rei, ou *cacique*, affluiram á praia até proximo dos navios que estavam ancorados. Entravam em um d'estes, primeiro a um por um, em seguida muitos a um tempo. Alguns traziam nas orelhas e no nariz grãos de ouro muito fino, que davam com prazer, se lh'os pediam.

O almirante vio o cacique, que estava na praia, e observou que todos o tratavam com deferencia e respeito. Enviou-lhe um mimo, que foi recebido com grande ceremonial.

O chefe era um mancebo de cerca de vinte e um annos. Vinha acompanhado de um homem mais velho, que parecia seu aio, e de muitos conselheiros. O rei fallava pouco. Os conselheiros respondiam por elle.

Um dos indios do sequito do almirante conversou com o joven cacique. Disse-lhe que os hespanhóes vinham do céo; que procuravam ouro, e seu destino era dirigirem-se a Babéque. O cacique respondeu que, de facto, havia muito ouro n'aquella ilha. Depois, dirigindo-se ao que lhe havia entregado o mimo, disse que dous dias era de sobra para ir a Babéque, e que se necessitasse alguma cousa das que havia em seu paiz, de bom grado lh'as ministraria.

O rei, muito moço ainda, seu aio ou ministro, seus officiaes ou conselheiros, mostram-nos que havia, entre os que se appellidavam de *selvagens*, gerarchias, funcções e

uma ordem de subordinação. É de lamentar para a philosophia, que a extrema cubiça dos primeiros conquistadores do novo mundo os não deixasse lembrar-se de nos transmittir observações minuciosas e circumstanciadas ácerca dos primeiros rudimentos das sociedades humanas.

O paiz era admiravel; Colombo, no seu diario, descreve-o com verdadeiro enthusiasmo.

De Humboldt faz uma judiciosa observação, e que se nos permittirá reproduzir aqui, relativamente ao sentimento que Colombo conservava do bello da natureza.

« Colombo, escreve de Humboldt, a par de tantos cuidados materiaes e minuciosos que enregelam a alma, conservava um profundo sentimento da magestade da natureza. A variedade no tamanho e na physionomia dos vegetaes, a selvatica abundancia do sólo, as vastas embocaduras dos rios, cujas margens assombreadas estão cheias de passaros aquaticos, formula-os em pinturas singelas e animadas. Cada terra que descobre lhe parece mais formosa que a descripta anteriormente. Lamenta não poder variar as fórmas da linguagem para transmittir á alma da rainha as deliciosas impressões que experimentou, contornando as costas de Cuba e as pequenas ilhas Lucayas. N'estes paineis da natureza (e por que não dar este nome a trechos descriptivos traçados com verdade?) o velho maritimo patenteia por vezes um talento de estylo que só poderão apreciar aquelles que estão iniciados nos segredos da lingua hespanhola, e que preferem o vigor do colorido á severa e harmoniosa correcção. »

Mas voltemos a São Domingos. A 18 de Dezembro, Colombo, retido por ventos contrarios, achava-se nas mesmas paragens, quando um cacique, que designavam com o nome de Guanagori, o foi visitar. Chegou, carregado por

quatro homens, em uma especie de palanquim. Escoltavam-o duzentos indios. O almirante achava-se á mesa, a bordo. O rei ordenou á escolta que ficasse em terra, e acompanhado por dous anciãos, subio ao navio. Depois de fazer signal a Colombo que não queria que se levantasse para recebel-o, foi sentar-se perto d'elle. Quando o almirante lhe offerecia de beber ou de comer, chegava apenas aos labios, e mandava levar tudo ao seu sequito. Conservou sempre uma presença grave e digna. Offereceu ao almirante um cinto de curioso lavor e duas chapas de ouro. Colombo retribuio-lhe com um pedaço de panno, grãos de ambar, borzeguins e um vidro d'agua de flôr de laranja. Mostrou-lhe moedas com a effigie do rei e da rainha de Hespanha; esforçou-se para lhe explicar a grandeza e o poder d'estes dous soberanos. Desdobrou a seus olhos as bandeiras reaes e o estandarte da cruz.

O cacique pouco entendia de tudo isto. Acreditava, como todos os indios, que os hespanhóes eram homens descidos do céo.

A 20 de Dezembro, entrou em um porto a que chamou *São Thomaz*.

Para logo os indigenas affluiram em torno dos navios, em canôa uns, a nado outros, trazendo diversas especies de frutos de sabor delicioso, inteiramente desconhecidos dos europeus. Offereciam com a mesma solicitude quanto possuiam, sobretudo os enfeites de ouro, que os hespanhóes procuravam com extrema avidez.

Os homens primitivos não tinham idéa alguma do que chamamos *commercio*, *trafico*. Dar, era entre elles, effeito de um movimento natural, prompto e espontaneo.

Os indios correram depressa aos milhares, a fim de visitar os navios. Tanto os homens, como as mulheres andavam nús, e não traziam armas de natureza alguma.

Muitos outros chefes foram comprimentar Colombo, e lhe enviaram grande quantidade de provisões. Muitos indios desejavam que os hespanhóes ficassem com elles na ilha (era, como dissemos, a ilha de São Domingos). Nenhuma outra cousa melhor caracterisa a innocencia e simplicidade d'esses povos primitivos.

Muitos caciques mandaram pedir a Colombo que aproximasse um pouco os navios das costas visinhas do paiz, e fosse vêl-as. Alguns indios lhe deram a entender que havia na ilha grande abundancia de ouro e que por pouca cousa obteriam muito. Mas d'onde lhes vinha o ouro era o que Colombo queria saber. « *Que Nosso Senhor*, dizia elle, *me faça a misericordia de eu encontrar ouro!* »

No emtanto um grande infortunio ia desabar sobre a expedição. A 24 de Dezembro, commandando o almirante o seu navio *Santa Maria*, partio do porto de la Concepcion, com destino a ir ancorar na enseada do cacique Guanagori. O vento apenas enfunava as velas, o mar estava calmo e tranquillo. Colombo não dormira na noute precedente, sempre de observação no convez, e pouco se confiando de si mesmo, em paragens semeadas de escolhos. Os marinheiros que, na vespera, haviam conduzido nas chalupas a deputação enviada ao cacique, tinham percorrido o mar desde São Thomaz até Punta Santa, sem encontrar arrecifes nem bancos de arêa. A 25, apenas distavam uma legoa de Punta Santa e tudo caminhava ás mil maravilhas. Pelas 11 horas da noute, Colombo, cedendo á

fadiga, julgou poder retirar-se, para repousar. Como o mar e o vento estavam calmos, o piloto que estava ao leme entregou o governo a um noviço, cousa que o almirante havia sempre formalmente prohibido, e foi dormir. Este pernicioso exemplo não tardou a ser imitado pelos outros companheiros. O navio, mal dirigido, quasi á mercê da corrente, bateu em um banco de arêa.

Á meia noute, o noviço, conhecendo que o leme estava preso, desatou a gritar. O almirante, promptamente de pé, deu ordem para lançar ao mar uma embarcação, carregar uma ancora e deposital-a na pôpa do navio A ordem foi mal comprehendida, desatinaram; em lugar de a executar, só cuidaram em salvar-se a bordo da caravela, fundeada a meia legoa d'ali. O commandante da caravela recusou receber homens que haviam cobardemente desertado de seu posto no momento do perigo. Voltaram para o navio, o qual, á medida que baixava a maré, começava a pender para um lado.

O almirante não descobrio outro meio, para livral-o do perigo, senão allivial-o, cortando o mastro grande. Esta medida, porém, foi inutil; o navio adornava cada vez mais. No emtanto, como o mar estava manso, não soffreu grande damno. Colombo mandou a tripolação para a caravela *Niña*.

Foram dous homens em deputação ao cacique Guanagori, cuja habitação distava uma legoa, para lhe participar o infortunio succedido aos hespanhóes.

Sabendo do desastre, o cacique chorou. Ordenou que fossem a toda a pressa descarregar o navio com as maiores canôas. Elle proprio para ali se encaminhou com seus ir-

mãos e outros parentes. Excitava com sua presença e palavras a actividade dos indios. Recommendou-lhes que velassem com a maior solicitude para que se não estragasse ou perdesse alguma cousa. Mandava de quando em quando algum de seus parentes dizer ao almirante quanto o contristava o seu infortunio, e que ficava á sua disposição tudo quanto possuia. Não se perdeu nem a cabeça de um alfinete.

A 26 de Dezembro, o chefe do paiz foi visitar o almirante, a bordo da *Niña*. Disse-lhe, enternecido até chorar, que cedêra aos hespanhóes duas grandes casas; que lhes daria ainda outras se necessario fosse, e tantas canôas e homens, quantos quizesse, para transportarem para terra a carga.

O cacique, que sabia, que o maior desejo, a predominante paixão do almirante, era conseguir ouro, e muito, mostrou-lhe, por signaes, que perto d'ali existia um paiz onde elle se encontrava, e que lhe obteria quanto quizesse. O ouro era ali tão abundante que se não fazia caso d'elle. Entre os paizes onde se achava ouro, o cacique declarava em primeiro lugar *Civao*. Colombo, acreditando-se sempre na Asia, não duvidou que Civao fosse o proprio Cipango, tambem chamado Japão.

Colombo convidou o cacique a jantar, a bordo da *Niña*.

Depois da refeição foi á terra. Ali, o cacique fez as honras ao almirante. Offereceu-lhe uma collação. Sahiram depois d'esta, acompanhados em breve de mil indigenas, inteiramente nús. O chefe indico trajava uma camisa e calçava luvas que Colombo lhe havia dado. Conduzio depois o almirante até á praia, fallando-lhe nos *caraibas*,

visinha tribu, que, de vez em quando, invadia São Domingos, e arrebatava os infelizes que podia apanhar.

Os caraibas andavam armados de arcos e flechas, mas estas não tinham pontas de ferro, visto que não conheciam outros metaes senão o cobre e o ouro.

O almirante deu-lhe a entender por acenos que dispunha de meios para destruir os caraibas. Para o provar mandou buscar um arco e algumas flechas, que mandou atirar por um homem pratico n'este exercicio. Mandou vir depois arcabuzes, que se dispararam diante dos indios reunidos.

Ouvindo a explosão das armas de fogo, muitos indios cahiram litteralmente de costas. O poder dos arcabuzes admirou singularmente o cacique Guanagori.

Os indios offereceram ao almirante uma grande mascara, cujos olhos continham grandes pedaços de ouro, bem como as orelhas e outras partes. O cacique fez-lhe tambem presente de muitas joias, com que adornou elle proprio a cabeça e o pescoço de Colombo. Distribuio tambem muito ouro aos hespanhóes que com elle se achavam.

Tanto prazer causou tudo isto a Colombo, que, cogitando na grande quantidade de ouro que recebêra, e nas vantagens que de suas relações com o cacique e mais habitantes lhe podia resultar, perguntou a si mesmo se a perda do navio não era antes para elle um infortunio que um desastre; «porquanto, accrescentava, se o navio não encalhasse, eu tinha seguido ao largo sem parar aqui.»

No dia seguinte, 28 de Dezembro, ao romper o dia, o cacique voltou a bordo da caravela. Informou o almirante que havia mandado buscar ouro; que lhe queria offertar

muito, e cobril-o por assim dizer da cabeça aos pés, á sua partida.

Ao jantar participaram que a caravela *Pinta*, com a qual Alonzo Pinzon desertára da esquadrilha, se achava em uma ribeira, na extremidade da ilha. O cacique expedio para lá uma canôa, tripolada pelos marinheiros de Colombo, encarregados de uma carta para Pinzon. Na carta o almirante convidava Pinzon a ir immediatamente reunir-se-lhe, sem lhe fazer a mais pequena censura ácerca de sua deserção.

A canôa regressou tres dias depois, sem haver encontrado a *Pinta*, nem mesmo ter ouvido fallar n'ella.

A deserção de Pinzon foi para o almirante origem de pungentes inquietações. Receiava que a *Pinta* voltasse antes d'elle á Hespanha, e que, por mentirosas allegações, o commandante da caravela procurasse indispol-o com a opinião publica e no espirito da côrte, ou lhe contestasse a gloria do descobrimento. Por outro lado, perdendo-se a *Pinta*, como voltar á Hespanha, atravez o immenso Oceano, em miseravel caravela como a *Niña?* Se a *Niña* fosse engolida pelas ondas, que lhe restaria de sua assombrosa empresa? Supporiam na Hespanha que o bom exito era impossivel. Renunciariam a qualquer outra expedição da mesma natureza, e as maravilhosas regiões que descobrira, conservar-se-iam ainda por milhares de annos ignoradas na Europa! Colombo, n'esta cruel incerteza, abandonava-se a amargas reflexões.

Os seus pezares não deixavam no emtanto de ter algumas compensações. Todos os dias recebia do cacique novas provas de apreço; e os indios, imitando o exemplo do

chefe, mostravam-se dispostos a fazer quanto estava em suas forças para lhe serem agradaveis.

A 30 de Dezembro, no momento em que desembarcava, o seu amigo cacique sahio-lhe ao encontro, acompanhado de cincoenta vassallos. Traziam todos uma corôa de ouro. O amigo de Colombo, que parecia o chefe suzerano, deu-lhe o braço e o conduzio á melhor das casas que havia cedido aos hespanhóes. Ali se achava preparado um estrado de esteiras e assentos.

Apenas Colombo se assentou, o caciqne suzerano tirou a corôa e a collocou na cabeça do almirante. Este tirou do pescoço um collar de pedrarias da India e o lançou ao pescoço do cacique. Despojou-se tambem de um manto escarlate, que trazia n'este dia, e lançou-o aos hombros do chefe indico. Mandou buscar burzeguins de couro, e calçou-lh'os. Além d'isto, introduzio-lhe no dedo um grande annel de prata, pois sabia os passos que tinham dado para conseguir de um marinheiro o dito annel.

Colombo voltou para a bordo da *Niña*, levando grande quantidade de ouro, que o cacique obtivera para elle, não sem algum custo.

Para recompensar tanta abnegação e cordialidade; para reconhecer os serviços que recebera do cacique e de seus subditos, ninguem imaginará o que praticou Colombo. Em um paiz amigo e dedicado mandou construir uma fortaleza e armal-a formidavelmente.

Louvores á actividade dos hespanhóes e á cooperação dos indios, a fortaleza terminou-se em dez dias. Por toda a parte e em todos os tempos, foram os povos sempre os primeiros a forjar os ferros que serviriam um dia para algemal-os.

Rapido uma enorme torre de madeira sobrepujava o vasto recinto, rodeiado de um grande fosso. As provisões do navio naufragado e as que não eram estrictamente necessarias a bordo da caravela foram guardadas na torre. Assestaram as peças e o forte assumio um aspecto terrivel.

Estando tudo disposto d'este modo, Colombo preparou-se para se ausentar do porto a que deu o nome de *Natividade*. Deixou ali trinta e nove homens, commandados por Diogo de Arana de Cordova, primeiro juiz do armamento. Em caso de morte, devia succeder-lhe Pedro Guttierres, e este ter por successor Rodrigo de Escobedo. Ficaram igualmente um medico, um carpinteiro, um calafate, um tanoeiro, um alfaiate, um canoeiro, todos peritos em seus officios. Recommendou-lhes que se portassem com muita circumspecção para com os naturaes, que os tratassem com brandura e justiça, evitassem rixas, violencias, e sobretudo respeitassem as mulheres dos indios.

A 2 de Janeiro de 1493, Colombo foi a terra despedir-se do cacique Guanagori. Mostrou-lhe com descargas de arcabuz, e combates simulados pela tripolação, que os caraibas não podiam ser temidos por homens assim armados. O cacique offereceu uma lauta refeição ao almirante e a seus companheiros. As despedidas foram tocantes no momento de separarem-se.

Ao romper d'alva de 5 de Janeiro desfraldaram as velas.

A 6, um marinheiro de vigia, para assignalar os parceis, descobrio a *Pinta* que navegava de vento em pôpa, e vinha sobre o navio de Colombo. Quando os navios se abordaram, Martim Alonzo Pinzon saltou para bordo da *Niña*. Procurou justificar sua deserção, com razões pouco satisfacto-

rias. Colombo contentou-se e pareceu admittir suas desculpas. Não podia cousa alguma contra um homem, cujo irmão commandava a segunda caravela, e que tinha a seu lado a maior parte dos marinheiros da esquadrilha. Apezar do titulo de almirante, Colombo estava á sua mercê. É evidente que Alonzo Pinzon merecia as mais severas exprobrações; mas se lh'as houvesse dirigido, Colombo se exporia a perigosa contestação.

A volta da segunda caravela facilitaria a Colombo o explorar as costas da ilha que tomava pelo Japão, e preparar, para ambos os navios, carga de grande valor; mas os irmãos de Pinzon não lhe inspiravam confiança, e se via a todo o momento exposto a suas contradicções. Receiava mesmo que Martim Alonzo renovasse a deserção, no primeiro momento favoravel.

Todas estas considerações o fizeram adoptar a resolução de partir para Hespanha, a fim de tornar conhecido o exito extraordinario que obtivera a sua empresa, e adiar para a ulterior viagem, e mais escolhida e segura tripolação, a exploração das regiões descobertas.

A 10 de Janeiro, entraram no rio, onde Alonzo Pinzon traficára com os indigenas. Ali Colombo convenceu-se que Martim Alonzo lhe fizera uma narrativa muito inexacta. Affirmára que só tinha permanecido seis dias n'aquelle rio; ora, Colombo soube que se demorou dezeseis, continuando a obter ouro, mesmo depois de estar ao facto do desastre acontecido ao almirante. Ainda mais, apoderou-se á força de quatro homens e duas mulheres, que se propunha levar para Hespanha. Colombo obrigou-o a dar-lhes a liberdade. Antes de os despedir, fez aos indigenas grandes protestos de amizade

e deu-lhes muitos presentes, procurando d'este modo reparar a violencia que haviam soffrido, e tirando-lhe o desejo de prejudicar os hespanhóes no espirito de outros habitantes do paiz.

Costeando a ilha de São Domingos avistaram o cabo *Cabrow*. Dobrando-o, desembarcaram em um porto que não tinha menos de tres legoas de largura. Descobriram logo, não longe das praias, indios, inteiramente differentes dos que haviam até então encontrado. Estavam pintados de modo que os tornava disformes. Tinham cabello comprido, amarrado posteriormente e adornado de pennas variegadas, de papagaios e outros passaros. Seu aspecto era feroz, attitude guerreira e ar ameaçador. Armados de arcos e flechas, traziam achas de guerra e espadas de páo de palmeira quasi tão rijas e pesadas como o ferro. As flexas tinham ponta de madeira dura, de osso ou dente de peixe. Os selvagens venderam aos hespanhóes dous arcos e muitas flechas.

Colombo pensou que estes guerreiros eram os terriveis *caraibas* ou *canibaes*, tão temidos dos indios. Os hespanhóes convidaram um d'elles a entrar na caravela do almirante. Aceitou sem difficuldade. Deram-lhe bom agasalho, offerecendo-lhe de comer e beber. O almirante deu-lhe diversos presentes, e o reconduziram a terra.

A chalupa chegava apenas á praia, quando os marinheiros viram surgir como cincoenta outros selvagens, armados de arcos, flechas, e massas, que até então se haviam conservado escondidos por detrás das arvores. Dispunham-se a investir contra os marinheiros, quando o indio que se achava a bordo da chalupa lhes dirigio algumas palavras. Então todos de-

puzeram as armas e se aproximaram amigavelmente dos hespanhóes. Mas os europeus fazendo um movimento como para se apoderarem das armas dos selvagens, estes lançaram de novo mão d'ellas, e agrediram com sobrecenho ameaçador ao punhado de hespanhóes, de quem esperavam facilmente desforrar-se.

Os hespanhóes resolveram-se então a atacal-os. Feriram dous, e puzeram os outros em fuga, aterrados com as armas européas.

Foi a primeira vez que os hespanhóes, depois de sua chegada ao novo mundo, derramaram sangue indigena. Colombo ficou angustiado. Oh! o que era o sangue de alguns caraibas, em comparação do que mais tarde jorraria em torrentes quando os hespanhóes invadiram as mais bellas regiões do novo continente! Se Colombo pudesse ser testemunha das scenas da carnificina e horror de que estas paragens deviam ser theatro, talvez se arrependesse de as haver descoberto!

No emtanto o projecto de regressar á Hespanha tinha amadurecido em sua mente. Renunciando a levar mais longe a exploração das novas ilhas que os indios lhe haviam indicado, tudo dispoz para a partida. O mau estado das duas caravelas, o espirito de insubordinação da marinhagem, a attitude sempre suspeita de Pinzon, lhe aconselhavam a volta.

A 18 de Janeiro de 1493 começou o movimento de retirada. Colombo embarcou na caravela *Niña;* os irmãos Pinzon na *Pinta.*

A viagem foi difficil e trabalhosa. Tão favoraveis lhes haviam sido os ventos que sopram n'estas regiões, navegando para o novo mundo, quanto contrario quando se

dirigiam á Europa. Mais de uma vez perdidos dentro d'estas duas cascas de noz, no meio das desconhecidas solidões do *mar oceano*, as tripolações teriam desapparecido nos abysmos, se Colombo não fosse dotado de placidez de animo, energia e sagacidade extraordinarias.

A 12 de Fevereiro, o vento começou a zunir com violencia, o mar a engrossar-se. No seguinte dia arcaram com a excessiva impetuosidade do vento. As vagas, furiosas, arremettiam contra os lenhos. Eram espantosas na noute de 14 de Fevereiro. As duas caravelas separaram-se. O mar estava tão terrivel que todos se julgavam perdidos.

O que mais augmentava o perigo, era a falta de lastro na caravela. A carga achava-se muito diminuida com o consumo dos viveres, e especialmente da agua, pois o almirante contava com o bello tempo que passaram nas ilhas. Mandou encher com agua do mar todas as vasilhas e pipas vasias. Esta operação concorreu para diminuir a eminencia do perigo.

Colombo soffria o embate das mais terriveis agonias. Que era feito da *Pinta*, que ha tanto tempo não attendia aos seus signaes? Acreditava-a no fundo. O segredo de seu descobrimento não dependia portanto senão da *Niña*, fragil baixel que uma só vaga podia sepultar nos abysmos do oceano. A gloria e a fortuna, alvo constante de suas aspirações, que obtivera a final á custa de uma vida laboriosa e de soffrimentos physicos e moraes, podiam desapparecer sem que ficasse o menor vestigio. Comtudo, Colombo acreditava muito firmemente na existencia de uma ordem providencial para que uma especie de esperança instinctiva, uma confiança suprema no amparo de Deos, o não forta-

lecesse, máo grado a sua cruciante anciedade, em face da morte que lhe parecia inevitavel.

N'esta desesperada situação, Colombo ideou um expediente, a favor do qual, talvez, a gloria de sua empresa lhe pudesse sobreviver, mesmo caso as duas caravelas fossem engolidas pelas ondas. Escreveu em uma folha de pergaminho a relação concisa de sua viagem e descoberta de um caminho das Indias pela navegação directa ao oéste. Subscriptou o pergaminho ao rei de Hespanha. Escreveu-lhe por fóra que sería dada uma recompensa de mil ducados a quem entregasse o pergaminho sem o abrir. Envolveu depois tudo em um panno encerado, e o collocou em um pão de cêra. Introduzio tudo em uma barrica, e arrojou ao mar sem dizer nada a pessoa alguma.

O céo principiou no emtanto a descobrir-se e o vento a acalmar-se. A terrivel tempestade porque haviam atravessado dissipou-se gradualmente, sem produzir damno ás duas caravelas. Deveram a salvação a um verdadeiro milagre e a Europa o conhecimento da prodigiosa noticia de que foram portadoras as caravelas de Colombo e de Pinzon.

A 15 de Fevereiro, o marinheiro de vigia no mastro grande gritou: terra! Era a ilha de Santa Maria, uma dos Açores, da qual apenas distavam cinco legoas. Estiveram cinco dias sem poder desembarcar, tão forte era o vento que vinha de terra e tão ameaçadoras as vagas do mar, ainda agitado.

Colombo pôde emfim repousar um pouco. Constantemente no tombadilho por espaço de muitas noutes, atormentado pela gotta, exposto á chuva e ao frio, quasi sem

alimento, estava extenuado. Desembarcou a 18 na ilha de Santa Maria.

Os Açores pertenciam a Portugal. O governo da ilha dirigio suas felicitações a Colombo, e lhe enviou pão, caça e refrescos de toda a qualidade.

Durante a furia do temporal, os marinheiros fizeram uma promessa, que Colombo lhes recordou. Via-se no areal uma ermidinha. Os marinheiros, deixando as caravelas, formados em procissão, para lá se dirigiram, descalços e em camisa, segundo o voto promettido em face do perigo e da morte.

A recepção que preparava a civilisação européa aos tripolantes da *Pinta* e da *Niña* devia ser muito menos cordial que o que lhe fôra prodigalisado pelos homens bons e simples do novo mundo. Começavam a orar quando uma grande chusma de homens armados cercou a ermida e os aprisionou a todos.

O almirante conservára-se na caravela. Não vendo volver os seus, perdia-se em conjecturas sobre a causa de sua demora. Subindo a um ponto onde podia dominar a ermida, observou cavalleiros armados que lhe eram desconhecidos e adivinhou o que aconteceu. Ordenou immediatamente aos marinheiros que o aconpanhavam que tomassem as armas sem se mostrar e estivessem promptos para defender o navio.

Uma barca, vinda da ilha portugueza, se dirigia para a caravela. Trazia o governador. Apenas chegou a distancia de ser ouvido, perguntou a Colombo se podia aproximar-se sem correr perigo. Colombo affiançou-lh'o, exprobando-lhe sua perfidia. Declarou-lhe ao mesmo tempo seu

nome, dignidade, titulos e gloriosa missão que desempenhára. Mostrou-lhe as cartas patentes selladas com as armas de Castella. Lançou-lhe em rosto seu indigno procedimento, que era um ultrage aos soberanos de Hespanha, e mesmo aos de Portugal.

O governador respondeu que pouco se lhe dava das cartas do rei de Hespanha, e que, quanto a elle, procedia em conformidade com as ordens do rei, seu amo.

Separaram-se n'estas pouco amigaveis disposições.

Colombo receiou que se houvesse declarado a guerra entre a Hespanha e Portugal; e achava-se embaraçado com a resolução a tomar.

No dia seguinte, tão tempestuoso estava o tempo, que o almirante se vio na necessidade de levantar ancora e fazer-se ao largo. O navio, durante dous dias, correu grandes perigos. A metade da tripolação ficára em terra, e a maior parte dos homens de bordo, não tinham experiencia nem bastante sangue frio para executar as manobras.

Na tarde de 22, tornando-se o mar mais calmo, o almirante de novo ancorou em frente de Santa Maria. Apenas largou ferro, quando se aproximou da caravela uma barca, a cujo bordo vinham dous padres e um notario. Depois de obterem a promessa de que se não attentaria contra a sua liberdade, os padres e o notario dirigiram-se a bordo, e pediram ao almirante que lhes mostrasse os papeis, e achando-os em regra, asseguraram a Colombo que o governador estava disposto a prestar-lhe todos os serviços que d'elle dependessem, visto que se convenciam que estava realmente ao serviço dos soberanos de Hespanha.

Foi-lhe restituida a chalupa e a marinhagem.

A 24 de Fevereiro, de noute, tornando-se outra vez o tenpo favoravel, velejaram para Castella. A 4 de Março foram ainda asaltados por um horrivel temporal, em que muito perigo correu a caravela. Passou-se a noute no meio de crueis angustias. Apenas despontou o dia, avistaram terra. Era Portugal.

Colombo escreveu a el-rei. Supplicava-lhe concedesse permissão para entrar em Lisbôa, na sua caravela. A fim de previnir equivocos, declarou não ter ido á costa de Guiné, nem a qualquer outra colonia portugueza, mas que vinha do Japão, da extremidade da India.

Assim que a noticia do regresso de Christovão Colombo se espalhou em Lisboa, as pessoas de todas as hierarchias e de todas as condições, correram em chusma para ver a caravela. O Tejo, alastrado de barcos e botes, apresentou, de manhã ate á noute, o mais animado espectaculo. As pessoas admittidas a bordo da *Niña* não se fartavam de ouvir as narrações de Colombo e dos marinheiros ácerca das maravilhas das Indias novas, nem de examinar as plantas e os animaes vindos de terras desconhecidas. O que mais augmentava o seu espanto, era a presença dos indios, tão differentes de todas as raças de homens até então conhecidas.

A 8 de Março recebeu Colombo uma carta, na qual el-rei de Portugal lhe rogava que fosse visital-o a Valparaiso, nove legoas de Lisboa, onde então se achava a côrte.

Na audiencia que teve com Colombo, D. João II mostrou extrema amabilidade. Ordenou a seus officiaes que tratassem o navegante hespanhol do modo mais honroso,

e que se lhe désse tanto a elle como para o seu navio, quanto necessitasse, sem retribuição. Felicitou-o pelo prospero resultado de sua empreza. Fez-lhe muitas perguntas ácerca da natureza dos productos e dos habitantes das novas Indias.

D. João II conservava ainda por conselheiros os mesmos personagens que, poucos annos antes, o haviam qualificado de aventureiro, visionario, e pretendente importuno. O resultado da expedição que tornava evidente sua ignorancia e incapacidade profundamente os humilhou. Lembraram ao rei que o mandasse assassinar. « Este facto, affirma Washington Irving, é attestado por muitos chronistas, tanto portuguezes como estrangeiros. » Não precisamos assegurar que D. João II repellio com indignação conselho tão cobarde e iniquo.

Colombo foi reconduzido a bordo no meio de um nomeroso cortejo. Haviam-se preparado duas cavalgaduras uma para elle, outra para o seu piloto. O rei o presenteou além d'isto com vinte ducados de ouro. Apeiou-se no mosteiro de Santo Antonio, em Villa Franca para apresentar as suas homenagens á rainha de Portugal, que mostrava desejos de o ver.

A 13 de Março, ás 8 horas da manhã, fez-se de vela. No dia seguinte ao meio dia, chegou á Hespanha, e entrou n'esse mesmo porto de Palos de onde havia partido a 3 de Agosto do anno precedente.

Os habitantes de Palos não esperavam tornar a ver mais os navios nem as tripolações que se embarcaram com Colombo, para navegar no *mar tenebroso*. Acreditavam-os todos perdidos, quando se soube que as caravelas estavam

de volta e Colombo regressava triumphante, depois de haver descoberto o caminho maritimo das Indias pelo oéste. Produzio na cidade um rumor extraordinario. Os sinos repicaram e fecharam-se as lojas. Suspenderam-se todos os negocios e trabalhos. A população entregou-se a transportes. Estes esperavam com febril impaciencia o momento de abraçar o parente, o amigo, ou ter novas d'elles. Todos almejavam por saber os pormenores de uma viagem que era realmente um prodigio.

Finalmente Colombo desembarcou e a multidão embargava-lhe os passos. Immenso cortejo o acompanhou á igreja matriz. Agradeceram a Deos haver permittido que os habitantes de Palos participassem d'este grande descobrimento maritimo. No mesmo lugar onde, no procedente anno, Colombo, objecto da publica execração, encontrou tantos obstaculos á sua tentativa, era saudado agora com as mais vivas acclamações, e lhe conferiam honras que só aos soberanos se prodigalisam.

Escreveu ao rei e á rainha para os informar de sua volta, e em breve partio para Sevilha, onde devia aguardar suas ordens. Dos dez indios que trouxeram tres ficaram enfermos em Palos das fadigas do mar e um morreu na viagem. Transportou comsigo para Sevilha os seis que restavam.

No momento em que os sinos de Palos entornavam pelos ares os canticos festivaes do triumpho de Colombo, a *Pinta*, commandada por Alonso Pinzon, entrava tambem no porto. Separada da caravela de Colombo pelo temporal que mencionámos, foi arrojada para a bahia da Biscaia, e Pinzon desembarcou em Bayonna. Presuppondo que

a caravela do almirante tinha ido ao fundo, escrevêra ao rei e á rainha de Hespanha, para lhes communicar a sua chegada. É certo que contava attribuir a si proprio toda a gloria do descobrimento. O contentamento popular, informou-o em Palos do triumpho de Colombo. Desde então como que se envergonhou de apparecer. A lembrança de sua fugida das paragens de Cuba, o lamentavel effeito de sua deserção, que obstára a que o almirante proseguisse na derrota, lhe faziam até receiar que o prendessem. Embarcou na chalupa, e sem guiar a caravela ao porto, desembarcou em segredo, e esteve escondido até que Colombo sahio de Palos.

O clandestino desembarque, o silencioso regresso, emquanto seus outros companheiros eram acolhidos com as maiores demonstrações de regosijo publico, foram justa punição do desleal procedimento de Pinzon.

V.

A carta dirigida a Fernando e a Isabel produzio viva sensação na côrte. O descobrimento de novas terras na extremidade da Asia e sua posse em nome da Hespanha, formava o acontecimento mais extraordinario de seu reinado, já illustre por tantos feitos gloriosos. Apenas Colombo chegou a Sevilha recebeu uma missiva, na qual os soberanos exprimiam a satisfação de que estavam possuidos, e o convidavam a apresentar-se na côrte, para com-

binarem o plano de uma segunda expedição mais importante que a primeira.

A epistola era dirigida: « *A D. Christovão Colombo, nosso almirante no mar oceano, vice-rei e governador das ilhas descobertas nas Indias.* » O rei e a rainha lhe pediam com instancia que os procurasse.

Colombo enviou de Sevilha um minucioso relatorio do estado em que se achavam os navios, homens e munições que julgava indispensaveis para uma segunda viagem ás extremidades occidentaes da Asia. Depois partio para Barcelona, onde se achava a côrte.

De Sevilha a Barcelona a jornada foi uma completa ovação, uma marcha triumphal por entre as populações agglomeradas, das mais bellas e populosas provincias de Hespanha. Por toda a parte, em sua passagem, via-se obrigado a parar e mostrar-se ao povo, que das cercanias lhe sahia ao encontro, para o saudar e ver os indios.

Chegou a Barcelona a 15 de Abril. Todos os grandes do reino, conforme as ordens reaes, o foram encontrar. O rei estava sentado no throno, sob um docel de velludo bordado de ouro. Todos os grandes personagens de Hespanha, trajando magnificas vestimentas, se agglomeravam em roda d'elle e formavam a mais explendida e imponente assembléa. Colombo beijou as mãos do rei, que o mandou sentar perto de si. Depois de haver praticado algum tempo com elle ácerca da viagem, mandou-o acompanhar por todos os fidalgos, ao aposento que lhe estava destinado.

« Prodigalisaram-lhe as maiores honrarias, diz Fernando Co-

lombo. O rei não sahia em Barcelona senão levando a seu lado Colombo e do outro seu filho. Uma tal graça não havia sido até então concedida senão a principes. »

A noticia do descobrimento de novas terras na Asia espalhou-se em pouco tempo por toda a Europa, pelas embaixadas, correspondencias de sabios e de negociantes, e pelas narrativas dos viajantes. Os escriptores d'aquelle tempo descrevem a surpreza e admiração que por toda a parte produzio este acontecimento assombroso.

Durante a sua residencia em Barcelona, Colombo era recebido a toda a hora pelos soberanos. A rainha comprazia-se muito em conversar com elle a proposito dos descobrimentos já realisados e dos que se deviam tentar.

As manifestações honrosas que mais agradaveis se tornaram ao coração de Colombo, depois das que recebera da rainha e do rei, foram as que lhe prodigalisou o grão cardeal Mendonza, homem por suas qualidades eminente, por seus talentos e creditos e que fôra na côrte o primeiro a acolher com bondade o navegante genovez, e que depois de lhe haver adivinhado o genio, o recommendára á rainha. Mendonza deu um grande banquete, cujo lugar de honra foi destinado a Colombo. N'este tempo e paiz de rigida etiqueta, o almirante, *vice-rei das Indias Occidentaes*, foi servido com o ceremonial com que se tratavam os soberanos.

Foi n'este festim que occorreu, dizem, o incidente tantas vezes mencionado. Perguntando a Colombo um dos convivas se nenhum outro homem, como elle, poderia descobrir as novas Indias, aquelle, por unica resposta,

mandou buscar um ovo, e pediu a todos os presentes que o collocassem de modo que ficasse em equilibrio firme por uma das extremidades. Depois de inuteis experiencias empregadas por todos para o conseguir, entregaram o ovo a Colombo, o qual, batendo com elle levemente na mesa, quebrou a extremidade da casca e o segurou tendo por base o ponto quebrado. Todos exclamaram a um tempo: « Assim é muito facil! qualquer o fazia! » « É verdade, meus senhores, é simples e facil descobrir o novo caminho das Indias. No emtanto, antes de mim, ninguem o havia ainda encontrado! »

Sete annos haviam apenas decorrido depois que Colombo, mal trajado, extenuado de fadiga e falto de tudo, se apresentára na portaria do convento da Rabida, e esmolára para seu filho um pedaço de pão e uma gota de agua. Vemol-o agora no fastigio das honras, assentado a um festim offerecido pelo maior personagem da Hespanha, e tratado com todo o ceremonial e etiqueta com que se hospedavam os reis.

No meio das festas e regosijos consagrados a commemorar o inaudito triumpho da marinha hespanhola, Fernando e Isabel ainda se não haviam occupado de tomar as conveniente medidas para assegurar a posse de seus novos estados. Conforme o direito politico adoptado, desde as Cruzadas, pelos principes da Europa, qualquer soberano podia invadir, devastar ou apropriar-se dos territorios dos povos não christãos, sob pretexto de alargar por toda a parte o dominio da igreja. Reconhecia-se ao papa o direito de dispôr de todos os paizes não catholicos, em favor dos principes christãos que fossem bastante pode-

rosos para os conquistar. Foi por este titulo que o papa Martinho V e seus successores conferiram á corôa de Portugal todas as terras que a marinha portugueza pudesse descobrir, desde o cabo (Bojador) até as Indias. Fernando e Isabel, por um tratado concluido em 1479, obrigaram-se, para com Portugal, a respeitar os direitos d'este modo adquiridos. Assim, mal conheceram as descobertas de Colombo, apressaram-se a enviar a Roma embaixadores para obterem do papa sancção á segurança e posse tranquilla de seus novos estados.

A curia romana admittio sem difficuldade os pedidos de Fernando e Isabel. A 2 de Março de 1493, uma bulla de Alexandre VI concedeu aos soberanos de Hespanha, em relação ás regiões novamente descobertas, os mesmos direitos, privilegios e indulgencias, que haviam sido concedidas aos portuguezes por suas descobertas d'Africa, e isto sob a condição de propagar a fé catholica.

Para previnir qualquer contestação entre as duas potencias, uma outra bulla, promulgada no seguinte dia, indicou uma linha de demarcação, corrida de um a outro pólo, e passando a cem legoas dos Açores e das ilhas de Cabo-Verde a oeste, que fixava de modo positivo os limites das posses das duas corôas. Todo o paiz ao oeste d'esta linha, de que nenhuma potencia houvesse tomado posse no referido anno de 1493, antes do Natal, pertenceria aos hespanhóes, se elles o descobrissem. Os paizes descobertos ao oeste d'esta linha ideal pertenceriam aos portuguezes.

Eis um papa que não procedia de mão-morta. Com uma pennada, do fundo do Vaticano, dividia em duas

partes, que distribuia a quem lhe dava na cabeça, metade de um hemispherio terrestre!

Colombo aproximava-se dos sessenta annos, e raros haviam sido os momentos de felicidade em sua vida. O curto praso que decorreu entre a sua primeira e segunda viagem foi o mais bello de sua carreira. Mas as honras extraordinarias que lhe haviam prestado, o favor real com que fôra acolhido e a gloria de seus descobrimentos haviam excitado demasiadamente, na côrte, as baixas e odiosas paixões da inveja, para que o deixassem gozar por muito tempo da embriaguez do triumpho. Devia expiar em breve cruelmente o orgulho que lhes inspirava, talvez sem igual na historia dos homens.

A 28 de Maio, o *vice-rei das Indias Occidentaes* partio para Sevilha. Ali se achava já aprestada uma esquadra de dezoito navios de todos os tamanhos.

Escolheram melhores pilotos. Os operarios mais habeis em todos os generos, mineiros, carpinteiros, trabalhadores, foram contratados para a projectada colonia. Proveram-se de cavallos, rebanhos, animaes domesticos de todas as especies. Carregaram os navios com grãos e plantas diversas; vinhos, cannas de assucar, arbustos e estacas diversas. Não esqueceram os objectos que podiam servir para traficar com os habitantes das ilhas: contas de todas as côres, guisos, espelhos, etc. As munições de guerra formavam parte consideravel da carga. Esperava-se algum encontro serio com os portuguezes, que excitados com os primeiros successos de Colombo, invejavam possuir parte das terras novamente descobertas.

Limitou-se a mil o numero das pessoas que deviam

formar a expedição. Mas apresentou-se tamanha quantidade de voluntarios, que solicitavam com instancia a permissão de embarcar á sua custa, que foi mister, em vez de mil, admittir mil e duzentos; e como muitos embarcaram, por fraude, o numero total dos colonos hespanhóes subio a mil e quinhentos.

Juan Rodrigues de Fonseca, arcediago de Sevilha, foi por Fernando e Isabel nomeado superintendente dos negocios das novas Indias, adjudicando-lhe Francisco Pinalo, na qualidade de thesoureiro, e Juan de Soria na qualidade de contador ou intendente. Estes homens, de caracter que não podia sympathisar com o de Colombo, foram encarregados de presidir aos arranjos do armamento, e d'aqui resultaram desagradaveis pendencias. Recusavam muitas vezes acceder aos pedidos do almirante e mesmo assignar suas contas. Soffreram por este facto, da parte de Isabel, viva exprobação, que não perdoaram a Colombo. Fonseca, perfido e vingativo, multiplicou os obstaculos diante de Colombo, e lhe fez passar pelas mais humilhantes mortificações.

A esquadra partio de Cadix a 25 de Setembro de 1493.

Compunha-se de tres navios de alto bordo e quatorze caravelas. Para evitar as costas e ilhas de Portugal, Colombo navegou ao sudueste das ilhas Canarias. A 5 de Outubro ancorou em Gomera, onde se proveu de lenha e agua.

A 26 de Outubro desabou sobre a esquadra um violento temporal e copiosa chuva. As tripolações acreditaram-se em grande risco até o momento em que dous fogos fatuos, effeitos da electrecidade meteorica, surgiram no tope dos

mastros e ao longo da cordagem. « Era o São Telmo, diz Fernando, que os protegia contra as tempestades, e d'esde então socegaram. »

Entre os antigos, não era São Telmo, porém *Castor* e *Pollux*, que se encarregavam de aquietar, com o apparecimento d'estas scintillações luminosas, os navegantes aterrados com os relampagos e os trovões. A idade média tinha absolutamente as mesmas superstições que a antiguidade. Só mudára o nome, isto é o espirito do tempo.

Ali, semi-deuses; aqui, santos!

A 2 de Novembro, Colombo julgou, por varios signaes, que se aproximavam de terra. No dia seguinte o grito *terra*, soltado pelo piloto, fez rebentar transportes de jubilo em todos os navios. Antes do alvor do dia, avistaram uma ilha, a que Colombo chamou *Domianice*, porque se descobrio em domingo.

Em breve, de noite, descobriram outra, que o almirante baptisou de *Maria Galande*, do nome do seu navio.

A' medida que proseguiam, outras ilhas se iam mostrando. N'este dia contaram até seis, a maior parte muito grandes.

As ilhas, á vista da esquadra hespanhola, formavam parte do grupo magnifico das *Antilhas* modernas.

A 4 de Novembro, depararam com uma ilha a que Colombo chamou *Santa Maria de la Guadalupe*, porque havia promettido aos religiosos hespanhóes dar o nome de seu convento á primeira terra que descobrisse.

Passaremos rapidamente pelos acontecimentos da segunda viagem para narrar o que esperava ao almirante no termo d'ella.

Em Guadalupe encontraram-se com verdadeiros antropophagos. Estes homens ferocissimos, embarcavam de vez em quando, em suas canôas, e iam, até quinhentas legoas de distancia, levar a devastação ás outras ilhas. Apoderavam-se e levavam comsigo todas as mulheres que podiam surprender. Nas cincoenta cabanas em que entraram os hespanhóes, acharam mais de vinte captivos, que lhes fallaram na extrema cruesa dos *caraibas*. Narraram-lhes factos incriveis. Os caraibas comiam os filhos dos captivos. Guardavam como provisão de viveres os homens que tinham podido apanhar vivos. Isto parece exacto; porque em suas habitações, encontraram-se ossos humanos, ruidos até ás extremidades. Achou-se n'uma casa o pescoço de um homem cosinhando-se em uma vasilha.

Levantaram ancora a 10 de Novembro, e navegaram ao nordeste, ao longo das costas da Guadalupe. Colombo foi dando nome ás ilhas á medida que as avistavam. Assim se descobriram e denominaram: *Montserrate*, *Santa Maria la Redonda*, *Santa Maria la Antigua*, *São Martinho*, etc. Muitas outras ilhas elevadas, montanhosas e vestidas de magnificas florestas, se desdobravam ao nordeste e ao sudoeste. Colombo não as visitou. Queria chegar a S. Vicente, onde deixára, na fortaleza, seus companheiros esperando-o á volta.

A frota avistou o 15 de Novembro um grupo consideravel de outras ilhas, vestidas umas de espessas mattas, e outras aridas e núas. Uma caravela que foi em seu descobrimento encontrou mais de cincoenta que pareceram deshabitadas. Colombo chamou á maior *Santa Vesula* e designou collectivamente as outras com o nome de *Onze mil Virgens*.

Chegaram de tarde em frente da ilha que tem hoje o nome de *Porto Rico*. Era a patria da maior parte das mulheres captivas que conduziam depois de as terem levado da tribu dos caraibas. Coberta de selvas bellissimas, era populosa e fertil. Depois de haver bordejado as costas por espaço de um dia todo, ancorou na extremidade occidental, em uma enseada abundante em pescado. Os homens mandados a terra descobriram uma aldêa construida, como a maior parte das outras, em roda de uma vasta praça. Notaram ahi uma grande e bem edificada habitação. Uma estrada espaçosa, orlada de ramagem entrelaçada, conduzia da aldêa á beira do mar, onde terminava em terraço. Divisava-se ao travez as alêas jardins e vergeis. Mas tudo silencioso e deserto; os indigenas haviam fugido.

Foi a 22 de Novembro que chegou Colombo á ponta oriental de S. Domingos. Fôra ali, isto é, no porto da *Natividade* que deixára o punhado de valentes que esperavam o seu regresso. Anciava ouvir de sua boca a narração do que em sua ausencia succedera. Mas que triste nova e medonho espectaculo o aguardava! Não lhe era dado tornar a ver os companheiros que deixára sob a guarda do cacique Guanaguari!

Os marinheiros que desceram á praia, toparam logo, ás margens de um ribeirão, com dous cadaveres, um de adulto, outro de criança, mas ambos em estado de putrefacção, que fôra impossivel distinguir se eram indios ou hespanhóes. A pouca distancia encontraram outros dous cadaveres, um dos quaes era evidentemente de europeu. Colombo foi então assaltado de tristes presentimentos.

A 27, ancoraram em frente do porto, cerca de uma legoa de terra. O tempo estava sombrio e não se podia descortinar a praia. Para advertir os compatriotas de sua chegada, Colombo mandou dar dous tiros, que ecoaram surdamente no valle. | Não tiveram outra resposta. Em-vão estiveram á escuta; as baterias da fortaleza conservaram-se silenciosas. Nenhum pharol, luz alguma broxoleava; nada se ouvia. Tiveram desde logo a certeza que alguma desgraça occorrera.

Mal despontou o dia, o almirante mandou alguns homens a terra. Reconheceu-se que a fortaleza, a residencia do cacique e todas as casas haviam sido incendiadas ou demolidas.

Um irmão do cacique sahio então ao encontro do almirante e lhe narrou que logo em seguida ao seu embarque travaram-se rixas entre as mulheres, e por *causa do ouro* succedeu o mesmo entre os hespanhóes, e depois entre estes e os indios. Acrescentou que dous hespanhóes, Guttierez e Scobedo, tendo morto um de seus companheiros, atacaram o cacique de *Caonabo*, senhor das minas de ouro; mas que o chefe matára os dous hespanhóes; — que incontinente o mesmo cacique acompanhado de grande numero de indios, se dirigira ao porto de *Natividade*, e havia devastado e queimado todas as habitações dos hespanhóes, assim como a fortaleza, que só era defendida por dez homens; — que muitos destes, fugindo para o mar, se affogaram — afinal que o cacique Guanaguari, acudindo com a gente de sua tribu, para suster a desordem, puzera em fuga Caonabo, mas ficando ferido na acção.

A verdade desta narrativa foi confirmada pelas informações ministradas pelos marinheiros que o almirante enviou a terra. O cacique Guanagori, a quem acertara uma flecha, não podia sahir da sua habitação. O almirante foi visital-o.

Assim a colonia hespanhola se perdeu a si propria, por um excesso de luxuria e cobiça.

Não apparecendo nenhum dos homens que formavam a guarnição, Colombo mandou perlustrar a ilha. Escavaram-se as ruinas da fortaleza; e a pouca distancia encontrou-se onze cadaveres de europeus, sepultados em differentes lugares. As hervas cobriam-lhe já as sepulturas.

Graças aos indios, que alguma cousa haviam *aprendido* do hespanhol e aos interpretes, em pouco se conheceram as desordens, desregramentos e rapacidade, a que se entregaram os homens a quem Colombo confiára a fortaleza. Empregavam muitas vezes a violencia, para arrebatar aos indios, tanto suas mulheres, como seus ornamentos de ouro. Tinham uns com os outros incessantes brigas, por algumas parcellas de ouro. De tal modo que os indigenas conceberam profundo despreso por esses entes degradados, que primeiro acreditaram vindos do céo, e de quem se vingavam agora.

A aldêa e forte de *Natividade* estavam em ruinas. Os indios haviam-se retirado para o interior da ilha. Por toda a parte, nos arredores do porto e sobre a costa, a solidão e o silencio, succederam ao movimento e ao rumor que denunciava a vida. A reciproca confiança entre os indios e hespanhóes estava para sempre des-

truida. Além de que, n'essa parte da ilha, o terreno baixo e alagadiço não era proprio para o estabelecimento de uma colonia. O almirante resolveu pois formar uma nova população em outro ponto.

Partiram a 7 de Dezembro destas parageus desoladas.

A Providencia, diz o doutor Chanca, permittio que, em consequencia do máo tempo que nos não deixou ir mais longe, desembarcassemos em um dos lugares melhor situados do mundo e como desejavamos (a *Ilha Isabel*). A terra, n'este ponto é apropriada a todo o genero de cultura. Perto correm-lhe dous ribeirões, grande um e outro médio, cujas aguas são excellentes.

A' margem de um destes ribeirões, emprehendeu-se a construcção de uma cidade, uma metade da qual devia ser circundada pelo mar e a outra por uma floresta impenetravel.

A cidade recebeu o nome de *Isabel*.

Em breve grande numero de indios, guiados pelo seu cacique, chegaram carregados de provisões. Trocaram os seus productos e seu ouro por contas de vidro, agulhetas, pedaços de pratos e escudellas, que os hespanhóes lhes deram.

No emtanto os trabalhos que era preciso realizar para construir a cidade, debuxar jardins, plantar vergeis e amanhar hortas, esgotaram as forças de homens muito debilitados já, tanto pelo clima, como pela longa navegação. Em vez de luxo e riqueza que tinham vindo procurar n'estas longiquas paragens, só encontraram labores, privações e doenças. O proprio Colombo, ator-

mentado pela gotta, não podia sahir do navio semanas inteiras. No seu leito de dôr entregava-se ás mais tristes preoccupações. A primeira colonia exterminada e destruida em sua ausencia, as pouco favoraveis disposições dos povos que o rodeiavam, a immensa responsabilidade que pesava em seus hombros, o descontentamento dos hespanhóes que o haviam acompanhado e que, enganados em suas chimericas esperanças, estavam promptos sempre a entregarem-se a todos os excessos e a menosprezar a sua autoridade; tudo se tornára para elle origem de inquietações, pezares e tormentos. Preso por uma doença cruel, continuava a expedir ordens; mas não podia por si proprio assegurar-se de sua execução.

Mal os navios descarregaram, foi preciso enviar a maior parte para a Hespanha. Mas todos, ali, esperavam vel-os voltar carregados de ouro e productos preciosos que os que ficavam na ilha deviam ter accumulado na ausencia de Colombo. Que diriam vendo-os chegar vasios?

O almirante resolveu, pois, antes de enviar os navios, expedir alguns soldados, bem armados, ao paiz onde existiam as minas de ouro pertencentes ao cacique Caonabo.

O chefe da expedição, Ojeda, voltou ao cabo de alguns dias. Não trazia ouro, porém muitas esperanças. Affirmou que sem duvida havia no paiz Cibáo muito ouro e preciosos productos.

Foi portanto apenas com esta carga de esperanças que os doze vasos regressaram a Hespanha.

Colombo entregou a Ojeda as cartas nas quaes descrevia ao rei e á rainha o resultado de sua segunda via-

gem. Desenhava o paiz em que se achava, a cidade que fizera edificar e manifestava o procedimento que pretendia seguir para senhorear-se d'estas regiões.

Na mesma carta Colombo suggeria ao rei o pensamento, culpavel, de trocar os indios que lhe enviára, como escravos, por cabeças de gado que os marchantes hespanhóes fornecessem á colonia. Os navios com o gado desembarcariam, dizia Colombo, na *Isabel*, onde se encontrariam os indios captivos, que seriam embarcados para se effectuar a troca.

Tão detestavel alvitre foi repellido pelos soberanos de Hespanha. Mas permanecerá como nodôa indelevel na vida e caracter de Colombo.

A frota partio pois a 2 de Fevereiro de 1494 para regressar á Hespanha. Foi ali acolhida com enthusiasmo. Os successos obtidos encheram de admiração o vulgo e os sabios.

A cidade *Isabel* tomou em pouco um certo desenvolvimento.

Levantavam-se as construcções necessarias com rapidez, quando se descobrio um trama contra o almirante. Entre os homens que formavam parte da expedição, havia um certo numero cuja cobiça fôra completamente mallograda. Acreditaram que Colombo os conduzia a uma terra onde não tinham mais que abaixar-se, para apanharem ás mãos cheias o ouro e as gemmas preciosas. Quando viram que antes de encontrar ouro, era mister semeiar, plantar, e edificar, o seu descontentamento foi extremo. Empenhavam-se, em suas palestras secretas, em denegrir e calumniar o almirante.

Um official do rei, Bernardo Dias, fiscal da expedição, foi quem se collocou á frente do motim. Emquanto durava a doença de Colombo devia apoderar-se dos quatro navios que haviam ficado no porto, e voltar á Hespanha. A conjuração descobrio-se e os revoltosos foram presos. Bernardo Dias redigira uma memoria pejada de calumnias e mentiras. Este escripto foi apanhado.

No castigo que se inflingio aos culpados, o almirante usou de toda a moderação. Mandou Dias para bordo de um navio, esperando podel-o enviar á Hespanha, onde devia ser julgado. Para que semelhante tentativa se não reproduzisse, mandou buscar dos quatro navios e guardar no seu todas as munições de guerra, cuja guarda confiou a homens dedicados.

Colombo mandou em seguida, com uma especie de apparato bellico, expedições ao interior da ilha.

Percorrendo seus diversos portos, teve occasião de melhor observar os costumes e caracter geral dos indigenas. Não eram esses povos privados de crenças religiosas. Adoravam um ente supremo, immortal, invisivel e todo poderoso. Invocavam-o por intermedio dos *zemés*, genios ou divindades segundarias que a tudo presidiam na natureza. Cada tribu, cada familia, cada individuo tinha seu zemé protector. Possuiam singulares tradições ácerca da creação, sobre um diluvio, a alma, o estado da alma depois de separar-se do corpo, etc.

Colombo regressou a 29 de Março á *cidade Isabel*, muito satisfeito com a sua excursão. Os campos, vergeis e jardins auspiciavam abundante colheita.

Mas o estado em que os proprios colonos se achavam

estava longe de ser tão satisfatorio. As doenças, o desanimo e o espirito de revolta lavravam entre elles com grande intensidade. O trabalho affrouxava, os viveres escaceavam. Colombo concebeu tristes apprehensões.

N'esta critica situação, declarou que todos, cavalleiros e fidalgos, artezões e marinheiros, deviam tomar parte no trabalho. Obrigar fidalgos hespanhóes por uma ordem severa a trabalhar com suas proprias mãos! era intoleravel. Profundos resentimentos e implacaveis odios se desencadeiaram contra o almirante. Tudo isto infelizmente coincidia com os esforços que em Hespanha empregava a calumnia para o perder.

Colombo derramou forças pela ilha, distribuio pela colonia a ordem que a presente situação comportava e partio a 24 de Abril do porto Isabel, com sua esquadrilha, para continuar o reconhecimento das costas de Cuba, desde o ponto em que o interrompeu em sua primeira viagem. Supponha que Cuba era, não uma ilha, porém o extremo da Asia, isto é, para elle a China.

Aproou repetidas vezes, notoriamente em uma região extremamente bella, cujos habitantes lhe offereceram pão de mandioca, peixes e cabaças cheias de agua. Perguntou-lhes, por signaes, se tinham ouro. Todos lhes responderam que a terra onde este metal abundava, isto é *Balbeque*, demorava ao meio-dia.

A 3 Maio, navegando a oeste, até um erguido promontorio, entrou no mar largo. Em breve os pincaros azulados da Jamaica se recortaram no horisonte.

Gastaram dous dias e duas noutes para ali chegar. A elevação e belleza das montanhas da ilha, a magestade das

florestas solitarias, a fertilidade dos valles, animados por um cardume de aldêas, produziram grande admiração nos europeus.

Os hespanhóes achavam-se ainda a mais de legoa da praia, quando oitenta canôas, apinhadas de indios, se apresentaram com aspecto ameaçador, como para se opporem ao desembarque dos estrangeiros. Tranquillisaram-se com presentes alguns indigenas que mais se haviam aproximado e foram ancorar no meio de um painel admiravel, em uma enseada a que Colombo deu o nome de *Santa Gloria.*

No dia seguinte, dirigio-se para oeste, a fim de procurar uma terra habitada. Grande turba de indios, soltando o grito de guerra, despediram flechas contra os hespanhóes.

Era urgente rebocar o navio do almirante e descer a terra para fazer aguada. Colombo mandou chalupas armadas. Foram recebidas com uma chuva de zagayas, que acertaram em alguns soldados, pondo as chalupas em debandada. Os hespanhóes saltaram em terra, e com duas descargas de arcabuzes, dispersaram promptamente os indios.

Occorreu-lhes n'este momento a idéa de soltar contra elles um cão da Corsega, que os perseguio com furor.

Mais tarde, os hespanhóes, em suas guerras contra os indios, empregaram este recurso barbaro, muitas vezes com excessiva cruesa.

Colombo tomou posse, em nome da Hespanha, da ilha, a que chamou *Santiago.* Mas o nome indio de Jamaica lhe ficou.

Seis indios, enviados pelo cacique, se apresentaram no dia seguinte, propondo a paz. Receberam-os com benevolencia, dando-se-lhes presentes para os chefes.

Os habitantes da Jamaica pareciam mais civilisados que os das outras ilhas. Tinham grandes canôas, ornamentadas com pinturas e esculpturas.

Sahindo da Jamaica, a esquadrilha retomou o caminho de Cuba. Encontraram grande numero de ilhotas.

Chegou finalmente a Cuba, onde desembarcou em uma grande aldêa e foi acolhido com a maior cordialidade. É hoje uma costa abandonada e deserta! As doze tribus indianas que a habitavam foram aniquiladas mais tarde pelos mesmos europeus, cuja chegada saudaram com acclamações jubilosas.

Não entraremos nos pormenores dos episodios d'esta longa viagem, no meio de um meandro de pequenas ilhas onde os navegantes hespanhóes correram muitas vezes perigo de espedaçar-se contra os parceis ou encalhar nos bancos de arêa. A fadiga e as privações haviam extenuado os expedicionarios.

No começo de Setembro haviam regressado *á cidade de Isabel*. O almirante ahi encontrou seu irmão Bartholomeu Colombo, recentemente chegado de Hespanha, com tres navios e o titulo de prefeito das Indias.

Graves desordens se tinham dado na ilha, durante a ausencia de Colombo. Mandára construir, a certa distancia de Isabel, um forte que chamára *São Thomaz*, entregando o commando d'elle a um denominado Margarita, em quem depositava toda a confiança.

Sahindo da cidade Isabel, para tentar novos descobri-

mentos, confiou de Margarita o seu pequeno exercito, composto de 360 peões e 14 cavalleiros, com ordem de executar na ilha passeios militares. Margarita e os seus entregaram-se a todos os excessos. Nas aldêas por onde cruzavam, apoderavam-se de tudo com violencia. Maltratavam os homens e arrebatavam as mulheres. *Os homens descidos do céo* não passavam de uma turba de salteadores e desordeiros. Em sua primitiva simplicidade, os desgraçados indios não haviam imaginado cousa semelhante. Assim muitos caciques, arrependendo-se de seus primeiros sentimentos tinham começado a reunir forças, para os exterminar. Haviam já morto um certo numero quando Colombo chegou.

O almirante á frente de 200 peões e 20 cavalleiros, acompanhado de alguns cães corsos, partio de Isabel, a 24 de Março de 1495, com o fim de debellar o exercito reunido pelos caciques. Os historiadores que, como Washington Irving consagraram volumes á vida de Christovão Colombo, fazem longa menção d'esta guerra e dos curiosos episodios que a produzio.

« *Caonabo*, menciona Fernando Colombo, o mais terrivel dos caciques, foi apanhado com suas mulheres e filhos. O almirante remetteu-os prisioneiros para a Hespanha com seus irmãos. Punio os mais culpados e condemnou os indios a pagar de tres em tres annos um tributo de ouro em pó ao rei de Hespanha. Após isto, todos lhe obedeceram sem resistencia, e os hespanhóes teriam ficado senhores das ilhas, a não ser a divisão que entre elles se introduzio.

Grande era a penuria na colonia, quando, abençoada-

mente chegaram de Hespanha quatro navios carregados de provisões.

Fernando e Isabel dirigiram a Colombo uma carta, em que muito o felicitavam. Davam-lhe conta que todas as difficuldades com Portugal se haviam aplanado, e lhe pediam regressasse á Hespanha, para os auxiliar com suas luzes; ou não podendo, mandasse por elle seu irmão Bartholomeu.

Colombo, então enfermo, necessitava d'aquelle. Mandou á Hespanha seu outro irmão, Diogo. Carregou o navio com quanto ouro póde encontrar, algumas amostras de outros metaes, fructos e plantas raras colhidos em São Domingos, ou nas outras ilhas, mandando atulhar os porões com quinhentos indios *que poderão*, dizia elle, *ser vendidos como escravos em Sevilha!*

Semelhante violação dos direitos da humanidade é um crime. Os hespanhóes e os portuguezes, tinham já, verdade é, fornecido o exemplo; mas não devia Christovão Colombo aproveital-o. Póde dizer-se, para desculpal-o, que o trafico de escravos, que os hespanhóes e portuguezes faziam ainda na costa d'Africa, fôra sanccionado pela mais eminente autoridade do seculo. Os theologos haviam, com effeito, declarado que qualquer nação que recusasse submetter-se ao christianismo, poderia ser reduzida á servidão!

O almirante, recuperando a saude, partio *da cidade Isabel* com seu irmão Bartholomeu para combater os indigenas. 200 peões, 20 cavalleiros, todos armados de espadas, lanças e grandes arcabuzes, cobertos de armaduras e broqueis de ferro, formavam a pequena columna

expedicionaria. Vinte cães ferozes, que lhes serviam de auxiliares, arrojavam-se com impeto sobre os desventurados indios, derrubavam-os e os esquartejavam. Que podiam fazer, para defender-se os pobres selvagens, completamente nús e cujas armas não passavam de brinquedos infantis contra as dos hespanhoes?

Grande numero destes infelizes foi exterminado. Os tributos de ouro e algodão que Colombo impoz aos povos vencidos, foram não rara vez exorbitantes.

Para assegurar o pagamento dos tributos, mandou construir fortalezas em diversos pontos da ilha. O jugo da escravidão foi imposto aos indios, os quaes para satisfazer o tributo exigido, se viram obrigados a um trabalho excessivo. A fadiga e o pezar deram a morte a muitos; e gradualmente a ilha se despovoou.

Os doze navios, carregados de indios escravos, por Colombo enviados á Hespanha, chegaram muito a proposito porque os inimigos delle estavam quasi triumphantes. Sua reputação, na côrte e na publica opinião, começava a estar seriamente compromettida. Fernando e Isabel haviam já decidido que seria mandada uma pessoa de confiança a São Domingos para verificar os abusos de que se accusava o governo de Colombo.

Um commissario, foi, com effeito, designado para embarcar para as Indias e examinar, nos proprios lugares, os actos do almirante. O commissario, chamado Juan Aguado, era um gentilhomem da camara do rei.

Chegando á *ilha hespanhola*, Juan Aguado mandou proclamar ao som de trompa as suas credenciaes. Colombo achava-se ausente, a encarregára a seu irmão,

Bartholomeu, o commando da praça. Aguado, sem se importar com Bartholomeu, assumio toda a autoridade na *cidade de Isabel*. Depois ordenou que um destacamento de soldados fosse procurar o almirante na ilha. Correu até o boato que o havia mandado prender.

Desde logo, todos os odios que Colombo havia conjurado contra si, fizeram explosão a um tempo. Declarando o commissario que vinha com poderes para ouvir e attender todas as queixas, surgio de todos os lados um concerto de arguições e lamentos.

De todas as queixas as mais legitimas eram incontestavelmente as dos pobres indios, esmagados sob um jugo e dominio implacaveis.

Aguado, tendo obtido todas as provas que lhe pareciam sufficientes para assegurar a desgraça de Colombo e de seus irmãos no espirito do rei, julgou que a sua missão estava concluida e dispunha-se a voltar para a Hespanha.

Colombo presentio o golpe de que estava ameaçado. Resolveu prevenil-o e communicou ao commissario real o designio de partir com elle. Era tempo, de feito, que fosse elle proprio dissipar as nuvens.

Estavam promptos a largar os navios que deviam conduzir o commissario real e Colombo, quando uma tempestade medonha desabou na ilha. As quatro caravelas commandadas por Aguado ficaram completamente destruidas, assim como as outras duas ancoradas no porto. Só restava a *Nina*, que mesmo assim ficara muito maltratada. Colombo deu ordem para a concertar, e além d'isso, de construir immediatamente uma outra caravela,

com os destroços da que o furacão havia desmantelado.

A 10 de Março de 1496, as duas caravelas fizeram-se ao largo. Muitas vezes as provisões faltaram. As tripolações e os passageiros muito soffreram. No emtanto chegaram a salvamento.

Mal Fernando e Isabel souberam da volta de Colombo, escreveram-lhe a 12 de Julho de 1496, uma carta de felicitação, convidando-o a ir á côrte. Concebida em termos affectuosos, a carta retemperou o animo de Colombo, o qual, desde a commissão de Aguado, ficára muito abatido.

Chegando a Burgos, onde eram esperados os soberanos, não se esqueceu de patentear aos olhos dos habitantes da cidade os thesouros e curiosidades que trazia: collares, pulseiras, amuletos, corôas, tudo de ouro. *Caonabo*, o terrivel cacique, que trouxera com quinhentos de seus infortunados companheiros, morrera no mar; porém seu irmão e sobrinho formavam parte dos prisioneiros que deviam ser apresentados ao rei e á rainha. O *cura de los Palacios*, futuro chronista do almirante, em cuja casa Colombo e os indios passaram muitos dias, diz que o irmão de *Caonabo*, na qualidade de cacique das minas das montanhas de Cibáo, trazia uma enorme cadêa de ouro.

Colombo foi recebido e tratado por Fernando e Isabel com toda a consideração. Não se fallou no inquerito começado por Aguado. Os soberanos ouviram com vivo interesse a narrativa de sua viagem ao longo de Cuba,

e a do descobrimento das minas de ouro, realisado ultimamente em Hayna.

Animado com sua benevolencia, Colombo propoz uma nova expedição. Promettia novas descobertas, mais importantes que as já emprehendidas, e só queria oito navios, dous que ficariam em São Domingos, e seis que ficariam sob seu commando para uma viagem de exploração. Fernando e Isabel aceitaram o novo projecto.

Todavia era mister levar em conta, n'este momento, o estado politico da Europa, e as consideraveis despezas que a Hespanha se via obrigada a fazer, para manter um exercito nas fronteiras que a França ameaçava, assim como esquadras em dous mares, para defender as costas. Fernando esperava apoderar-se da corôa de Napoles. D'este modo esqueceu mais de uma vez o novo projecto de Colombo.

Assignou-se por fim a ordem para adiantar a Colombo seis milhões de maravedis (cerca de quatrocentos e cincoenta mil francos) para equipamento da esquadra expedicionaria. Infelizmente vendo-se a corôa de Herpanha necessitada de dinheiro, esta quantia teve outra applicação e adiou-se a viagem. O inesperado concurso de varias circumstancias foi ainda para Colombo origem de cuidados e decepções.

Isabel, livre das preocupações motivadas pelos casamentos de seus filhos, concentrou a sua attenção nas Indias e mandou confirmar, por muitas ordens reaes, todos os privilegios de Colombo, cujas attribuições lhe foram claramente definidas.

A final, a 30 de Maio de 1498, Colombo partio, para sua terceira viagem, do porto de São Lucas de Barrameda, á frente de seis navios.

A 31 de Julho, depois de penosa travessia, as provisões, alteradas pelo calor e humidade, principiaram a escaceear. Apenas havia uma pipa d'agua e Colombo soffria as mais pungentes inquietações, quando por fim se avistou terra.

A terra mostrava-se ao longe, sob o aspecto de tres montanhas unidas pela base. Era uma ilha bonita, fertil e habitada. Colombo deu-lhe o nome de *Trindade*, por causa das tres montanhas. Bordejava-a, no 1° de Agosto, quando descobrio, ao sul, uma outra terra, entrecortada pelos numerosos braços de um rio magestoso.

A terra, que o almirante tomou por uma ilha, e a que deu o nome de *Isla Santa*, era o continente do novo mundo. O rio era o *Orenoque*.

Assim o navegador de Genova descobrio então pela primeira vez, mas sem o saber, essa *terra firme*, que era objecto de seus mais ardentes desejos. Aproximava-se do continente de um novo mundo, e devia morrer sem ter consciencia da immensidade da sua descoberta, ou de seu engano.

Colombo dirigio-se á ponta sudeste da Trindade. Esta ponta, que se chamou *Larenal*, estendia-se para a terra firme, de que estava separada por um pequeno estreito. Foi ali que ancoraram. Vinte cinco indios foram-o visitar em canôas, mas se não pôde obter d'elles a menor informação.

Levantando-se uma brisa favoravel, Colombo mandou

largar panno, atravessou o estreito, navegou ao longo da costa interior da ilha, para uma montanha que se erguia na ponta do nordeste, e avistou dous grandes cabos em face um do outro, o primeiro na ilha, o segundo a oeste, no promontorio de *Paria*, que se avança da terra firme.

Os navegadores europeus aproaram nas terras do novo mundo, e os indios que lhes sahiram ao encontro nas canôas eram habitantes do continente meridional.

Descobria-se, nas costas, indicios de cultura. Os marinheiros que mandou em uma chalupa, viram signaes de habitações e fogo nos brazidos. Estava tudo, porém, silencioso e deserto.

As caravelas continuaram a seguir a mesma direcção: ancoraram em uma ribeira. No mesmo instante chegaram, em canôa, tres ou quatro indios, que se dirigiram á caravela mais proxima da praia. Apanharam-os e levaram-os ao almirante, que os recebeu com benevolencia e lhes deu alguns presentes. Este processo produzio o resultado ordinario. Os naturaes correram em chusma e confiadamente a visitar os navios.

Eram homens altos, bem proporcionados, de andar livre e gracioso. Armados de arcos, flechas e broqueis, traziam na cabeça, em roda da cintura faxas de algodão coloridas. As mulheres estavam inteiramente núas. Trouxeram milho, outros alimentos e bebidas de diversas qualidades, umas brancas, especie de cerveja, outras verdes e avinhadas, espremidas dos differentes fructos O paiz chamava-se, confórme diziam, *Paria*, e mais longe, era muito povoado. Colombo mandou segurar muitos dos indios, para lhe servirem de guias.

A costa de *Paria*, era o littoral do actual estado de Venezuela, ao norte do Brasil e da Guyana.

A oito legoas d'ali, chegaram á ponta da *Aguja*, paiz de maravilhosa belleza. As habitações estavam semeiadas entre arbustos vergados de flôres e fructos. As cepas da vinha entrelaçavam-se aos ramos das arvores, e nos bosques esvoaçavam passarinhos de brilhantes e variadas pennas. Regatos de limpida agua mantinham continuada frescura. O ar era acariciador e perfumado. Colombo chamou a esta parte da costa os *Jardins*.

Os indios aproximaram-se em grande numero, em canôas bem construidas e munidas de um beliche. Muitos traziam ao pescoço chapas e collares de ouro.

Enfiadas de perolas, que alguns traziam nos braços, excitaram a cubiça dos hespanhóes. Indicaram que as perolas se achavam na costa septentrional de *Paria*, e lhes mostraram as conchas de onde haviam sido extrahidas.

Colombo mandou chalupas a terra, para obterem outras informações. Quando os hespanhóes desembarcaram, crescido numero de indigenas, tendo á frente o cacique e seu filho, se adiantaram para os receber. Conduziram-os a uma grande habitação, residencia do cacique, onde lhes foi offerecida abundante refeição. Emquanto os hespanhóes se demoraram na casa, os indios conservaram-se respeitosamente de pé, os homens a um lado e as mulheres de outro. Da casa do cacique os acompanharam á de seu filho, onde lhes foi servida uma nova collação.

Os indios, se bem que habitassem a zona torrida, eram os mais brancos que Colombo tinha visto. Affaveis, generosos e hospitaleiros, instavam por mimosear os

hespanhóes com tudo que lhe parecia ser-lhes agradavel, papagaios, perolas, ouro, etc. Tudo n'elles mostrava franqueza e intelligencia notaveis. Não se póde deixar de lamentar vivamente que estas raças, as melhores talvez que hajam existido na humanidade, hajam sido mais tarde inteiramente destruidas pela ferocidade dos hespanhóes.

A 10 de Agosto, Colombo partio dos *Jardins*. Capacitado sempre que *Paria* não era mais que uma ilha da Asia, quando, como dissemos, estava em frente do novo mundo.

Quiz consagrar algum tempo a explorar estas regiões; mas reconheceu a necessidade de voltar a São Domingos.

Atormentado pela gotta, com uma ophthalmia, muito padecêra durante a ultima viagem, e não lhe era menos necessario o repouso do espirito que o do corpo.

Não os encontrou em São Domingos, onde chegou nos fins de Agosto.

Tudo ahi se achava na maior desordem. Que differença entre o rico e brilhante estado em que acharam a ilha, quando os hespanhóes ali entraram pela primeira vez, em 1494, e o estado de miseria e penuria em que a foi encontrar Colombo, voltando quatro annos depois! Os ignobeis instinctos e as paixões perversas de alguns europeus transformaram aquelle lugar de delicias em montão de ruinas! Entre os colonos, o desregramento, a indisciplina, a revolta, e por fim a guerra com os naturaes, tão brandos ao principio, tão affaveis e generosos, e agora que os opprimiam, indignados, irritados, implacaveis, tinham suspendido todos os trabalhos, tanto da cultura, como da explo-

ração das minas. Grande parte dos indigenas haviam fugido para as montanhas. Os que ficaram recusavam-se a entregar-se a um trabalho cujo fructo lhes era expoliado por estrangeiros avidos. Assim, após o horror da guerra e das carnificinas, surgiram os horrores da fome. A maior parte dos povos, que a principio acolheram os hespanhóes como divindades beneficas, foram destruidos e tornaram-se inimigos. Os jardins e campos da colonia eram matto. Preguiçosos e desregrados, os hespanhóes esperavam fazer trabalhar em seu lugar os indios, e estes, roubados e maltratados, foram ao longe procurar guarida nas cavernas.

O almirante, sahindo das Canarias, destacára da esquadrilha tres caravelas, e as mandou a São Domingos, com provisões para os colonos. Mas as tres caravelas cahiram em poder de um bando de hespanhóes insurrecionados contra o almirante e que estava em Icaragua, de que haviam tomado posse. Colombo pensou no inconveniente de os tentar reduzir pela força. Preferio negociar.

A 18 de Outubro, mandou á Hespanha navios, com cartas, nas quaes informava Fernando e Isabel dos pormenores da revolta de alguns dos seus, do offerecimento que lhes fizera do perdão e da recusa dos rebeldes.

Emquanto todas as causas de angustia, a rebellião, as conspirações, a miseria, se conglobavam para esmagar o almirante na colonia das Indias, as intrigas e os odios conspiravam a sua perda e preparavam o seu desfavor na côrte.

Fernando, que contára com as riquezas asiaticas para fazer face ás ruinosas despezas a que o arrastava a guerra, estava afflicto, vendo, ao contrario, grande parte

de seus recursos consumir-se n'aquellas novas regiões, de onde só recebia estereis discripções, queixas e pedidos de dinheiro. Por outro lado, Isabel, que tomára pela sorte dos indios interesse materno, offendia-se vendo que Colombo, não obstante os desejos que em muitas occasiões havia formalmente manifestado, obstinava-se em reduzir ao captiveiro os indigenas prisioneiros, e continuava a carregar delles os navios que mandava á Hespanha. « Com que direito, exclamava ella, o almirante pretende dispôr á sua fantasia de meus novos subditos, e obrigal-os á escravidão? » Horrorisavam-a estes attentados contra a humanidade. Para o confirmar, mandou restituir á patria todos os indigenas que d'ali haviam arrancado.

Apenas se executava esta ordem, quando, pela mais desagradavel coincidencia, chegou de São Domingos uma carta em que Colombo pedia autorisação para poder continuar, por algum tempo ainda, a captivar os indios. Esta desgraçada carta acabou de indignar Isabel.

Os dous soberanos resolveram despojar Colombo dos poderes de que o haviam investido. O que os embaraçava, era conciliar tal medida, com o que se devia aos serviços e gloria do almirante.

Um meio simplissimo se apresentou como por si mesmo.

Muitas vezes Colombo pedira que lhe enviassem um magistrado integro e esclarecido, para administrar justiça, mas com attribuições de tal modo definidas, que fosse impossivel qualquer conflicto entre o magistrado e elle. Em outras cartas, Colombo manifestára o desejo que se nomeasse um arbitro imparcial, para julgar das

differenças suggeridas entre elle e Roldan, chefe dos revoltosos hespanhóes. Fernando ideiou reunir estas duas funcções em uma só, e d'ella investio um official de sua casa, don Francisco de Bobadilla, commendador da ordem religiosa e militar de Calatrava.

Bobadilha era, segundo uns, homem de honra e temente a Deus, segundo outros, ambicioso, violento e interessado.

O commissario real desembarcou em São Domingos nos fins de Agosto de 1500. Era portador de muitas credenciaes, escriptas em épocas differentes. A que o rei e a rainha dirigiam a Colombo era concebida nos seguintes termos:

« Don Christovão Colombo, nosso almirante do mar do oceano, ordenamos ao commendador Francisco Bobadilla, que vos entregará a nossa carta, que vos diga muitas cousas de nossa parte. Pedimo-vos que o ouçaes e obedecei-lhe.

« Dada em Madrid, a 21 de Maio, anno de 1499. Assignado: *Eu o Rei, Eu a Rainha.* »

Chegando a São Domingos e entrando no porto Isabel, Bobadilla vio o corpo de um hespanhol pendurado em uma forca. Informaram-o logo, que, n'aquella semana, sete outros hespanhóes rebeldes haviam sido executados na fortaleza, e que mais cinco, tambem condemnados, aguardavam igual sorte.

O espectaculo produzio no espirito de Bobadilla dolorosa impressão, e o confirmou na opinião, então geral, que havia um fundo de crueza no caracter de Colombo.

No seguinte dia, leu ao povo reunido as ordens segundo as quaes era investido das funcções de supremo juiz e governador geral, assim como um decreto que mandava pagar os ordenados atrazados e obrigava o almirante a satisfazer tudo quanto devia por sua propria conta.

Este decreto foi acolhido com estrepitosas acclamações. O commissario régio dirigio-se em seguida á frente de pequeno grupo, á fortaleza, cujas portas mandou arrombar, soltando todos os presos. Promulgou depois um decreto no qual era permittido a todos, no espaço de vinte annos, obter ouro, com a unica condição de dar a undecima parte ao thesouro do rei.

Todos reconheceram que Bobadilla procedeu nesta missão precipitadamente, e muitas vezes de modo assaz violento, ultrapassando as intenções de Fernando e Isabel. Que Colombo, em difficeis circumstancias, irritado com os obstaculos de toda a natureza que tinha a supplantar, esqueceu algumas vezes os direitos da humanidade e os principios da justiça, não se deve escurecer. Mas não se infere d'aqui que Bobadilla investido das duplas funcções de *juiz supremo* e governador geral, podesse prescindir das mais commesinhas regras de justiça, pronunciando juizos e condemnações antes de proceder a uma devassa regular, e que realisasse uma especie de instrucção criminal, sem ter visto nem ouvido o accusado.

Foi sem allegar razão alguma e sem se dar mesmo ao trabalho de procurar um pretexto, que mandou prender Diogo Colombo, irmão do almirante e o remetteu, carregado de ferros, para bordo de uma caravela.

Informado que o almirante havia chegado ao porto da *Conception*, mandou-o prender e conduzir á fortaleza.

Colombo era então um velho de setenta annos, respeitavel por sua idade, pela incontestavel superioridade de seu espirito, e pelos immensos serviços que havia prestado, descobrindo, acreditava-se então, o caminho maritimo das Indias, que tanto importava aos interesses commerciaes da Europa.

A ordem de acorrentar o almirante, homem por todos acatado, magoou até os seus proprios inimigos. Quando trouxeram as algemas, todos que se achavam presentes recuaram á idéa de lh'as lançar aos pulsos. Foi um de seus proprios famulos, « um cozinheiro imprudente e desfaçado, diz Las Casas, que se encarregou de o fazer. » Desempenhou isto com tanta presteza e contentamento, como se servisse algumas iguarias saborosas. « Conhecia este miseravel, accrescenta Las Casas; chamava-se Espinosa. »

Bartholomeu, o outro irmão de Colombo, occupava-se na provincia de Xaregua, em perseguir os rebeldes, á frente de numerosa turba. Como era homem de muita coragem, receiou Bobadilla que sabendo da prisão de seu irmão, tomasse algum partido violento. Mandou pedir ao almirante para que conseguisse delle submetter-se sem resistencia ás ordens do rei e da rainha. Colombo consentio, e Bartholomeu, depois de receber a carta de seu irmão, deixou lançarem-lhe as cadêas que lhe estavam preparadas.

VI

Fernando e Isabel nunca tiveram idéa de inflingir tão grande ultraje a Colombo. Foi Bobadilla quem, insinuado pelo bispo Fonseca, superintendente dos negocios geraes das Indias occidentaes, interpretou as ordens a seu modo. Applicou ao proprio Colombo as medidas severas prescriptas pelo rei e pela rainha contra quem fosse reconhecido culpado de rebellião. Mas para que Colombo fosse qualificado de rebelde, era mister estabelecer que se havia revoltado contra o governo de Hespanha, e não se tratava d'isto, ou contra as autoridades de São Domingos, isto é, contra Bobadilla, o que era absurdo, visto que estes dous homens nunca se tinham avistado.

A culpa dos soberanos de Hespanha era terem investido de poder quasi absoluto um homem tal como Bobadilla.

Quando se apresentaram os navios que deviam conduzir os presos á Hespanha, Alonso de Villejo, official hespanhol a quem Bobadilla confiára a guarda, foi buscal-os á cidadela. Vendo-o entrar com a escolta:

« Villejo, lhe disse Colombo; onde me conduzes? ao cadafalso?

— Não, excellentissimo, replicou o official; conduzo-o a bordo para embarcar.

— Embarcar! replicou vivamente o almirante; Villejo, é isso verdade?

— Por vida de Vossa Excellencia, respondeu o official, que é verdade! »

O mestre da caravela, Andrias Martin, e Villejo, estavam animados dos mesmos gonerosos sentimentos. Trataram sempre o almirante com profundo respeito e tiveram para com elle as mais delicadas attenções. Entrando no mar largo, quizeram-lhe tirar os ferros, Colombo oppoz-se com energia.

« Foram-me lançados, contestou elle, por ordem de Fernando e Isabel; cabe aos soberanos ordenar que elles me sejam tirados! »

Quiz mais tarde, diz Fernando, seu filho, conservar as correntes como recompensa de seus serviços. Guardou-as sempre em sua camara e ordenou que morto as enterrassem com elle.

Chegando a Cadiz a 20 de Novembro de 1500, Christovão Colombo escreveu ao rei, que mandou immediatamente ordem de o soltar. « O rei, diz Fernando Colombo, deu-lhe resposta muito amigavel. Notava a dôr que experimentára sabendo do modo por que Bobadilla o tratára, e lhe pedia que fosse immediatamente á côrte, onde lhe promettia conceder quanto desejasse.»

A noticia, que o proprio Colombo, descobridor das Indias occidentaes, fôra reconduzido á Hespanha preso e carregado de ferros, causou por toda a parte profunda sensação. Um geral movimento de indignação rebentou contra aquelle que inflingira semelhante tratamento a um homem cujos brilhantes serviços haviam merecido o reconhecimento nacional. A reacção que se produzio na opinião publica, teve resultado contrario ao que espe-

ravam Fonseca e Bobadilla levando ao extremo a violencia e o odio.

Pedindo a Colombo que fosse à côrte, os soberanos mandaram que se lhe désse dous mil ducados, afim que ahi se podesse apresentar nas condições de sua hierarchia. Receberam-o com benevolencia e distincção sem iguaes.

No momento em que a rainha vio encaminhar-se para ella, aquelle venerando ancião, aquelle marinheiro corajoso e audaz, a quem a Europa devia a mais brilhante das descobertas maritimas, tudo quanto conseguira e quanto soffrera se apresentou ao espirito de Isabel, que não pôde conter lagrimas de commoção.

Vendo-se acolhido com tanta bondade, apercebendo rasos de agua os olhos da rainha, os sentimentos de Colombo, até então reprimidos, expandiram-se com violencia. Cahio de joelhos e os soluços lhe embargaram durante algum tempo o uso da voz.

Depois de algumas palavras benignas, o rei perguntou a Colombo o que podia fazer para reparar a affronta que recebera. Resolveu-se, em conselho, enviar a São Domingos um governador encarregado de proclamar a innocencia do almirante e de seus irmãos, obrigar Bobadilla a restituir aquillo de que se havia apoderado, dar a Colombo quanto lhe era concedido por suas cartas patentes e processar os rebeldes das Indias.

O novo governador nomeado pelo rei foi D. Nicolas de Avendo, commendador de Lares.

A emulação despertada pelos descobrimentos de Colombo fez com que emprehendessem, em Portugal, Inglaterra,

Italia, expedições, algumas das quaes produziram exito brilhante. Em 1497, Sebastião Cabot, filho de um mercador venesiano estabelecido em Bristol, navegando em serviço do rei Henrique VII, da Inglaterra, descobrio a ilha da *Terra-Nova*, costeou o Lavrador até 56° de latitude septentrional, e retrocedendo, dirigio-se ao sudoeste para a *Florida*. No mesmo anno, Vasco da Gama dobrou o cabo da Boa Esperança e franqueou d'este modo o verdadeiro caminho das Indias que ha tanto tempo se procurava. Em 1500, Pinzon tomou posse, em nome dos soberanos de Hespanha, da parte do continente do novo mundo, que depois se chamou Brasil, etc.

Colombo, que se achava então em Granada occupado em reparar do melhor modo que lhe era possivel o mal que lhe causára Bobadilla, não pôde ouvir a sangue frio a narrativa de todas estas descobertas. Inflammado em nova emulação, resolveu coroar a sua vida com a realisação de um grande projecto, cujo plano confiou a Isabel.

O plano foi adoptado, e, em Outubro de 1501, Colombo recebeu ordem de se dirigir a Sevilha, para realisar os preparativos de sua quarta viagem.

Partio de Cadiz, a 9 de Maio de 1502, com quatro navios. Chegou, depois de prospera viagem ás aguas de São Domingos. Uma tempestade sobranceira urgio que entrasse no porto, mas foi-lhe recusada autorisação. Esta medida era recommendada pela prudencia, no momento em que a ilha estava povoada de seus mais ardentes inimigos.

Depois de soffrer tão aspera recusa, Colombo, vendo que a frota hespanhola, que estava no porto, se dispunha

a partir, e comprehendendo os perigos que a esperavam ao largo mandou previnir Bobadilla que se a esquadra se fizesse á vela n'este momento, estava perdida, em vista do estado do mar. O governador não fez caso do aviso e mandou navegar.

Apenas a esquadrilha alcançou a ponta da ilha, o temporal desencadeou-se com toda a furia. Submergio o navio em que se achava Bobadilla e os mais encarniçados inimigos de Colombo, assim como as riquezas que haviam obtido pelas mais indignas acções e crueis injustiças. A maior parte dos outros navios da esquadra naufragaram. Quanto á pequena esquadrilha de Colombo soffreu muito, mas só perdeu uma chalupa.

A 30 de Julho, Colombo, descobrio a algumas legoas da costa de Honduras, a *ilha dos Pinheiros*, assim como outras muitas mais pequenas.

Colombo, acossado sempre pela tormenta, chegou a Jamaica. D'ali navegou para a terra firme, apezar do vento e da correnteza, que lhe eram contrarios. Pairou assim durante dous mezes, sem poder entrar em porto algum. A final alcançou o cabo *Gratias a Dios*, que pertence ao continente do novo mundo.

Por espaço de oitenta e oito dias, lutou contra as procellas, sem divisar sol nem estrellas. Os navios abriam agua por todos os lados; as velas estavam espedaçadas, os cabos partidos, as ancoras perdidas, como as provisões. Os tripolantes estavam pela maior parte doentes. O proprio Colombo esteve muitas vezes ás portas da morte. Fernando seu filho de trese annos de idade, partilhava todas as suas fadigas, e ainda mais, tratava dos enfermos.

Colombo, durante a ultima viagem ao longo do continente do novo mundo, conservou-se sempre na mesma illusão. Acreditava-se na Asia e em sua mente lembrava-se de continuo das descripções de Marco Polo ás Indias. Se tivesse attendido ás informações que lhe ministraram os indios, se não estivesse tão doente e alquebrado, teria sem duvida chegado ás regiões meridionaes, mais abundantes em ouro e ricas producções vegetaes.

Depois de haver dobrado o cabo continental *Gratias a Dios*, Colombo aproou direito ao sul, ao longo da costa dos *Mosquitos*, e passou perto de *Simonares*, grupo de doze ilhas. Quando navegou umas sessenta legoas ao longo da costa, ancorou perto de uma ribeira, para se munir de agua e lenha. Mas em breve o mar se enfureceu, submergio uma de suas barcas, e toda a tripolação pereceu no abysmo.

Abandonou estas paragens e continuou, durante ainda alguns dias, a acompanhar a costa. Os navios quasi não podiam prestar serviço. Alcançou, depois de varias peripecias, a costa que tem hoje o nome de *isthmo de Panamá*. Julgou poder encontrar um estreito entre o isthmo. Desenganado, resolveu pôr a final termo a tão longa viagem.

Os hespanhóes, n'este ultimo reconhecimento, tiveram de sustentar muitos recontros com os indigenas.

Somos forçados a passar em silencio grande copia de acontecimentos e desastres, cuja narração se encontra nas obras de Las Casas, Pedro Martyr, Fernando Colombo, Washington Irwing, Navarrete e outros.

Após uma serie de medonhos temporaes, Colombo

chegou, com a frota desmantelada, a um porto que appellidou *São Gloria* (hoje bahia de *D. Christovão*). Os navios não podendo já affrontar o mar, ordenou que os encalhassem a alcance de tiro de arco da margem e fez construir, á pôpa e prôa d'estes, beliches cobertos de colmo para abrigar a marinhagem. Escaceavam as munições, e os hespanhóes se haviam portado de modo a não merecer compaixão da parte dos indigenas. No emtanto os caciques dos paizes visinhos consentiram em lhes ministrar alguns viveres.

Mas preparava-se uma revolta em parte das tripolações. Grande foi o motim em que em breve proromperam. Colombo, bem que doente e trucidado pela gotta levantou-se e sahio, mal firme, do seu camarim. Os revoltosos, tendo á frente um salteador feroz, erguiam aos ares gritos sediciosos, brandindo as armas. Colombo foi obrigado a lançar mão de uma lança para defender-se. No emtanto os que se lhe conservaram fieis se grupavam em torno d'elle e o arrastaram, com medo que o asssassinassem. Os revoltosos, separando-se desde logo de seus compatriotas, affastaram-se lançando mão das chalupas e das canôas.

Colombo não tinha outra alternativa de salvação mais que fazer com que a sua situação fosse conhecida de Aguado, novo governador de S. Domingos. Diogo Mendes, homem honrado e corajoso, lhe era inteiramente dedicado. Encarregou-o d'esta commissão perigosa.

Tinha quarenta legoas a navegar, n'esta fragil canôa, atravessando um golpho cujas aguas estavam muito agitadas. O valente mensageiro partio para comprir a sua

incumbencia e mandar soccorros ao commandante e seus companheiros, naufragos e perdidos na costa inhospita da Jamaica.

Oito mezes decorreram sem que recebesse noticia alguma! A final, uma tarde, vio-se aproximar uma grande canôa. O commandante era um certo Escobar, que fôra condemnado á morte como revoltoso, no tempo da administração de Colombo. O governador de São Domingos escolhera este homem para ser portador de uma carta para Colombo, acompanhando-a, por unica provisão um barril de vinho e um quarto de porco.

Escobar disse ao almirante que vinha encarregado pelo governador, de exprimir-lhe a parte que tomára no seu infortunio e o sentimento de não ter fundeado um grande navio para o reconduzir, bem como á sua gente; mas que lh'o enviaria o mais breve que pudesse; accrescentando que, se Colombo tinha cartas para o governador, pedia que lh'as entregasse, visto que immediatamente devia partir.

Colombo apressou-se em escrever ao commendador. Pintou-lhe os horrores e perigos de sua situação. Exprimio-lhe a confiança que depositava em suas promessas, e lhe recommendava Diogo Mendes, que enviára a São Domingos pedindo soccorro. Escobar recebeu a carta e partio.

O governador Avendo deferira por tanto tempo a remessa de auxilios a Colombo porque contava que o almirante, cuja presença temia em São Domingos, morreria na Jamaica, a bordo do navio encalhado.

Dous navios largaram a final para soccorrer a esquadra

naufragada na Jamaica. Um mandado pelo governador, outro fretado por Mendez.

A 28 de Junho de 1504, Colombo e a sua tripolação, acolhidos por seus salvadores, conseguiram sahir dos navios desmantelados. A 10 de Agosto sómente, por causa de ventos contrarios, puderam ancorar no porto de São Domingos.

Todos os odios que ainda contra elle existiam dissiparam-se ouvindo a narração de seus infortunios. As attenções que foram recusadas a seu merito concederam-se á sua desventura. O governador e os principaes habitantes foram ao seu encontro. Recebido pela população com demonstração de enthusiasmo, foi hospede do governador.

Avendo pouca importancia déra aos negocios de Colombo durante a sua longa ausencia. Administrou muito mal a colonia. Ordenou contra os infelizes indigenas, expoliações, assassinatos, morticinios. Quando em Hespanha se soube d'este procedimento, excitou a indignação e o horror da rainha Isabel.

A soberana achava-se gravemente enferma quando soube d'estas tristes occorrencias. Antes de expirar pedio e obteve do rei promessa que Avendo seria immediatamente destituido. Mas Fernando só quatro annos depois cumprio sua palavra.

O almirante largou a 12 de Setembro para voltar á Hespanha. Esteve muito doente durante toda a viagem, que foi cortada por continuos temporaes. A 7 de Novembro ancorou no porto de São Lucas. D'ahi, transportou-se a Sevilha. Depois de alguns dias de repouso, dirigio-se á côrte.

A rainha Isabel fallecera em sua ausencia. Colombo sentio profunda dôr com a perda de sua protectora. O rei, que o tratou sempre com frieza, procurava algum meio honesto de o despojar dos direitos que lhe havia conferido em suas cartas patentes. Tel-o-hia posto por obra sem mais detenção, se não temesse passar por ingrato aos olhos da Europa. Limitou-se em propôr a Colombo que renunciasse ás pretenções que podia ter sobre os paizes descobertos, promettendo dar-lhe em compensação, diversos cargos na Hespanha.

Todas estas amarguras e injustiças augmentavam a tristeza que devorava a alma do grande navegante, em completo desfavor. A gotta, que o prendia ao leito, arrebatou-o a 20 de Maio de 1506.

Enterrou-se com muita pompa, na cathedral de Sevilha. Gravaram, por ordem do rei, em seu tumulo este ephitaphio rimado:

« Por Castilla y por Leon
« Nuevo mundo hallo Colon. »

Washington Irwing, refere ácerca dos ultimos dias da vida de Colombo interessantes pormenores, conforme autores contemporaneos. As ultimas palavras que pronunciou foram:

« *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.*
« Em tuas mãos, Senhor, entrego o meu espirito. »

Colombo nos setenta annos que viveu, só gozou de alguma felicidade nos tres annos que seguiram á descoberta

YC 27863

M311708